

The Project Gutenberg eBook of Historia de um beijo, by Enrique Pérez Escrich

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Historia de um beijo

Author: Enrique Pérez Escrich

Translator: A. J. Lione Soutelo

Release Date: June 13, 2010 [EBook #32793]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK HISTORIA DE UM BEIJO ***

XLVII
Colecção
Horas de Leitura

Enrique Perez Escrich

HISTORIA DE UM BEIJO

2.^a Edição

1912
GUIMARÃES & C.^a—Editores
68, Rua do Mundo (Ex. Rua de S. Roque), 70
LISBOA

Historia de um Beijo

Colecção Horas de Leitura

Obras publicadas, a 200 réis o volume

- 1 a 4—**Ivanhoé**, de W. Scott, (2.ª edição) 800
- 5—**O frade negro**, por Clemencia Robert, (2.ª edição) 200
- 6 e 7—**As Semi-Virgens**, de Marcello Prévost, (3.ª edição ilustrada) 400
- 8—**Werther**, de Goethe, (3.ª edição ilustrada) 400
- 9—**Madame Flirt**, de Jaques Yvel, (2.ª edição) 200
- 10 a 12—**A Taberna**, de Zola, (2.ª edição) 600
- 13—**O Vigário de Wakefield**, de Goldsmith, (2.ª edição) 200
- 14—**A vida aos vinte annos**, de Dumas, filho, (2.ª edição) 200
- 15—**A agua profunda**, de Bourget, (2.ª edição) 200
- 16—**O dominó amarello**, de Marcello Prévost, (2.ª edição) 200
- 17—**Cortezã**, de A Belot, (2.ª edição) 200
- 18—**O Rosquedo**, de Delfim Guimarães, (2.ª edição) 200
- 19—**Os Vagabundos**, de Maximo Gorki, (3.ª edição) 200
- 20—**A escravidão moderna**, de Tolstoi, (2.ª edição) 200
- 21—**Os degenerados**, de Maximo Gorki, (3.ª edição) 200
- 22—**A Dama das camelias**, de Dumas, filho, (3.ª edição ilustrada) 200
- 23—**As Virgens**, de G. d'Annunzio, (2.ª edição) 200
- 24—**Na prisão**, de Maximo Gorki, (2.ª edição) 200
- 25 e 26—**A Dama das perolas**, de Dumas, filho, 400
- 27—**Varenka Olessova**, de Maximo Gorki, 200
- 28—**O jardim dos supplicios**, de Octavio Mirbeau, (2.ª edição) 200
- 29—**Saudades**, (Menina e Moça) de Bernardim Ribeiro, (2.ª edição) 200
- 30—**Na Estepa**, de Maximo Gorki, 200
- 31—**Nami-ko**, Tokatomi, 200
- 32—**Um conchego de Solteirão**, Balzac, (2.ª edição) 200
- 33—**Sapho**, de Daudet, (a sahir 2.ª edição)
- 34—**Um começo de vida**, de Balzac, 200
- 35 e 36—**O Paraiso das Damas**, de Zola, (esgotado)
- 37—**Amor e liberdade**, de Tolstoi, (esgotado)
- 38—**Casamento de Amor**, de Theuriet, (esgotado)
- 39 e 40—**Illusões perdidas**, de Balzac, 400
- 41 e 42—**Esplendores e miserias das cortezãs**, de Balzac, 400
- 43—**A ultima incarnação de Vautrin**, de Balzac, 200
- 44—**Mater dolorosa**, de Ernesto Daudet, 200
- 45—**O Immortal**, de Affonso Daudet, 200
- 46—**Ares do Minho**, de Delfim Guimarães, 200
- 47—**Historia d'um beijo**, de E. Perez Escrich, 200
- 48—**O intruso**, de Gabriel d'Annunzio, (esgotado)
- 49—**A mulher de 30 annos**, de Balzac, 200
- 50 e 51—**Germinal**, de Zola, 400
- 52—**O crime de Silvestre Bonnard**, de Anatolio France, 200
- 53—**Miseraveis**, (Cañas y barro) de Blasco Ibañez, 200
- 54—**O Abade Constantino**, de L. Halévy, 200
- 55—**O Dr. Rameau**, de Jorge Ohnet, 200
- 56—**Agua corrente**, de Severo Portella, 200
- 57—**O luxo dos outros**, de Bourget, 200
- 58—**O tio Goriot**, de Balzac, 200
- 59 e 60—**A derrocada**, de Zola, 400

- 61—**O canto do Cysne**, de Tolstoi, 200
62—**Contos**, de G. de Maupassant, 200
63 e 64—**Náná**, de Zola, 400
65—**A Sonata de Kreutzer**, de Tolstoi, 200
66—**O Padre Maldito**, de Silva Pinto, 200
67—**Paulo e Virginia**, de Sain-Pierre, 200
68 e 69—**O Dinheiro**, de Zola, 400
70—**Confissão d'um Amante**, de Prévost, 200
71—**A sepultura de ferro**, de H. Conscience, 200
72—**A musa do departamento**, de Balzac, 200
73 e 74—**A Obra**, de Zola, 400
75—**Genoveva**, de A. de Lamartine, 200
76—**Um filho do povo**, de Escrich, 200
77 e 78—**O crime do padre Mouret**, de Zola, 400
79—**Casamentos fidalgos**, de Feuillet, 200
80—**Amor tragico**, de A. Hermant, 200
81—**A Religiosa**, de Diderot, 200
82 a 84—**Ana Karenine**, de Tolstoi, 600

COLECCÃO HORAS DE LEITURA

Enrique Perez Escrich

**Historia
de um Beijo**

TRADUÇÃO DE

A. J. LIONE SOUTELLO

2.^a Edição

1912
GUIMARÃES & C.^a—Editores
68, Rua do Mundo (Ex. Rua de S. Roque), 70
LISBOA

{5}

CAPITULO I

Uma chavena de café

Um beijo é muitas vezes a esmola que faz uma mulher a uns labios lisonjeiros; outras um pedaço d'alma que se escapa pela bôcca. No primeiro caso o homem é a victima, no segundo é a mulher.

Existem na terra creaturas tão bem organisadas, corações tão generosos, que não necessitam ser correspondidas para amar com toda a sua alma, para terem gravada em seu coração uma imagem querida.

Estes entes soffrem com o rosto sereno e choram com o sorriso nos labios, porque se chora de dois modos: umas vezes deixando correr as lagrimas, outras recolhendo-se ao coração a queimarem essa bella flôr da juventude chamada a esperança.

A vida n'estes casos é um desejo infinito que se afoga em pranto porque se vê a felicidade que se deseja rodeada de uma muralha cheia de impossiveis. Se pudesse conquistar-se a tiro, conhecer-se-hiam os nomes de muitos heroes ignorados.

A incerteza, essa anciedade da alma que tem o poder de reduzir e prolongar o tempo segundo o seu capricho, faz-se sempre sujeita á poderosa magia de uma syllaba. Um *sim*, resoa docemente no ouvido do namorado e tem a encantadora poesia do mez de Maio com os seus perfumes, as suas flôres, e o harmonioso canto das aves; um *não*, tem a aridez do deserto, a melancholia da desgraça, a solidão da morte.

Vou, pois, contar-lhes uma historia sentida, um gemido do coração.

Vou dar-lhes a conhecer a protogonista do meu livro e supplico-lhes o perdão para a fraqueza da sua alma: o coquettismo. {6}

Chama-se Amparo, nome cujas seis letras encerram uma promessa de amor nunca realisada.

Procurarei pintar com as côres da verdade o seu rosto, formoso como um sonho da adolescencia; a sua fronte radiante como a luz do sol quando apparece, ao romper do dia, do fundo do mar; os seus olhos claros e expressivos através dos quaes se lêem todas as impressões da sua alma, sensivel como as harpas das filhas de Sião que vibram ao menor sopro do zephiro.

Se os impressionam as scenas terriveis, as grandes catastrophes, as situações inverosimeis, fechem o meu livro, porque em suas paginas só acharão a historia de um coração que se partiu em pedaços.

Ernesto foi para Roma, pensionista do governo hespanhol. Era um rapaz de 25 annos, cheio de vida, de illusões, um genio; muitas vezes nos seus sonhos de pintor julgava egualar-se a Velasquez, Murillo e todos esses grandes homens que brilham em primeiro logar na historia da pintura hespanhola.

Vivia n'uma pequena casa nas immediações da Cidade Eterna, a Deusa da arte; pensando na gloria, trabalhando sempre, porque Ernesto era um sonhador infatigavel, o mundo para elle resumia-se nos seus quadros, nos seus pinceis, na sua paleta.

Nunca amara senão sua mãe, que já tinha morrido, e a gloria, que desejava alcançar.

Coração impressionavel, mas adormecido, as mulheres eram para elle como flôres formosas de um jardim.

N'uma palavra, Ernesto ainda não tinha encontrado o seu bello ideal, o perfume da sua alma.

A mulher formosa, para elle, só era uma bella obra onde o grande artista, que se chama a natureza, derramara os seus mais preciosos dotes.

Vejam, pois, como a casualidade lhe proporcionou o meio de pagar de um modo terrivel o tributo das almas sensiveis, que é o amor. {7}

Como dissémos, Ernesto habitava uma casinha nas proximidades de Roma.

O *atelier*, situado na parte que dava para o jardim, recebia a luz de duas grandes janellas por onde entravam os caprichos e interessantes braços de algumas trepadeiras.

Era uma tarde do mez de Maio. Ernesto estava retocando uma figura quando veiu o creado dizer-lhe que um cavalheiro e uma senhora desejavam falar-lhe.

—São hespanhoes, disse o criado, e parece-me que o conhecem.

—Hespanhoes? exclamou Ernesto, largando a paleta. Que entrem immediatamente!

Ernesto dirigiu-se para a porta seguindo o creado, quando ouviu uma voz que lhe não era desconhecida, dizendo:

—Onde está este mau hespanhol, que é preciso vir a Roma, á Via Appia para lhe dar um abraço?

—Oh! é o sr. D. Ventura! exclamou o pintor, vendo entrar um sujeito d'uns 50 annos, dando o braço a uma menina tão formosa como elegante.

—Sim, sou eu, querido pintor, sou eu, o D. Ventura do café Suisso, o amigo dos artistas, o entusiasta pela divina arte de Apollo; eu que, apesar do meu entusiasmo pela pintura, nunca soube collocar n'um rosto o nariz no seu verdadeiro lagar. Mas, senta-te, querida Amparo, senta-te; os homens do talento são sem-cerimonia como aldeãos, e francos como a verdade—e apoz

pequena pausa, continuou:

—Começarei por pedir-lhe duas chavenas de café.

Ernesto deu ao creado as ordens necessarias.

A joven, que se sentara n'uma cadeira d'onde distrahidamente contemplava os quadros do *atelier*, dispensou um sorriso de cumprimento ao pintor, deixando vêr uns dentes pequenos como os de uma creança, e brancos como o miolo do coco.

Tudo o que é bello attrae irresistivelmente os homens de talento.

Ernesto fitou a joven.

{8}

Amparo teria 20 annos. O seu rosto de uma graça attrahente, provocadora, via-se quasi animado por um d'esses sorrisos em que ficamos em duvida se são a manifestação do coquettismo ou a ternura da alma.

Os seus labios bastante vermelhos e humidos pelo constante roçar dos dentes, ficavam ás vezes entreabertos como se fossem a exhalar um suspiro ou a receber um beijo.

Os seus olhos eram grandes e negros como amoras maduras; mas tão movimentados, tão inquietos, tão cheios de vida, tão promptos em manifestar as impressões da alma, que tão depressa se viam enlanguescer com a sombra embriagadora de um amor platónico, como brilhar com todo o fogo da paixão que conduziu Ovidio a um calabouço e Sapho á morte.

Ernesto estudava dissimuladamente aquella joven que tão profunda sensação causava na sua alma, virgem das terriveis tempestades do amor; e, cousa rara, o seu genio de artista, tão depressa encontrava em Amparo a belleza sensual e provocadora das mulheres de Rubens, como o pudor candido das virgens de Murillo.

Emquanto a D. Ventura só diremos que era um homem de 50 annos, calvo, com os poucos cabellos que possuia já grisalhos, um rosto cheio de saude e alegria; n'uma palavra, uma d'estas physionomias que sorriem sempre, até quando choram; o typo, emfim do honrado commerciante que conseguiu, depois de muitos annos de trabalho, reunir um peculio que o livra de necessidades na velhice.

Amparo era filha unica; fôra educada n'um dos melhores collegios de Madrid, e possuia um dote de quatro milhões de psetas para quando achasse quem a merecesse.

D. Ventura era feliz, revendo-se na filha, nova, formosa, vivaz e alegre; tocava piano com bastante correcção, cantava regularmente e pintava quasi com tanta perfeição como o divino Raphael.

Amparo era, por assim dizer, rainha absoluta, e seu pae um ministro bastante condescendente.

{9}

A mulher nova e livre, quando a riqueza lhe permiteprehender viagens de recreio durante a estação calmosa, precisa de alguma cousa mais do que mudar de paiz para distrahir-se; a viagem torna-se fastidiosa se a alma não toma parte e o coquettismo não esgrime as suas armas, tão deliciosas como traidoras, para matar o tempo.

Fazer uma conquista sem graves compromissos, sem funestos resultados, n'um commodo *wagon-lit*; trocar olhares expressivos com qualquer mancebo pela praia de Biarritz ou no cume das montanhas da Suissa, tem tantos attractivos para as jovens viajantes!... É tão agradável ao coração de uma mulher encontrar a duzentas leguas da patria um patricio que se torne seu escravo, que esteja disposto a salvá-la, a defendê-la e juncar-lhe de flôres a terra que pisa, que não póde resistir á tentação de pôr em jogo todas as suas seducções.

Demais, a mulher tem a facilidade de comprehender a impressão que causa e sabe aproveitar-se d'ella. Quando volta o inverno, quando as primeiras nuvens do outomno as obriga a recolher aos seus lares, esses ternos bandos de aves emigradoras, com saias de *piquet*, chapéu de palha e botas brancas, recordam-se então já ao calor do fogão, de todas as loucuras, de todas as innocentes concessões feitas ao ar livre e poetisadas pelo vento da montanha ou pela brisa do mar; e como não ha mulher que não saiba calcular, como o melhor mathematico, pensa se deve acabar ou continuar com os amores do verão.

Amparo, pois, encontrou casualmente Ernesto em Roma. Tinha ouvido dizer que possuia talento; agradaram-lhe alguns quadros que viu no *atelier*, e não lhe parecendo má a figura do pintor, dirigiu-lhe alguns olhares e sorrisos, d'esses que no coração de um homem sincero e apaixonado causam uma terrivel tempestade.

Não pensava a joven que aquelle coquettismo era condemnado pelo bom-senso. Empregou-o com a mais santa intenção, apesar de começar a sentir-se aborrecida em Roma, onde andava só com seu pae por toda a parte. Ernesto, então, foi olhado, como um recurso, como uma distracção.

{10}

Quando Amparo sahiu de casa do pintor, ia convicta de que o tinha captivado.

—Pensará em mim, disse ella, virá vêr-me, falaremos de pintura, de musica e d'esta fórmula

aborrecer-me-hei menos.

Amparo ignorava ainda as terríveis consequências que os seus olhares e sorriso deviam exercer na alma do artista. Se o soubesse, indubitavelmente se teria absterido, porque o seu coração era bom, generoso e tão impressionável, que se commovia ante a mais ligeira contrariedade, como a folha do trémulo alamo ante o mais ligeiro sopro do zephiro.

CAPITULO II

Uma noite no Colyseu

Quando Ernesto ficou só, em vez de pegar na paleta e nos pinceis aproximou-se da janella e ficou pensando na joven hespanhola que acabava de sahir.

Depois de uma hora de meditação, retirou-se da janella, dizendo para consigo:

—Se me encomendassem um quadro onde figurasse alguma das tres encantadoras filhas de Jupiter e de Eurinome pediria a Amparo para me servir de modelo.

E, tomado de uma subita inspiração, pegou na paleta e nos pinceis e começou a pintar, n'um pedaço de tela, uma cabeça, mas com tanta rapidez que, em vinte minutos, estava completamente esboçada.

Afastou-se um pouco do cavallette para examinar o seu trabalho, e disse:

—Sim, é ella. Tenho boa memoria.

{11}

E como não se contentasse com a sua opinião, chamou o creado e perguntou-lhe:

—Com quem se parece esta cabeça?

—Bravo! Com quem se ha-de parecer? Com a senhora que esteve cá, respondeu o creado sem vacillar. Não é preciso ser muito esperto para a reconhecer.

Ernesto tornou a pegar nos pinceis e retocou o seu trabalho.

Duas horas depois tinha terminado um soberbo retrato de Amparo, que o pintor mais escrupuloso não recearia pôr em exposição.

Tinha promettido a D. Ventura ir no dia seguinte almoçar com elle ao hotel de Londres na praça de Hespanha, onde estavam hospedados.

Ernesto levantou-se cedo, fez a barba, vestiu-se com mais cuidado do que de costume, admirando-se de ter gasto tanto tempo ao espelho.

Assim que terminou a sua *toilette*, satisfeito de si mesmo, enrolou a tela com o retrato de Amparo, embrulhou-a n'um papel e sahiu de casa dizendo ao creado que tinha o dia livre, visto não voltar senão á noite.

D. Ventura e a filha occupavam dois quartos no primeiro andar do hotel de Londres.

Quando Ernesto subia a escada ouviu os accordes de um piano. Deteve-se: tocavam a magnifica symphonia de *Guilherme Tell*.

—Será Amparo? pensou elle.

E vendo um creado no corredor, disse-lhe:

—Qual é o quarto do sr. D. Ventura d'Aguillar?

—O seis: ahi onde estão tocando.

Ernesto não se tinha enganado: era Amparo quem tão magnificamente interpretava uma das mais bellas composições de Rossini.

Receoso de interromper aquella brilhante corrente de notas que tão docemente resoavam no coração, esperou junto da porta que terminasse a symphonia.

Logo que ella acabou bateu á porta.

—Entre, disse D. Ventura.

Entrou. Amparo estava ainda sentada ao piano. Por cima d'este estava um grande espelho e no limpido crystal Ernesto viu retratado o encantador rosto de Amparo, que sorria, enviando-lhe um

{12}

olhar que o perturbou por um momento.

—Bravo, é um homem de palavra, disse D. Ventura. Ahi está uma qualidade que não é muito vulgar nos artistas.

—Então não me esperavam?

—Eu esperava, mas o meu pae, não, disse Amparo, fazendo girar o banco do piano, até ficar voltada para o pintor.

Amparo tinha um vestido tão simples como elegante. O seu cabelo negro e frizado, estava atado com uma fita azul que fazia realçar a brancura do seu rosto e o tom rosado das faces.

O pintor achou-a muito mais formosa do que no dia anterior.

De bôa-vontade ficaria contemplando o encantador modelo que tinha ante si; mas isso além de inconveniente seria ridiculo.

A donzella, por seu lado, olhava o pintor com o mais seductor dos seus olhares e enviava-lhe o mais bello dos seus sorrisos.

Comprehendera o que se passava na alma de Ernesto. Só D. Ventura não via nada. É bem certo o dictado que diz que os paes são todos myopes.

—Que traz ahi, sr. Ernesto? É algum quadro? perguntou Amparo vendo o rolo que o pintor tinha na mão.

—Como estava distrahido! respondeu Ernesto. Hontem de tarde fiz um trabalho. É um atrevimento que espero me desculpem.

O pintor desenrolou a tela e apresentou-a, sorrindo-se.

A joven não pode conter um grito de assombro, e D. Ventura pronunciou uma interjeição.

—Sou eu!

—É a minha filha!

—É um retrato d'esta senhora, e venho offerecel-o como uma recordação da visita que tiveram a bondade de me fazer.

{13}

—São levados da breca estes pintores, exclamou D. Ventura. Como se póde reter na memoria de uma fórmula tão completa as feições de uma pessoa e passal-as para a tela com tanta verdade?! Porque és tu! Sim, tão parecida como duas gottas d'agua; muito mais parecida do que uma photographia.

Ernesto sorriu-se das admirações de D. Ventura. Amparo parecia agradecer-lhe com um olhar cheio de ternura aquella recordação tão delicada.

—Pois é a cousa mais facil do mundo, disse o pintor olhando para Amparo, comprometia-me a fazer outro d'aqui a tres annos sem me esquecer do menor detalhe do vestido e do penteado que tem n'esta occasião.

—Pegue-lhe na palavra, papá, disse Amparo, e d'aqui a tres annos, se nos encontrarmos em Madrid havemos de vel-o ficar mal.

—Fica encomendado o retrato. Mas agora parecia-me melhor que nos servissem o almoço e que pensassemos em que devemos entreter o dia.

—Já visitaram as *vilas* ou casas de campo dos arredores? perguntou Ernesto.

—Já visitámos uma... Como se chama a que vimos hontem? perguntou D. Ventura á filha.

—*Vila Aldobrandini*.

—É magnifica, mas está pouco menos do que abandonada. Deliciosa mansão se se arranjassem os jardins em fórmula de amphitheatro. O Dominiquino deixou-nos n'essa casa sumptuosa uns quadros inegalaveis. Faz pena ouvir, no meio de tanto abandono, o cadente murmuro das suas cascatas que se assimilham á harmonia dos orgãos aquaticos da antiguidade como ao mesmo tempo vêr as soberbas estatuas e outros objectos de esculptura de grande merito.

—Com franqueza não a achei grande cousa... como disseste que se chamava, Amparo?

—*Aldobrandini*, papá. Valha-o Deus, que cabeça a sua!

E Amparo trocou um sorriso com Ernesto.

—Podemos vêr outras que estão melhor conservadas, ajuntou o pintor. Por exemplo, é digna de visitar-se a *Vila Borghése* pelo seu grandioso lago, pelo hypodromo, pelo templo, pelos jardins e,

{14}

sobretudo, pelo rico museu de numismática, e se desejarem visitaremos a *Vila Albani* e o seu celebre museu. Os antigos romanos tiveram grande predileção pelas casas de campo. Os historiadores d'aquelle tempo contavam cousas fabulosas. Os poetas, esses sonhadores de todas as epochas, esses pobres loucos que não tendo um real de seu phantasia palacios e cascatas brilhantes, falam com grande entusiasmo das quintas que nos arredores de Roma possuía Cesar, Lucullo, Marcello, Nero, Pompeu, Salustio e muitos outros homens celebres; mas hoje não existem mais do que ruínas. A casa de campo de Mecenas, onde iam Augusto, Virgilio, Horacio, Plocio, Tiscca e Polion descançar das fadigas de Roma, converteram-se hoje em forja de um pobre ferreiro. Que ode tão sentimental escreveria o pudico auctor da *Eneida* se ressuscitasse ao contemplar as ruínas de Roma.

D. Ventura ouvia Ernesto de bôcca aberta. Tudo isto para elle era grego. Amparo não deixava de se sorrir. Entre elles começava a existir uma grande intimidade, a intimidade que produz as sympathias.

—Sabe o que desejo vêr, sr. Ernesto? disse Amparo. É o Colyseu. Li, não me recordo em que livro, que visto n'uma noite de luar é surprehendente.

—Os viajantes julgam segundo a impressão que os objectos produzem no seu temperamento. Por isso emquanto uns ao percorrer a Palestina a descrevem cheia de frondosidade e poesia que a adornava no tempo de Salomão, outros a classificam de um arido areal, um deserto insupportavel, pobre, povoado por tribus selvagens e ascorosas, mas o Colyseu começado por Vespasiano e acabado por Tito, visto, quer á luz do sol quer á da lua é verdadeiramente admiravel.

—Ainda assim prefiro vel-o de noite, disse Amparo.

—Então aproveitaremos o luar, e hoje mesmo se póde realizar o seu desejo.

—Que dizes a isso, papá?

—Que estou ao teu dispor.

—Fica, pois, combinado para esta noite.

{15}

Almoçaram como bons hespanhoes, depressa e sem lhe dar grande importancia, pois não é a Hespanha a terra dos Lucullos.

Do meio-dia ás 5 horas da tarde visitaram algumas casas de campo dos arredores de Roma.

D. Ventura estava encantado. Ernesto sabia tudo; era, como vulgarmente se diz, um livro aberto.

Não encontraram uma pedra, uma columna, um sepulchro do qual o pintor não soubesse a historia.

Amparo escutava-o com prazer. Encostando-se-lhe familiarmente ao braço fazia-lhe perguntas, principalmente quando encontrava alguma inscrição latina.

O dia passou-se agradavelmente para os tres; as horas foram curtas, e os laços de amizade estreitaram-se duplamente com aquelle agradável passeio.

Ás seis horas regressaram ao hotel. O jantar já os esperava. Depois metteram-se n'um trem que os conduziu ao Colyseu.

A noite estava serena; a lua no seu auge, e a sua clara luz banhava as colossaes ruínas onde em outros tempos oitenta e sete mil espectadores iam gozar o barbaro espectáculo das luctas humanas.

Então, o povo romano pedia pão e circo, e os imperadores tinham o cuidado de satisfazer os desejos da terrivel fera que dormia, lambendo-lhe os pés.

Ernesto levava os dois amigos a um e outro lado, esplicando-lhe com o mesmo conhecimento que poderia fazer-lhe um *cicerone* do tempo do imperador Claudio, descrevendo-lhe ao mesmo tempo aquellas terriveis luctas, dos adestrados gladiadores, cujo sangue regou com abundancia a arena do circo.

—Assistiram mulheres a esse barbaro espectáculo? perguntou Amparo.

—Ao principio era-lhes prohibida a entrada, respondeu Ernesto, mas depois foi auctorisada, reservando-lhes Octavio Augusto as bancadas mais altas do amphitheatro. Precisamente aqui onde estamos era a tribuna do imperador, e alli a das vestaes, cujo docel era igual ao do imperador. A este sitio chamava-se *Spoliarium*, para onde conduziam os cadaveres dos gladiadores ou os que estavam mortalmente feridos, puxando-os com um gancho de ferro. Esta obra colossal foi construida no curto espaço de quatro annos. Tinha setenta portas, sem contar com as entradas reservadas para o imperador e a sua côrte. As festas da inauguração no tempo de Flavio Sabino Tito duraram cem dias consecutivos, e n'ella perderam a vida dois mil gladiadores.

{16}

—Parece impossível que tão sanguinolentos espectáculos agradassem a mulheres, exclamou Amparo.

—A vida dos feridos, continuou Ernesto, quando caíam banhados de sangue na arena, ficavam sempre á disposição dos espectadores. O vencedor collocava a ponta da espada no peito do vencido e esperava que o publico lhe dissesse; «Mata» ou «Perdôa». Outras vezes o ferido arremessava as armas e caía ao pé das grades a implorar clemencia. Se os espectadores levantavam o dedo pollegar, concedia-se-lhe a vida; mas se o viravam para baixo, então o ferido apresentava o peito ao seu adversario para que o acabasse de matar.

—Mas perdoavam sempre? disse D. Ventura.

—Algumas vezes. Durante o reinado do infame Caracalla nem uma só vez se concedeu o indulto aos gladiadores vencidos. O povo romano de então, era tão feroz como sanguinario, e só gozava com a agonia dos seus semelhantes, pois, como disse o grande poeta inglez Lord Byron, ácerca dos costumes do povo, assim apparecem singelas e naturaes as cousas mais horriveis e sangrentas.

D. Ventura escutava em silencio o narrador, que lhe contava com a precisão de um bom livro, todas as horriveis scenas que tiveram logar no Colyseu.

Algumas vezes Amparo, para caminhar com mais segurança por aquellas sumptuosas ruínas, dava a mão a Ernesto. Aquellas duas mãos apertavam-se docemente, transmittindo um suave estremecimento.

D. Ventura era um homem de bem, mas um homem todo prosa; e aquillo tudo, apezar do luar e das descripções historicas de Ernesto, parecia-lhe um montão de ruínas, uma toca de lagartos. {17}

Comtudo, para não ser *desmancha-prazeres*, dizia de quando em quando:

—Soberbo! Magnifico!

Á meia-noite regressaram ao hotel.

Quando Ernesto se despediu, Amparo disse-lhe, apertando-lhe a mão e dirigindo-lhe um olhar cheio de doce esperança:

—Passei uma noite deliciosa. Estou certa de que sempre me lembrarei do Colyseu de Roma.

Para Ernesto aquella despedida foi uma promessa irmã da esperança, essa bella flôr que perfuma a alma.

CAPITULO III

Sonhos côr-de-rosa

Ernesto teve aquella noite um sonho côr-de-rosa, porque a bella Amparo foi o anjo do seu sonho.

Os homens de genio e sobretudo os pintores, quando pensam no amor, antes de amar, criam um typo perfeito como todas as sublimes creações da imaginação; uma d'essas mulheres de extraordinaria belleza cheia de luz, sem um *senão* no moral, sem um defeito no physico, perfeita de corpo e d'alma: mas quando chega o momento de, ou cançados do celibato, ou para pagar esse tributo de que poucos se salvam, chamado matrimonio, se decidem a casar, então já é outra cousa, pois muitas, mesmo muitissimas vezes a poesia se incarna na prosa, e depois... Satanaz toma parte activa na symphonia do matrimonio.

O amor é cego, e os homens e as mulheres devem resignar-se a não vêr bem, precisamente quando deviam ter olhos de lynce. {18}

Ernesto levantou-se alegre e cantando a symphonia de *Guilherme Tell*; e pensando em Amparo pegou na paleta e poz-se a pintar no seu quadro.

A filha do D. Ventura tinha-se photographado d'uma maneira tão profunda na sua imaginação, que o pintor achou sem saber como que uma das figuras do seu quadro tinha grandes parecências com Amparo. Admirou-se, mas agradeou-lhe ao mesmo tempo.

Ás dez horas largou a paleta, almoçou, e pegando n'uma folha de papel, poz-se a pintar uma aguarella do Colyseu visto á luz do luar.

—Isto será uma recordação dedicada a Amparo, disse elle. Dir-lhe-hei que a colloque no seu gabinete para que nunca se esqueça da noite que representa.

Ernesto esmerou-se marcando com arte e delicadeza todos os detalhes da aguarella. Collocou n'um ponto conveniente um pintor tirando o *croquis* do Colyseu, e ao seu lado um cavalheiro e uma joven.

Apezar das figuras terem apenas duas pollegadas, o pintor tinha o maximo empenho em que ficassem parecidas com os originaes que representavam. A empresa era difficil; mas por fim, apoz algum trabalho, conseguiu o que desejava.

Satisfeito com a sua obra e com a alegria do homem que sente na alma os primeiros perfumes do amor e julga causar uma surpresa agradável á provocadora dos seus sonhos, ao cair da tarde dirigiu-se para Roma.

D. Ventura e a filha estavam tomando café. Tinham acabado de jantar.

—Chega a proposito, disse D. Ventura.

—Dou-me por feliz, respondeu Ernesto, cumprimentando a joven.

—Sente-se e tome café connosco.

—Primeiro que tudo, desejo saber em que consiste a oportunidade da minha chegada.

—Aborreciamo-nos, disse Amparo, Roma é uma cidade morta; nem sequer tem theatros.

—Diz muito bem. Roma é um cadaver que todos os annos ressuscita pelo Carnaval, e vive um mez commettendo as mais excentricas loucuras; depois torna a cahir na soledade da tumba, até ao anno seguinte. {19}

—Quer dizer que errámos a epocha da nossa viagem, disse D. Ventura.

—Justamente. Mas se a sr.^a D. Amparo quizer ir ao theatro, temos actualmente um aberto.

—Qual?

—O do Tiano.

—Dizem que não é bonito.

—Sim, mas em compensação representam admiravelmente.

—Sabe, senhor Ernesto, que esta noite tive uma ideia? disse Amparo, cerrando docemente as palpebras para conservar a luz dos seus formosos olhos fixos no pintor.

—Estou crente, de que foi uma ideia sublime.

—Vaes ouvir, papá; o senhor Ernesto já disse que a minha ideia era sublime; agora só necessito que o papá a ache tambem.

—Olha que os artistas são muito adultores; não te fies n'elles. Mas vamos, dize qual é a tua ideia.

—Resume-se em deixarmos Roma e irmos passar um mez em Florença; mas com uma condição: que o senhor Ernesto nos acompanhe como nosso *cicerone*.

—Essa exigencia é uma loucura, filha da pouca experiencia propria da tua idade, disse D. Ventura. Ernesto está pintando um quadro que tem de mandar para a proxima exposição de Madrid, em setembro.

—Sim, o senhor Ernesto tem o quadro muito adeantado e d'aqui até setembro vão ainda quatro mezes, disse rapidamente Amparo, dirigindo ao pintor um olhar supplicante para que elle annuisse.

—Acceito sem vacillar, disse Ernesto, e dou as minhas razões. Preciso só de um mez para concluir o meu quadro. E antes de voltar a Hespanha tinha necessidade de ir a Florença para tirar uns *croquis* da *Venus de Medicis*, do *Grupo de Niobe* e de alguns quadros da escola flammenga que existem no celebre palacio de Pitti. Quero tambem tirar alguns *croquis* da *cathedral de Santa Maria de Fiore*, d'essa memoravel architectura da qual Miguel Angelo, disse ser impossivel fazer outra mais bella, pois era digna de servir de frontespicio ao Paraiso, e que o imperador Carlos V devia pô-la n'um estojo para melhor a conservar. Assim pois, tudo se resume em adeantar dois mezes a minha viagem a Florença. Quando partirem para Hespanha, eu regressarei a Roma para terminar o meu quadro, e prometto que o verão collocado n'um dos salões da Exposição no dia 20 de setembro. {20}

Amparo applaudiu, como uma creança que manifesta sem reserva a sua alegria. A viagem projectada por ella era encantadora. Grande foi o seu contentamento vendo que era acceite o seu plano, porque nada é tão grato ao coração de uma mulher joven, como realisar um dos seus sonhos côr-de-rosa que de vez em quando lhe acariciam a alma.

Na noite anterior deitara-se, pensando no seu poetico passeio ao Colyseu. Como o somno se

mostrasse rebelde, recapitulou na memoria até as mais pequeninas cousas acontecidas nas celebres ruinas.

Os olhares de Ernesto, os suaves apertos de mão, a lua que banhava, poetizando, as pardas e as derrubadas galerias do Colyseu, as descrições historicas que com doce e carinhoso accento narrava Ernesto, tudo isto formava um conjuncto agradável ao coração de Amparo.

Amava Ernesto? Nem ella mesmo sabia que responder a esta pergunta que fez pelo silencio da noite.

O pintor era novo, elegante, bem parecido, com uma educação pouco vulgar, e pelo menos era-lhe sympathico.

Como ha sempre algum egoismo no coração da mulher, Amparo pensou que continuar a sua viagem pela Italia acompanhada de Ernesto tinha muito mais encanto, era mais divertido do que viajar sósinha com o pae.

Amparo não pensou senão em si. Com algum conhecimento mais profundo da vida material dos artistas, isto é, a prosa do talento, teria pensado que talvez Ernesto não se encontrasse em condições de emprehender uma viagem em carruagem de primeira classe, e installar-se n'um hotel de luxo. {21}

É bem certo que Amparo ignorava o valor do dinheiro: gastava o do pae, que era rico, sem se preoccupar com o valor que tem um duro^[1] para quem não possui vinte reales.

Por outro lado Ernesto, um verdadeiro artista, sonhava que era um principe e julgava os seus sonhos uma realidade... Era mais ambicioso de gloria do que de ouro.

Quando acceitou a projectada viagem por Amparo, sem pensar se o dinheiro que possuia por sua unica fortuna chegaria para occorrer a todas as despesas, só pensou na felicidade de viajar com aquella mulher formosa, por uma terra encantadora, cujo céu azul e o perfume das brisas são o orgulho das filhas de Toscana, a admiração dos estrangeiros.

Combinada a partida para quatro dias depois, Ernesto apresentou a aguarella do Colyseu, que arrancou um grito de admiração e muitos olhares de agradecimento a Amparo.

O pintor regressou a casa já bastante tarde, tão alegre, tão feliz, que não teria trocado a sua existencia por cousa alguma d'este mundo.

A felicidade está ás vezes em tão pequenas cousas!... O pobre artista julgava-se amado, e começava a amar com toda a sua alma virgem e apaixonada.

Quando chegou a casa, pegou n'uma folha de papel para fazer o orçamento das suas despesas.

—Necessito, disse elle, de quatro mil reales para a viagem. Vejamos como estou a respeito de fundos.

Ernesto só tinha seiscentos. Era-lhe preciso arranjar dinheiro.

Procurou na memoria os nomes de alguns amigos pintores que como elle viviam em Roma, mas um sorriso lhe assomou aos labios. {22}

—Todos elles, disse, são tão pobres ou mais do que eu; não devo expôr-me a uma negativa forçada, que é tão desagradavel a quem a dá como a quem a recebe. Melhor será sacrificar alguns dos meus quadros. O senhor Daniel é um judeu, menos judeu que os dez mil que pelo interesse do commercio o papá consente em Roma. Escrever-lhe-hei.

E pegando na penna escreveu:

Senhor Daniel Raithany

«Meu bom amigo

«Vou emprehender uma viagem a Florença e preciso vender alguns quadros. Tenha, pois, a bondade de vir hoje ao meu *atelier*, onde o espero até ás quatro horas da tarde.

Seu amigo,

Ernesto Alvarez.»

O pintor chamou o creado e disse-lhe:

—Amanha, quando te levantares, vaes a Roma entregar esta carta ao sr. Daniel, negociante de

quadros. Mora no bairro dos judeus; já o conheces.

Depois deitou-se para sonhar com Florença e Amparo.

Ernesto achava-se na ditosa idade dos sonhos côr-de-rosa, e viu durante algumas horas passar pelos olhos da sua illusão um panorama encantador onde a flôr mais perfumada, mais bella, mais resplandecente, era Amparo que, olhando-o com languidez, lhe dizia uma e mil vezes mais: «amo-te! amo-te! amo-te!»

E para que desperta um homem d'estes sonhos encantadores?

{23}

CAPITULO IV

O pintor e o judeu

Daniel Raithany era um dos maiores negociantes do bairro judaico. Tinha em toda a Europa fama de intelligente e honrado, apesar de ninguem ignorar que vendia caro e comprava barato. Esta qualidade era descupavel, tratando-se de um negociante judeu; mas, em compensação, tinha uma grande qualidade, que era que quando um admirador de pintura, ainda que de Londres, Paris, Vienna, S. Petersburgo, Madrid ou de qualquer das grandes capitaes da Europa necessitava para a sua galeria um quadro d'este ou d'aquelle auctor celebre, escrevia-lhe uma carta, e não olhando a preço tinha o que desejava.

Nunca enganava ninguem, dando uma copia por original. Daniel era intelligente, e apesar de não saber pintura, tão conhecedor era das escolas que mais de uma vez, em casos duvidosos, o chamavam como perito.

Todos os pintores eram amigos de Daniel e era tão difficil enganar-o vendendo-lhe gato por lebre, como vulgarmente se diz, que ninguem tentava fazel-o.

Dizia-se que o negociante conseguira juntar muitos milhões. Comtudo a sua loja apresentava sempre o mesmo aspecto modesto, e a sua pessoa conservava a mesma linha; isto é, usava constantemente uma sobrecasaca verde com grandes abas, calças e collete preto, uma gravata de velludo, um chapéu usado, um chapéu de chuva velho debaixo do braço e uma cadeia d'aço, em cuja extremidade estava preso um modesto relógio de prata.

Daniel era um homem alto, magro e pallido, nariz arqueado, cabelo grisalho, olhos verdes, pequenos o encovados; um d'esses typos vulgares, mas em quem, olhados com attenção, se encontra bondade e doçura no semblante.

{24}

Ernesto estava pintando. Eram dez horas da manhã quando viu entrar no *atelier* o judeu.

Daniel entrou como sempre, sorrindo-se, com o chapéu de chuva debaixo do braço, e a caixa do rapé que nunca abandonava, na mão esquerda.

—Bons dias, millionario, disse Ernesto, extendendo-lhe a mão. Muito agradecido pela sua pontualidade.

—Em questão de dinheiro, respondeu Daniel, é preciso sermos pontuaes, e aproveitarmos o tempo. Por um minuto se póde perder um bom negocio.

—Pelo que se vê o senhor é negociante até á medulla dos ossos. Mas vamos falar do nosso.

O pintor deixou a paleta e os pinceis, indicou-lhe uma cadeira e sentou-se n'outra.

—Preciso dinheiro.

—Já o suppunha.

—Por isso lhe pedi que me viesse visitar.

—E eu, conhecendo a impaciencia dos artistas, apressei-me em vir.

—Agradecendo-lhe pela segunda vez, começarei por lhe dizer que dentro de tres dias parto para Florença.

—Uma viagem de recreio.

—De recreio e estudo. Tenciono tirar alguns *croquis* da celebre galeria do palacio de Pitti.

—Bello pensamento!

—E como para ir a Florença é preciso dinheiro e como eu não o tenho, ou melhor, tenho pouco,

quero que me compre alguns quadros. Póde escolher, exceptuando o que está no cavallete, pois esse é, como sabe, para a Exposição de Madrid, e póde dizer-se que me não pertence.

Daniel guardou silencio, levantou-se, poz os oculos e começou a passar revista aos quadros, e estudos que estavam nas paredes.

Ernesto entretanto accendeu um charuto e recostou preguiçosamente a cabeça no espaldar da cadeira.

{25}

Mais de tres quartos de hora durou a revista passada ás telas por Daniel. Quando estava perfeitamente inteirado, tirou os oculos, com todo o seu vagar, guardou-os no bolso, e, sentando-se, disse:

—Tem seis quadros de comestiveis, quatro pequenos de costumes hespanhoes, e dois de flôres. Fico com os doze, pois tenho probabilidade de os vender a um inglez que me encarregou de comprar alguma cousa n'este genero, e dou por elles quatrocentos duros.

—É pouco dinheiro.

Daniel encolheu os hombros.

—Não dou mais, respondeu; é impossivel.

—Dou-lh'os por doze mil reales e creia que ainda ganhará uns duzentos por cento.

—N'estes tempos não é possivel. Desde que a photographia póde offerecer o *fac-simile* de uma obra-prima por um franco, a pintura perdeu muito.

—Senhor Daniel, concedo-lhe o direito de regatear o preço de um quadro, de dizer que é mau sendo bom, mas não lhe consinto que ponha a photographia a par da pintura. Poderá ter-se uma copia do Ticiano estampada em um bocado de papel por dois reales, mas não se terá Ticiano, nem pela photographia se poderá nunca formar uma ideia, ainda que vaga, do que vale o citado auctor.

Daniel fez um gesto de indifferença, o ajuntou:

—Sabe que tenho em muita consideração os seus trabalhos, e que se não estivesse tão occupado, o encarregaria de algumas copias, e isso deve inspirar-lhe confiança para crer que não procuro exploral-o. Quem sabe se terei quatro ou mais annos armazenados na loja esses doze quadros que pretendo comprar. E se assim succeder, o senhor bem sabe que dinheiro vale dinheiro, e isso representa uma grande perda.

Ernesto comprehendeu que o judeu não lhe daria mais, visto conhecer a necessidade que elle tinha do dinheiro.

Calculou que com a importancia offerecida e o que possuia podia fazer desafogadamente e até com luxo a viagem e resolveu acceitar o negocio.

{26}

—Está fechada a transacção, disse o pintor. Mando-lh'os ainda hoje mesmo.

Daniel tirou a carteira, e d'ella a importancia offerecida em notas do Banco Romano, e entregou-a ao pintor, dizendo:

—Muito dinheiro podia ganhar!

—Não desejo outra cousa, respondeu Ernesto, pondo o dinheiro sobre a mesa.

—Seriamente?

—O dinheiro é a primeira necessidade do homem n'este valle de lagrimas.

—Então posso offerecer-lhe á volta de Florença algumas notas mais, se me trazer algumas copias da escola flammenga e franceza dos originaes que existem no palacio Pitti.

—Isso depende do tempo.

—A actividade augmenta as horas.

—Não me comprometo, mas farei todo o possivel porque receio que me faça falta o dinheiro para ir a Hespanha expor o meu quadro.

—Pois já sabe o meio de o obter.

Daniel começou a despendurar os quadros que comprara e ia-os collocando todos juntos, para que Ernesto ao mandal-os se não esquecesse de algum.

Depois despediu-se do pintor, tornando-lhe a recommendar que trabalhasse muito.

—O trabalho, senhor Ernesto, é a maior fortuna do homem. Não se esqueça de que as formigas

e as abelhas são muito mais ricas do que as cigarras.

Ha conselhos que só produzem um ligeiro murmúrio nos ouvidos de quem os ouve.

Daniel sahio. Ernesto chamou o creado.

—Logo levas esses doze quadros a casa do senhor Daniel Raithany, disse-lhe. Vou fazer uma viagem a Florença. Demoro-me um mez. Podes dispor de ti como te aprouver, n'esses trinta dias, mas nem uma só noite deixarás de dormir em casa.

Entregou o dinheiro que julgou sufficiente para o sustento do creado, mandou que lhe servissem o almoço, e depois sahio. {27}

Uma vez em Roma comprou alguma roupa para a viagem.

Á tarde foi visitar os seus amigos e jantar com elles.

D. Ventura começava a olhar Ernesto como da familia; é verdade que quando se encontra um compatriota a algumas centenas de leguas distantes da mãe patria, sente-se uma alegria tão grande no coração que o tratamos como se fosse um parente.

A D. Ventura parecia o mais natural do mundo que um rapaz tão bem educado, tão fino, tão illustrado como Ernesto o acompanhasse na sua viagem a Florença.

Emquanto a Amparo, não pensou senão em realisar o seu desejo; viajando com Ernesto, tinha mais encanto a excursão, porque o pintor lhe era sympathico.

Os olhares, os sorrisos, os apertos de mão, as palavras carinhosas são impulsos muitas vezes naturaes do coração feminino, e é sem duvida por isso que não lhes dão nenhuma importancia.

Mas Ernesto pensava de outro modo, e ia reunindo na sua alma simples e apaixonada, um sem numero de esperanças encantadoras, que eram o seu maior thesouro, e que deviam tornar-se a sua maior desgraça, porque o amor quasi sempre é um jogo em que um dos jogadores perde.

Os preparativos de uma viagem em que esperamos gozar e divertirmo-nos são muito encantadores. Ernesto offereceu a D. Ventura um *Guia do forasteiro em Florença*, preciosamente illustrado, e a Amparo um elegante album para desenhos.

—Temos que trabalhar muito, dizia o pintor, e não podemos consentir que nos importune com perguntas.

—Sim, sim, o senhor Ernesto tem razão; temos que fazer muitos desenhos, e para que se não aborreça, emquanto trabalhamos, lerá o seu *Guia* deante das obras d'arte que vamos visitar.

D. Ventura para quem não havia maior felicidade do que a alegria de Amparo, vendo-a contente e feliz, ria-se com a expansão de um pae que ama com loucura a filha. {28}

Só uma vez se poz serio vendo crescer aquella sympathia entre Amparo e o pintor, e disse:

—E a rapariga acaba por se enamorar de Ernesto. Fez algumas reflexões mentaes e ajuntou:

—Diabo, Ernesto é pobre; minha filha tem quatro milhões de dote no dia do casamento e mais oito quando eu morrer.

Aqui tornou a deter-se; mordeu o labio inferior como o negociante que pensa n'um negocio importante, mas rapidamente se lhe alegrou o rosto e exclamou:

—Se ella o ama e quizer casar com elle, que se case; vale mais ter por genro um homem como Ernesto, pobre, do que um parvo rico.

Desde aquelle momento, Ernesto podia contar com a protecção do pae.

Chegou o dia da partida. A viagem podia fazer-se de dois modos: em pequenas jornadas, parando-se para vêr as povoações de alguma importancia artistica, ou em caminho de ferro.

D. Ventura optou pela ligeireza da locomotiva, e os nossos tres viajantes, alegres como estudantes em ferias, installaram-se n'um compartimento de primeira classe. A fortuna favorecia-os: iam sós. Emquanto foi dia, Amparo e Ernesto passaram a maior parte do tempo á janella da carruagem, admirando o panorama que se ia desenrolando a seus olhos.

Os jovens só trocaram algumas palavras em voz baixa; mas os olhos têm uma linguagem tão expressiva, que dizem tudo, quando se movem impulsionados por uma alma apaixonada.

D. Ventura lia o livro offerecido pelo pintor, ou dormitava. Quando chegou a noite, Ernesto bastante timido, apoderou-se de uma das mãos de Amparo, não menos linda do que a da Laura que inspirou a Petrarcha quatro sonetos, e disse-lhe:

—Que feliz eu sou!...

Amparo sorriu-se e retirou a mão.

Depois, reclinando a cabeça em um dos cantos da carruagem, cerrou os olhos, fingindo que dormia.

Assim collocara certa distancia entre si e Ernesto. Amparo, apesar de nova, tinha mais conhecimento do coração humano do que o seu companheiro de viagem, e temeu que prolongando a conversação á tenue luz do vagon e quasi tocando-se os joelhos, fizesse alguma d'essas concessões de que mais tarde se arrepende a mulher.

Ernesto procurou tambem posição commoda e tentou dormir, mas foi em vão.

Nasceu o dia, e com elle a animação entre os viajantes.

A linha seguia n'aquelle momento o curso do rio Arno. A conversação renovava-se a cada paragem do comboio. D. Ventura lia o nome das estações e procurava no *Guia* a parte interessante da terra.

Em Signa atravessaram o Arno e não demorou muito vêr-se ao longe as torres elevadas de Florença, os quatro pontos e os quatros bairros.

Ernesto exclamou:

—Alli está Florença, berço do renascimento das artes, patria de Dante, de Petrarca, e de Galiléu!

CAPITULO V

O grupo de Niobe

A Florença dos nossos dias é muito differente da que engrandeceram os Médicis; mas por toda a parte se encontram as pégadas de Cosme o Virtuoso, chamado o pae da patria, talvez pelo excessivo rigor com que tratava os filhos.

Indubitavelmente os Médicis foram grandes negociantes. A sua fortuna fabulosa e a sua honradez ao mesmo tempo, elevou-os á primeira dignidade da republica florentina.

{30}

Mas como em todas as familias ha sempre um judas que vende a sua raça, succedeu que emquanto Cosme o Virtuoso, chamado pae da patria, mandava emissarios por todo o mundo em busca de manuscriptos para enriquecer as bibliothecas, pensionando com luxo artistas, e Lourenço Magnifico sahia em segredo de Florença e apresentando-se ante Fernando de Napoles, com quem estava em guerra, dizia-lhe: «*Aqui me tens só e desarmado. Se é a mim a quem odeias satisfaz a tua vingança com a minha morte, pois ditoso me julgarei libertando com a minha vida a de tantos valentes, dispostos a despedaçarem-se pelas nossas rivalidades*», outros Médicis deshonraram o illustre apellido que tinham herdado de seus nobres antepassados.

Sublime foi o rasgo de abnegação levado a cabo por Lourenço de Médicis, evitando a corrente de sangue que ameaçava inundar Napoles e Toscana, apesar de dizer a historia que o papá Sixto IV preferia a guerra, esquecendo-se de que era um representante de Christo, do Deus da bondade, do perdão e da tolerancia.

Mas a natureza é variada, e depois dos grandes Médicis da republica vieram os pequenos ladrões do despotismo.

Chegou Alexandre, verdugo do povo, morto ás mãos do sobrinho, que com incrível cynismo lhe perguntou ao enterrar-lhe a espada no peito: «*Senhor, estaes dormindo?*» Veiu depois Fernando, que morreu d'uma indigestão de fructa verde, e por ultimo o estúpido Cosme III, cuja esposa Margarida de Orléans, não podendo supportar a repugnancia que lhe causava o marido, o abandonou, envergonhada de lhe ter pertencido. Para que a estupidez de Cosme chegasse ao cumulo, dedicou-se em procurar a mulher pelas côrtes da Europa: mas em toda a parte se riram d'elle, despedindo-o vergonhosamente como a um ente repugnante.

{31}

Deixemos os Médicis á historia, e continuemos a narração interrompida ao avistar as altas muralhas de Florença.

Na estação, entre os muitos corretores d'hoteis que disputam os estrangeiros, D. Ventura encontrou-se com um hespanhol que tinha casa de hospedes, entrou em ajuste com elle, e conduziu-os n'um trem para casa.

D. Ventura alugou todo o rez-do-chão, com o direito de lhe pertencer o jardim plantado de laranjeiras, limoeiros e grandes acacias.

O rez-do-chão compunha-se de um quarto com janellas para o jardim, uma sala grande, um

quarto de vestir, uma casa de jantar e uma sala. Amparo installou-se em dois quartos. D. Ventura e Ernesto ficaram com a sala e outro quarto contiguo á casa de jantar; a sala declarou-se terreno neutral e todos podiam dispôr d'ella para o que necessitassem. Era o ponto de reunião dos nossos viajantes.

O senhor Rosales, dono da casa, era um sujeito muito amavel e serviçal. Disse-lhes que tinha sempre muitos bons hospedes; que o primeiro andar estava todo alugado ao sr. Conde de Loreto e ao seu velho mordomo; que no segundo estavam varios portuguezes e que era tão apaixonado das cousas de Hespanha, que mandava vir grão e chouriço hespanhoes, para que quando algum hospede quizesse de vez em quando comer rico cosido madrileno, podel-o servir.

D. Ventura esteve quasi a abraçar o seu hospedeiro, porque como bom madrileno começava a sentir a falta d'aquelle manjar predilecto.

Emquanto a Amparo acercou-se da janella do gabinete, viu o formoso céu de Florença, aspirou o perfume das laranjas e dos limões, exclamou:

—Oh! que delicioso cheiro! que bem que ficamos aqui!

A alegria de Amparo reflectia-se no coração de Ernesto.

No primeiro dia entretiveram-se os nossos viajantes em arranjar itinerario. Ernesto propoz visitar na manhã seguinte o palacio de Médicis. {32}

Em Florença o céu tem sempre luz, doçura, poesia. Os nossos viajantes levantaram-se, dispostos a apprehender o seu passeio. A manhã não podia estar melhor, o céu mais azul.

Como não necessitavam de *cicerone*, porque Ernesto conhecia Florença tão bem como Roma, sahiram em direcção ao celebre palacio de Médicis.

Amparo e Ernesto levaram os seus *carnets*, e D. Ventura o seu *Guia*.

Logo que chegaram ao palacio e entraram nos jardins, Ernesto, depois de fazer observar aos seus amigos as duas distinctas architecturas do edificio, a construida na Edade Media e a edificada por Vasari no seculo XIV, exclamou:

—Quando o viajante passeia por estes vastos jardins, parece que encontra de menos Lourenço de Médicis, cognominado o Magnifico. Oh! ditosa epocha aquella em que Lourenço, agarrando o braço de Miguel Angelo, reprehendia com doçura paternal a indolencia do grande artista, incitando-o ao trabalho! Ditoso tempo aquelle! Lourenço ria e applaudia os comicos epigrammas do alegre Pulci, fazendo-o escrever o *Morgante Maggiore*, o poema heroe-comico mais celebre de Italia, e em que Angelo Poliano lhe lia os discursos de historia e philosophia.

E mudando de entoação continuou com accento alegre:

—É preciso confessar, meu caro senhor D. Ventura, que hoje os reis, os potentados da terra se occupam pouco ou nada dos pobres sonhadores, dos filhos do genio. Então, ante o talento dobravam a fronte os soberanos. Cosme de Médicis encontrou um manuscrito de Tito Livio, enviou-o a Fernando de Napoles, com quem estava em guerra, e foi tão grande a alegria d'este rei, que receando ser ingrato, assignou o tratado de paz que Cosme solicitava; devendo as mães de Italia a sua tranquillidade e a vida dos filhos a umas folhas de pergaminho manuscriptas. Hoje, nem todos os preciosos manuscripts das bibliothecas romanas decidiriam dos reis, quando disputam um palmo de terra, a deporem as armas. Mas entremos na sala que immortalizou o cinzel do filho de Paros. {33}

D. Ventura, que ouvia com satisfação as palavras de Ernesto, exclamou:

—Para que diacho me comprou este livro se aqui não diz nada do que tem estado a contar?

—Senhor D. Ventura, respondeu o pintor, sorrindo-se, breve chegará a hora em que lhe seja util. A collecção de camafeus, medalhas e debuxos compõe-se de vinte e oito mil estudos e *croquis*, feitos pelos mais celebres pintores italianos, e em chegando ahi, fecho a bôcca e pego no lapis. É então que o livro falará pelo *cicerone*.

Ernesto conduziu os seus amigos á sala de Niobe e ao chegar deante d'aquelle grupo que representa a mais sublime epopeia da dôr maternal, ao deter-se em frente d'aquelle mãe, cem vezes mais dolorosa do que a dos Machabeos, tirou o chapéu com veneração e ficou como que fascinado ante aquella esculptura, creada pelo magico cinzel de Scopas 478 annos antes de Christo, para que fosse o pasmo e a admiração das edades futuras.

D. Ventura descobriu-se tambem, apesar de não comprehender o valor de tão interessante grupo que tinha ante si. Para elle, aquillo era uma mãe chorando seu filho morto e uma joven ferida que agonisava; para Ernesto e Amparo, que tinham uma alma mais artistica, mais entusiastica, aquella drama maternal, aquella cabeça sublime modelada, enlouquecida pela dôr, era uma obra sem rival. Scopas, o *artista da verdade*, apparecia ante os seus olhos como o gigante da esculptura.

—Que bello grupo!

—Sim, senhora D. Amparo, respondeu Ernesto. Para os que têm a arte em alguma conta só para vêr esse grupo vale a pena vir a Florença, ainda que das regiões mais afastadas do universo. Essa scena é tão sublime, tão dramatica, que os exigentes criticos de Athenas inclinaram a cabeça com admiração, assombrados de tão grande obra. Na figura da mãe está toda a alma de Scopas.

{34}

D. Ventura, que não compartilhava do entusiasmo do pintor nem de Amparo, um pouco enfadado com tantas exclamações, nas quaes não podia tomar parte por se julgar profano no assumpto, disse, instigado pela curiosidade:

—Mas o que representa esse grupo que tanto admiram?

—Scopas foi um artista pagão. No seu tempo estava em moda a Mythologia, e os homens adoravam as deusas e os deuses do Olympo, apezar dos seus defeitos e fraquezas, disse Ernesto. Pois bem, Niobe era filha de Tantalo e esposa de Anfior, rei de Tebas, tão presumida da sua fecundidade, que se queixou amargamente aos deuses vendo que no Olympo se dava sensível preferencia sobre ella á deusa Latona, filha de Saturno e de Febe, mãe de Apollo e Diana, e esposa, segundo se assegura, de Jupiter. Os deuses irritaram-se da soberba d'aquella pobre mortal que se atrevia a refutal-o e combinaram um terrível castigo. Appollo e Diana feriram com as suas flechas os filhos de Niobe; Jupiter converteu em pedras os subditos da orgulhosa rainha de Thebas, que queria ser mais do que uma deusa. Durante nove dias, os filhos de Niobe permaneceram no solo cobertos de sangue; a agonia foi grande, terrível, tragica, até ao grau mais sublime; Niobe, louca de dôr e de amargura, derramando um mar de lagrimas, arrancando os cabellos de desespero, pedia socorro com gritos d'alma, mas os seus vassallos permaneceram immoveis e indiferentes. Por fim ao decimo dia Jupiter compadeceu-se d'aquella mãe e julgando-a já sufficientemente castigada, tornou á vida os thebanos, permittiu que tomassem algum alimento, mandou enterrar os filhos, e convertendo Niobe em uma rocha, collocou-a no cume d'um solitario monte, onde chora eternamente a perda dos queridos fructos das suas entranhas, sendo um monumento de vergonha dos vingativos deuses do Olympo.

{35}

Quando Ernesto acabou o conto mythologico D. Ventura, movendo a cabeça em signal de duvida, disse:

—Mas tudo isso é uma fabula.

—Que deu bastante assumpto, respondeu o pintor, para que Scopas, deixasse essa sublime e inimitavel esculptura, que é uma verdade admirada por todas as nações; grupo sublime do qual nos permittirá que tiremos um rapido *croquis*.

E Ernesto começou a copiar a obra prima do celebre filho de Paros.

D. Ventura encolheu os hombros, e enquanto Amparo e Ernesto desenhavam a Niobe, entreteve-se a vêr os bustos antigos, as estatuas egypcias, os sarcophagos e o retrato de Bruto feito por Miguel-Angelo.

O rico commerciante passava com ligeireza por todas aquellas obras de merito. Para elle não tinham a importancia que lhe attribuiam; e do fundo do coração dizia que os artistas eram uns pobres loucos que viviam de illusões, exaggerando tudo.

Ernesto e Amparo entretanto tiravam um desenho do grupo: e tão embebidos estavam no seu trabalho que não repararam que um rapaz elegantemente vestido, de correctas feições e maneiras distinctas, se deteve a poucos passos d'elles, e tomando das mãos de um creado que o seguiu o *carpet* de desenhos, começou a tirar uma copia da celebre esculptura de Scopas.

Chamava-se Fernando de Villar, Conde de Loreto.

Quando Amparo desviou os olhos do papel onde desenhava viu o conde, e este cumprimentou-a com um ligeiro movimento de cabeça. Ernesto cumprimentou-o mas com uma certa frieza que demonstrava o desgosto que lhe causava a presença d'aquelle homem.

Ao sair da sala de Niobe, D. Ventura disse:

—Viram o conde de Loreto?

—Era o joven que desenhava proximo de nós? perguntou Amparo.

{36}

—Sim. Occupa o andar por cima de nós.

E deixando a conversação continuaram visitando o palacio.

O rico museu dos Médicis, contem dezenove galerias.

Não é, pois, nosso intento percorrer minuciosamente estes immensos arsenaes da arte, detendo-nos ante cada obra-prima que se apresenta aos avidos olhos do viajante entusiasta.

Os nossos amigos dedicaram os dias a vêr os museus, as bibliothecas e as egrejas. Para as noites ou assistiriam aos espectaculos, ou passeariam nos jardins, aspirando os perfumes.

A segunda noite da sua estada em Florença, Amparo passeava no jardim com Ernesto, quando lhe chegaram aos ouvidos as melodiosas notas de um órgão expressivo, tocado com tanto gôsto como mestria. Detiveram-se e ouviram com a religiosidade dos amantes de musica.

No dia seguinte Amparo perguntou ao senhor Rosales quem tocava o órgão.

—O senhor conde de Loreto. É um grande musico.

Desde então Amparo abriu algumas noites a janella para ouvir o órgão

Um dia D. Ventura deteve-se deante da celebre mula negra do palacio Pitti.

—Isto será um capricho de algum celebre esculptor? perguntou.

—Isto é a vergonha de um nobre tão ingrato como parvo, respondeu Ernesto.

—Temos outra historia como a da Niobe?

—Não, esta é historica e vergonhosa para o auctor. Luc Pitti foi um homem cuja riqueza e liberdades lhe tinham grangeado a estima dos seus concidadãos e a aura da popularidade. Pitti quiz luctar em magnificencia com Cosme de Médicis, e começou a construir um palacio, que é este em que nos achamos; mas bem depressa se viu arruinado, e a obra teve que suspender-se. O povo sempre generoso e agradecido com os que d'elle se recordavam e os Médicis, protectores da arte, vieram em ajuda do soberbo Pitti, publicou-se um decreto concedendo o perdão a todos os criminosos e malfeitores que viessem trabalhar no palacio de Luc. O povo correu em tropel a trabalhar nas obras: todos os condemnados de Italia vieram tambem. O palacio acabou-se com o suor dos pobres; mas Pitti tão nescio como ingrato, fez construir essa mula gravando-lhe no pedestal um distico latino para sua eterna vergonha, pois prova-nos a sua inqualificavel ingratição, porque a mula representa o povo e o distico diz: «*Esta azemola trabalhou e conduziu tudo; pedras, marmores, madeiras e columnas.*»

{37}

Outra tarde Ernesto conduziu os seus amigos á igreja de São Giovanni, fazendo-lhes admirar os quadros de Andrea del Sarto, tão miseravelmente retribuido pelos frades, e ante a inimitavel *Virgem do Sacco*, por cuja obra, que admira o orbe, pagaram-lhe com um sacco de trigo os irmãos servitas da Annunciada, abusando da pobreza do artista, que se vingou, pondo o mundo por testemunha da sua humilhação dando á sua obra o nome de *Virgem do Sacco*.

Visitaram tambem os sepulchros dos poetas e dos grandes artistas. Junto ao de Dante Alighieri, onde chora a poesia e medita a estatua de Florença, Amparo e Ernesto recordaram Beatriz e os seus interessantes amores.

Assim se passavam os dias, crescendo nas almas dos dois jovens esse preludio do amor que se chama sympathya.

Mas deixemos a luz d'esse esplendoroso sol de Florença, para gosar dos poeticos raios da lua. A noite tem tambem os seus attractivos.

CAPITULO VI

Um beijo

Os nossos viajantes foram varias vezes aos theatros mais importantes de Florença; ao de *Pergola* que comporta duas mil e quinhentas pessoas, que tem cinco ordens e cento e dez camarotes, ao de *Los Intrepidos* e ao de *Alfieri*.

O tempo passava-se sem se sentir.

D. Ventura disse uma manhã:

—É preciso pensar na nossa volta para Hespanha, e contando que sempre nos demoraremos quinze dias em Paris, não temos muito tempo para permanecer em Florença.

Isto foi um grito de alarme para Ernesto. Era tão feliz ao lado de Amparo!

Os vinte cinco dias passados em Florença tiveram para elle a duração de um minuto. Milhares de vezes durante esse periodo esteve a ponto de lhe assomar aos labios o segredo que se lhe occultava no coração.

O receio detinha-o. Amava Amparo com tão firme, tão pura paixão, que o medo de um desengano lhe emmudecia a bôcca.

Uma tarde D. Ventura sahiu para receber uma lettra. Amparo, sentada proximo da janella, entretinha-se em colleccionar e guardar um grande numero de desenhos, feitos pelo seu

companheiro, das bellezas artisticas que juntos tinham admirado.

Ernesto entrou no gabinete. Amparo estendeu-lhe a mão sorrindo-se:

— Bem vê, senhor Ernesto, que como a nossa partida se approxima, occupo-me em colleccionar convenientemente estes preciosos desenhos, que conservarei toda a minha vida, pois encerram a historia d'esta viagem encantadora, viagem que, como todas as cousas terrestres, tem que acabar em breve. {39}

Ernesto julgou ouvir sair um debil suspiro dos labios de Amparo. O seu coração bateu com violencia, fez-se pallido e como receasse que as forças o abandonassem, sentou-se n'uma cadeira ao lado da joven.

— Para que a vi em Roma?!

Esta exclamação que se lhe escapou do coração fez estremecer Amparo; mas serenando immediatamente disse:

— Tem pena que a casualidade nos tivesse feito amigos?

Ernesto deixou cair a cabeça sobre o peito. A sympathica physionomia do pintor tinha n'aquelle momento a expressão da mais profunda tristeza.

Amparo compadeceu-se d'aquelle amante respeitoso que se não atrevia a declarar-lhe o seu amor.

A compaixão, essa bella e delicada qualidade da alma da mulher, apoderou-se do coração da joven, e com uma doçura infinita, perguntou:

— Mas, meu Deus. O que tem, Ernesto? Nunca mais nos tornaremos a vêr?

Ernesto, que sentia penetrar no fundo do seu coração a doce voz de Amparo, levantou a cabeça, fixou n'ella um amoroso olhar, e disse:

— Irei a Madrid antes do fim de setembro; mas durante esses tres mezes que faltam, a minha alma viverá em eterna solidão, rodeada de triste melancholia porque vae partir, e eu amo-a como um louco.

Amparo córou. As suas formosas faces cobriram-se d'esse encantador carmin que tão bem assenta ás jovens e que tanto arrebatam e enlouquecem os homens.

— Sim, para que occultar-lh'o por mais tempo? continuou Ernesto. Deve tel-o comprehendido. Se os meus labios ainda lh'o não disseram, os meus olhos têm-lh'o confessado infinitas vezes. Quando se ama pela primeira vez, com a vehemencia filha de um amor tão firme como verdadeiro, é trabalho em vão dissimular-o. Os olhos revelam o sentimento da alma e atraçoamos. Não é verdade, Amparo, que já tinha adivinhado que eu desde Roma a amava com toda a minha alma? Oh! isto certamente não era segredo para si. {40}

Amparo suspirou. Os seus olhos bellos, cheios de melancholica expressão, fixaram-se com certo receio no joven, e com voz tremula e doce, respondeu:

— Sim, Ernesto, adivinhei-o e, não obstante, fui a causadora d'esta viagem. Se em Roma nos tivéssemos separado, talvez que a estas horas já não pensasse em mim.

— Não pensar em si! Isso para mim é tão impossivel como seria a Tasso não pensar em Leonor, a Raphael esquecer a Fornarina, cujo retrato contemplámos os dois de mãos dadas em Roma, e cuja copia admirámos tambem em Florença. Para certos homens é um passa-tempo, uma nuvem de verão carregada de mais ou menos electricidade, mas que passa e que rapidamente desaparece; para outros, o amor é a vida, é a luz, é o ar que dá vida, força á imaginação, alegria á alma, porque o amor é para elle a unica luz que lhe embelleza tudo; tirando-lhe esse amor, ficam rodeados das mais profundas trevas e morrem de tristeza.

Ernesto ia continuar quando se ouviu a voz de D. Ventura, que falava na sala anterior com o senhor Rosales.

— Por Deus, Ernesto, disse Amparo com voz supplicante, que meu pae não suspeite nada!

— Esteja descansada, Amparo. Não receie que a importune; para amar não é preciso ser correspondido. Esta noite estarei á meia-noite no caramanchão do jardim. Espero-a até que amanhã: se vier, a bella flôr da esperanza renascerá na minha alma, perfumando a minha existencia, se não vier, amanhã, com qualquer pretexto, partirei para Roma e não nos tornaremos a vêr.

Amparo guardou silencio. Ernesto poz-se a arranjar os desenhos, procurando dissimular a sua commoção. {41}

Quando entraram Rosales e D. Ventura, os dois jovens occupados com os desenhos, não inspiraram a menor suspeita ao honrado commerciante.

—Fazem muito bem em dispor tudo, disse D. Ventura. Entre quatro ou cinco dias tomaremos o caminho de França.

—Com que então decididamente partimos, papá? perguntou Amparo.

—Filha, ha cêrca de tres mezes que sahimos da nossa casa, é preciso voltarmos a ella.

—Em verdade, senhor D. Ventura, que esta viagem tem um tanto de traiçoeira, respondeu Ernesto esforçando por rir-se. Emfim, brevemente nos veremos em Madrid.

—Diga que é a melhor terra do mundo.

—Assim a reputo.

—Creio que hoje não temos nada que fazer, proseguiu D. Ventura.

—Esta noite, se quizerem, iremos ao theatro. Estreia-se uma opera em Pergala.

—Não, estou muito cansado, e esta noite quero-me deitar cedo; mas se quizer não se prenda por nossa causa.

—Convem-me ficar em casa. Temos que aperfeiçoar alguns desenhos, tirados tanto á pressa, que apenas são quatro traços. Tambem fico em casa.

—Ah! esquecia-me dizer-te que estive falando com o visinho do primeiro andar.

—Com o conde de Loreto?

—Sim.

—Dizem que é um sujeito que deu muitos desgostos á mãe... disse Amparo.

—Em Madrid está sempre em ordem do dia a mexeriquice: O conde de Loreto é um rapaz como muitos outros, que se divertem quanto podem, porque teve a sorte de herdar dos paes uma grande fortuna. Imagina que esse rapaz tem agora 28 annos, possui uma fortuna de quinze milhões. Demais, dizem que é muito instruido. O nosso hospedeiro não se cança de o gabar.

{48}

—É um bom hospede, disse Amparo, sorrindo-se.

Ernesto não tomava parte na conversa: desagradava-lhe ouvir elogios do conde.

Mas deixemos correr as horas, e com a rapidez do pensamento transportemo-nos ao jardim da casa que occupavam os nossos conhecidos.

Os relgios de Florença acabam de dar as onze e tres quartos, quando Ernesto saltou da janella para o jardim dirigindo-se para o caramanchão, coberto de madresilva, lupulo e hera.

Dentro do caramanchão haviam quatro bancos e uma mesa. Ernesto sentou-se n'um disposto a esperar toda a noite como tinha dito a Amparo.

A lua estava em quarto minguante, o céu limpido e de um azul escuro carregado onde as estrellas brilham de uma maneira extraordinaria.

A brisa nocturna roubava a essencia perfumada das flôres, e, sempre prodiga, espargia pelo ambiente como se tivesse envergonhado d'aquella usurpação.

N'um relgio de torre soou a meia-noite.

Ernesto levantou a cabeça, poz-se de pé e foi pôr-se em uma das entradas do caramanchão. O coração dizia-lhe que Amparo vinha.

A noite é em todos os paizes a protectora carinhosa dos namorados, porque o amor, vulgarmente timido á luz do sol, cobra valor e energia antes esses tibios reflexos que a lua envia do céu.

Ernesto, de pé junto da entrada do caramanchão, com uma das mãos sobre o coração e a outra languidamente caída, dirigia olhares cheios de inquietação para o silencioso edificio d'onde devia vir a sua felicidade, a sua dita, o anjo dos seus sonhos.

Passou-se um quarto de hora. Amparo não vinha, e os segundos passavam com um vagar, com uma monotonia aborrecedora para Ernesto.

Por fim os labios entreabriram-se-lhe, sem duvida para dar um grito de prazer, mas conteve-se. Vira desenhar-se entre as sombras das arvores a encantadora silhueta de um corpo para elle conhecido, e em seguida uns passos se ouviram na areia das ruas que conduziam ao caramanchão, e o ligeiro *frou-frou* de um vestido que se approximava.

{43}

Ernesto sahiu ao encontro de Amparo, porque era ella; pegou-lhe n'uma mão e conduziu-a até ao caramanchão.

A joven tremia; estava nervosa e pallida.

Ernesto sentou-a n'um dos bancos procurando tranquilisal-a.

—Obrigado, Amparo, obrigado por tanta bondade. Tranquilise-se, os homens honrados que amam como eu, sabem respeitar o objecto do seu amor.

—Ernesto, respondeu a joven, commetti uma imprudencia. Nunca devia ter vindo.

—Tão pouca confiança lhe inspiro?

—Sim, muita, meu amigo, muita; de contrario não teria vindo. Mas sou franca, não pude resistir, porque as ultimas palavras que me disse esta tarde pareciam recriminar-me. Bem vê: aqui estou, apezar de tudo. Tive um susto terrivel. Para vir ao jardim era preciso passar pelo quarto de meu pae; receei despertal-o. E sabe o que fiz? Pois bem, vou-lhe dizer: saltei pela janella. Nem eu mesmo posso explicar como tive coragem para tanto: tratava-se de me despedir de um amigo bom e leal, e não tive animo para faltar.

Ernesto tinha entre as suas as mãos de Amparo, que apertava docemente, escutando ao mesmo tempo aquella voz encantadora que tão suavemente lhe vibrava no coração.

Nunca experimentára um prazer tão completo, uma felicidade tão ineffavel.

O perfume das flôres, o aroma da madresilva que se espalhava n'aquelle recinto; a luz tibia da lua, que penetrava no caramanchão pelos intervallos das folhas; aquella mulher, bella como o mais perfeito e encantador sonho da sua alma de artista, tudo contribuia para que Ernesto se julgasse arrebatado da terra pelos anjos e transportado a esse paraizo de amor que tanto embriaga as pobres creaturas. {44}

—Ha momentos de felicidade, exclamou Ernesto, que nunca deviam acabar. Se ao homem fosse dado escolher o momento da sua morte sem passar por suicida, eu escolheria este.

—Está louco, Ernesto?

—Quem sabe! Talvez. O amor não é outra cousa senão uma loucura sublime que conduziu Raphael aos pés de uma moleira, Tasso a uma prisão e Ovidio a uma masmorra. A historia conta-nos tantas loucuras de amor, que seriam necessarios muitos volumes para a descrever. Mas, feliz o que ama e é correspondido! Ditoso o que ao dar metade da sua alma, recebe em troca outra metade que lhe envia um peito agradecido em mutua correspondencia.

Amparo suspirou em silencio. Ernesto, julgando que esse suspiro era uma confissão, levou aos labios a mão da donzella, imprimindo n'ella um beijo.

Amparo estremeceu sem retirar a mão.

Esta condescendencia animou o pintor.

—Vamo-nos separar, Amparo; não nos veremos durante tres mezes; necessito ouvir antes uma palavra que inunde de felicidade o meu peito, que deposite o perfume da esperanza em meu coração. Tambem me ama?

—Ernesto, Ernesto, tudo isto me parece uma loucura, respondeu debilmente Amparo.

—Não, não é essa a resposta que desejo, é outra, meu anjo. Ama-me, sim ou não?

—Pois bem, sim. Ha muito que o devia saber; desde a noite do Colyseu de Roma.

Ernesto não pode conter um grito de immensa felicidade, e enlaçando com o braço a cintura da donzella exclamou:

—Juro pelas cinzas de minha mãe amar-te emquanto viva, e conquistar um nome tão glorioso que te sintas orgulhosa chamando-te minha.

Este juramento, esta exclamação, brotaram de uma alma de artista, cheia de fé, de entusiasmo, de amor. {45}

Amparo assim o comprehendeu, e, agradecida por tão grande paixão, achava-se n'um d'esses momentos de fraqueza em que a mulher não tem forças para resistir, momentos perigosos, dos quaes só se aproveita o homem para satisfazer um desejo, causando a infelicidade d'aquella a quem jura um amor eterno e por quem n'esse instante faz os maiores sacrificios.

Mas Amparo rapidamente serenou; conheceu que era uma imprudencia permanecer á beira de tão grande precipicio, e ainda que Ernesto lhe inspirasse absoluta confiança, como elle mesmo acabava de dizer, amor não é outra cousa senão uma loucura sublime; por isso poz-se de pé e disse:

—Separemo-nos, Ernesto, estou desassocegada e por enquanto convêm que o nosso amor seja um segredo.

—Já? disse o pintor, tornando a cingil-a pela cintura. Pensa, querida, que em poucos dias nos vamos separar.

—Ámanhã nos tornaremos a vêr aqui, se eu puder vir; mas hoje... hoje não devo ficar mais tempo.

—Pois bem, sim, separemo-nos, não quero que estejas inquieta; sou demasiado feliz para te desgostar; mas se te inspiro confiança, se queres que seja esta a noite mais bella da minha vida, permite-me que selle com um beijo a mutua promessa que acabamos de fazer.

—Meu Deus, Ernesto, por compaixão! Ah! Para que vim?

O pintor estreitou docemente o desfallecido corpo de Amparo de encontro ao seu. Aquellas duas cabeças jovens, apaixonadas, uniram-se; aquellas duas boccas tocaram-se e o doce som de dois beijos confundidos n'um fugiu nas azas da brisa nocturna.

Pobre Ernesto! Elle tinha dado toda a sua alma n'aquelle beijo, emquanto que Amparo só lhe tinha feito uma esmola como paga de agradecimento que a sua deferencia para com ella inspirava.

{46}

Amparo desprendeou-se dos braços de Ernesto, sahindo rapidamente do caramanchão.

Ernesto deixou-se cahir n'um dos bancos, murmurando em voz baixa:

—Meu Deus! Esta felicidade que sinto é demasiadamente grande para que seja duradoura!

CAPITULO VII

Separação

No dia seguinte quando Ernesto appareceu no quarto de D. Ventura, este disse-lhe:

—Que pallido que está? Que é isso? Não se sente bem? São más as aguas de Florença?

—Pallido? respondeu Ernesto. Estou como sempre, estou bom.

—Não, não, está com muito má côr. Não achas, Amparo?

—Acho-o na mesma, papá, respondeu Amparo de um modo natural.

—Seja como fôr, disse Ernesto sorrindo-se, não pensemos n'isso e tratemos de aproveitar o tempo que nos resta.

D. Ventura, que não tinha vontade propria, pegou no Guia, Ernesto e Amparo nos seus *carneys* de desenho e sahiram de casa com a incançavel curiosidade dos viajantes.

.....
N'aquella noite foram ao theatro de *Alfiere*, onde se representava *O pae de familia*, do celebre poeta cómico Carlos Goldoni, a quem chamavam o *Molière italiano*.

Ao começar o primeiro acto abriu-se o camarote fronteiro ao dos nossos amigos e entrou um joven vestido de rigoroso luto.

{47}

—Olhem, disse D. Ventura. É o nosso visinho do primeiro andar, o conde de Loreto.

Amparo dirigiu o olhar machinalmente até ao camarote.

Ernesto, como sempre, ao ouvir pronunciar aquelle nome sentiu uma vaga inquietação.

O conde de Loreto teria vinte e oito annos. Era alto; não podiam vêr-se com facilidade as suas feições, mas de longe parecia muito pallido, elegante e sympathico. Era um d'esses typos distinctos que fazem com que se fixe n'elles a attenção. Como o panno acabára de levantar, o conde sentou-se. Durante o acto esteve ouvindo com grande attenção. Ao acabar sahiu do camarote para não tornar.

A mais de metade do terceiro acto, D. Ventura que parecia gosar falando do seu visinho, disse:

—Que homem tão extraordinario!

—Quem? perguntou a filha.

—O conde de Loreto. Durante o primeiro acto, nem pestanejou, ouvindo com attenção os versos de Goldoni, e durante o segundo e terceiro não tornou a entrar, mostrando a indifferença

irritante dos nossos elegantes de Madrid em noite de estreia.

Amparo nada respondeu. Ernesto guardou silencio.

Depois da comedia representava-se uma d'essas farças em um acto que tanto agrada aos italianos em que toma parte a figura de Polichinello; farças vulgarmente improvisadas pelos actores que as representam.

Como D. Ventura era um bom hespanhol, não sabia passar sem o cigarro, e sahiu do camarote para satisfazer o innocente vicio.

Ernesto e Amparo ficaram sós.

Durante alguns segundos ficaram silenciosos; ella parecia preocupada, elle triste.

Por fim Ernesto rompeu o silencio.

—Que tem, Amparo? Noto nos seus formosos olhos uma melancholia que me entristece.

{48}

—Penso que em breve nos vamos separar.

—Ah! sim! É verdade! Mas esta noite...

—Não, Ernesto, não; esta noite não vou ao jardim, receio que meu pae saiba.

—Pois bem, não quero ser exigente; não sáias, mas ao menos abre-me a janella para que possa vêr o luar sem testemunhas importunas; que possa dizer-te no silencio da noite o que sente o meu coração.

—Ámanhã, Ernesto, ámanhã, prometto-te abrir a janella para me despedir de ti; hoje sinto-me mal; necessito descansar.

—Mas é uma crueldade roubar-me uma noite quando tão poucas nos restam.

Amparo fixou os seus olhos no pintor, e compadecida da triste e apaixonada expressão de Ernesto, disse:

—Bem, abrirei.

Ernesto fez um movimento como para se apoderar de uma mão da Amparo, mas esta conteve-o com o olhar, exclamando:

—Que vae fazer? Que imprudencia!

Ernesto conteve-se, e só então se recordou que se achava no theatro.

Durante a farça, D. Ventura riu-se muito. Ao acabar dirigiram-se para casa.

Á uma da madrugada, Ernesto estava junto á janella do quarto de Amparo. Chamou suavemente. A janella abriu-se. Amparo apagara a luz; assomou á janella e começaram um d'esses dialogos, doces, apaixonados, cheios de encantadoras trivialidades, que só têm valor aos ouvidos dos namorados.

Quando eram tres horas. Amparo disse:

—Separemo-nos já, Ernesto.

—Bem, separemo-nos, mas dá-me outro beijo de despedida.

Amparo inclinou a cabeça e como na noite anterior, duas boccas se juntaram, e um beijo cheio de amorosa ternura interrompeu o silencio da noite.

Ernesto e Amparo, durante aquellas duas horas de amoroso colloquio, fizeram mil promessas de amor e fidelidade.

{49}

—Não me esqueças nunca, disse o pintor; pensa sempre em mim.

Amparo tirou uma fita de seda com que prendia os cabellos e deu-a a Ernesto.

—Esta fita será a que une os nossos corações. Pega, conserva-a.

Ernesto cobriu de beijos aquella fita, que jurou conservar toda a sua vida como uma recordação de tão feliz noite.

Quando o pintor entrou no seu quarto, pegou na penna e escreveu na fita: «*Florença, 2 de Julho de 186...*».

Depois deitou-se, e não demorou muito em gosar um d'esses sonhos de que não quizera despertar.

Dois dias depois, Amparo, seu pae e Ernesto entravam na sala de espera da estação. O comboio estava preparado para partir; faltavam alguns minutos para se pôr em andamento.

O pintor esforçava-se por se mostrar satisfeito, mas uma enorme tristeza lhe opprimia o coração.

Nunca Amparo lhe parecera tão bella como n'aquella occasião, mas era preciso resignar-se á separação.

Os olhares furtivos que ella lhe dirigia pareciam dizer-lhe:

—Confia e espera. Em breve nos tornaremos a juntar.

Rapidamente D. Ventura pôz a sua mala de mão sobre um banco da estação e disse:

—Oh! Aquelle não é o conde de Loreto?

Ernesto e Amparo voltaram-se.

Effectivamente, o conde estava sentado a um canto com um livro na mão, e falando em voz baixa com um velho de cabellos brancos, gravata branca e sobrecasaca preta que o ouvia em respeitosa attitude.

O velho era um d'esses typos proprios para mordomo de casa rica; de parecer carregado, severo e completamente barbeado. {50}

O conde de Loreto parecia dar-lhe algumas ordens; o velho cumprimentou e sahiu do salão e foi para o local destinado aos despachos na estação.

Ernesto poude vêr então perfeitamente aquelle rapaz, que parecia seguil-o como uma sombra.

Era, em verdade, bello e distincto, notando-se-lhe na pallida e sympathica physionomia uma profunda melancholia que interessava.

A julgar pelo traje, o conde ia emprehender alguma viagem.

—Irá para Paris, tambem? pensou Ernesto, sentindo-se inquieto, mau grado seu, ante o conde de Loreto.

A sineta deu o signal. Os passageiros dirigiram-se para a gare afim de escolherem logares.

D. Ventura, que caminhava á frente, deteve-se junto de um compartimento de primeira classe, e disse:

—Aqui.

E subiu adeante para dar a mão a Amparo.

N'um canto do compartimento e sobre um banco estava uma mala de viagem; no da frente o velho que pouco antes estivera falando com o conde de Loreto.

Era por acaso ou propositadamente a escolha de D. Ventura? Quem sabe? Talvez que o honrado commerciante, vendo n'um compartimento de primeira classe o mordomo do conde de Loreto, escolhesse aquella carruagem com o firme proposito de viajar com um compatriota de sangue azul, ou talvez não reparasse senão depois no silencioso e sympathico ancião.

Mas a escolha causou um profundo desgosto a Ernesto, que pela primeira vez sentiu no peito a terrivel punhalada do ciume.

O pintor apertou a mão do commerciante e depois a de Amparo, enviando-lhe toda a sua alma n'um olhar.

—Até setembro, lhe disse. {51}

N'aquelle momento ouviu-se uma voz varonil, mas doce e respeitosa, que disse em castelhano:

—Dá-me licença, cavalheiro?

Ernesto deixou-o passar. O conde de Loreto cumprimentou e subiu para a carruagem, indo sentar-se em frente do seu mordomo.

Apitou a locomotiva, e começou o comboio a mover-se e a sahir pausadamente da estação.

Amparo e D. Ventura assomaram á janella e acenaram com um lenço ao seu bom amigo.

Um momento depois, o comboio tinha desaparecido; mas Ernesto como se estivesse pregado ao chão permanecia immovel e preocupado.

N'aquella noite, Ernesto partiu para Roma, levando a duvida na alma e o ciume no coração.

Pobre sonhador! Infeliz artista, que tinha trocado por um beijo, a felicidade, a paz do seu espirito e todos os seus sonhos de gloria!

CAPITULO VIII

Caminho de Hespanha

Ernesto encerrou-se no *atelier*. Era preciso ganhar o tempo perdido; era preciso acabar o seu quadro quanto antes e regressar a Hespanha e sobretudo era indispensavel fazer uma obra-prima que cobrisse o auctor de gloria, que fosse falada em todo o mundo, e que Amparo se sentisse orgulhosa. Mas ai! o pobre artista tinha a imaginação demasiadamente occupada, a alma pouco socegada para conseguir o seu fim.

Comtudo, fez esforços heroicos, trabalhava emquanto tinha luz, e durante as noites, fechado no quarto, passava longas horas, escrevendo as impressões da sua alma no meio da soledade em que vivia. {52}

—Ámanhã, quando nos tornarmos a reunir, pensava elle, entregar-lhe-hei estas folhas de papel em que diariamente escrevo os meus pensamentos, e ella verá que a não esqueci nem um só instante, que a continuo amando como nunca.

Ernesto pintára um pequeno quadro, representando a scena do caramanchão, no momento de dar e receber o beijo de Amparo. Os dois jovens, docemente abraçados, estavam illuminados pela debil luz da lua.

O grupo era encantador; respirava amor, ternura, poesia.

Era aquelle quadro uma grata recordação que a sua alma sensível transportára á téla.

Em volta do quadro collocou a fita que lhe dera Amparo.

Durante a noite, Ernesto passava ás vezes um quarto de hora contemplando o pequeno quadro, pendurado n'uma parede do seu quarto.

Depois pegava na penna e escrevia. Isto consolava-o.

O pintor acabou por fim o seu quadro e convidou para almoçar alguns amigos para que vissem a sua obra e dessem a sua opinião.

A opinião geral foi de que ganharia o primeiro premio.

Ernesto meneou a cabeça em signal de duvida.

—Parece-me que podia fazer mais do que o que fiz, e duvido muito que o meu quadro tenha o merito que supõem.

Os seus companheiros trataram de convencêl-o de que o seu desalento, a sua falta de confiança eram infundados.

No dia seguinte, Ernesto escreveu uma carta ao judeu Daniel.

O negociante de quadros, como sempre que se tratava de fazer algum negocio, apresentou-se com pontualidade. {53}

—Vou para Hespanha, disse Ernesto.

—O que quer dizer que precisa de dinheiro.

—Sim, vou expôr o meu quadro; por conseguinte escolha o que gostar.

Daniel passou revista aos quadros com a sua tranquillidade costumada, e escolheu a maior parte das pequenas telas que o pintor possuía.

Depois de ajustar e ao entregar o dinheiro, disse Daniel:

—São os artistas tão pouco agarrados ao dinheiro!... E comtudo, o dinheiro é a alma da vida. Com que então vae para Madrid?

—Sim, senhor. Ámanhã saio de Roma.

—No museu de Madrid ha quadros de muito merito, como tambem em varias egrejas; e se o

senhor fosse um homem de palavra...

Ernesto sorriu-se.

—Se eu não soubesse o quanto me aprecia, respondeu, quasi teria direito a offender-me com as suas palavras.

O senhor Daniel que nunca abandonava a caixa de rapé, tomou uma pitada com gravidade, e disse:

—Em Madrid existem preciosos originaes dos melhores auctores. Temos ahi sobretudo os da escola hespanhola, e se quizesse tirar-me algumas copias feitas com consciencia, não teria inconveniente em ficar com ellas.

—Isso depende do trabalho que tiver na minha patria.

—Será pouco. Em Hespanha não ha costume de proteger as artes. A politica, os touros e a bolsa absorvem a attenção dos hespanhoes. As artes e a agricultura encontram-se em completo abandono. Para ser artista em Hespanha, precisa ter a força de vontade de Aristoteles, a paciencia de Job, e o estomago privilegiado dos arabes; e para ser agricultor a resignação de Santo Isidro, com a desvantagem de que no tempo d'aquelle santo, os anjos desciam á terra e lavravam para que o santo dormisse, e hoje os anjos não lavram. Mas, emfim, o senhor pensará o que lhe convém e n'esse sentido me escreverá indicando-me os tamanhos e o preço por que m'os vende. {54}

Ernesto comprehendendo que o judeu tinha razão, não o contradisse, porque sabido é que sendo Hespanha um paiz agricola, não tem outra protecção senão a da Providencia. Quando chove muito succede como no Egypto, têm boa colheita. Quando chove pouco, os pobres lavradores pagam o mesmo ao *protector* governo que não se occupa d'elles e morrem de fome; mas isso pouco importa, comtante que se receba a contribuição, porque n'essa desgraçada nação chegou a ser impossivel encontrar-se um governo *bom e barato*.

Resumindo: Ernesto partiu de Roma, no dia seguinte, levando no quadro uma esperanza de gloria; no beijo que abrazara a sua alma uma esperanza de amor.

Tres mezes tinham decorrido desde o dia em que se separou de Amparo. Durante este tempo, nem uma só carta recebêra.

Ernesto levava, sem saber porquê, a tristeza na alma. Ha presentimentos que perseguem o homem com a tenacidade da sombra. O conde de Loreto fôra para Ernesto, desde o primeiro dia, uma ave de mau agouro.

Deixemol-o viajar até Hespanha, e encontremo-nos novamente com a formosa Amparo.

O coração da mulher é insondavel; não se póde definir, porque é vario e caprichoso como a mesma natureza. Por isso Amparo, que indubitavelmente sahiu de Florença enamorada do pintor, chegou a Paris pensando muito no seu companheiro de viagem, o joven conde de Loreto.

Vejamos o que succedeu. {55}

CAPITULO IX

De Florença a Paris

Fernando del Villar, conde de Loreto, depois de cumprimentar respeitosamente com um movimento de cabeça os seus companheiros de viagem, accomodou-se do melhor modo possivel no canto, e pôz-se a lêr. Em frente d'elle, grave e immovel como *El banquero de Cera*, de Paulo Féval, estava o velho mordomo. D. Ventura pensou que com uns companheiros tão graves se iria aborrecer extraordinariamente, mas restando-lhe a consolação de lêr até que se apresentasse melhor occasião, tirou o *Guia* que lhe offerecêra Ernesto.

Amparo, alguma cousa preocupada com a recente despedida do homem a quem julgava amar, fechou languidamente os olhos e entregou-se a essa doce vida das recordações em que o passado é o presente da imaginação.

Durante a primeira hora tudo se passou da fórma por que acabamos de descrever. Depois, como se prolongasse o silencio, Amparo, olhava dissimuladamente o joven aristocrata que tão embebido estava na leitura.

O conde de Loreto era um d'esses homens a quem as mulheres não podem olhar impunemente, porque o seu rosto pallido e formoso, a triste expressão do seu semblante, convida o bello sexo a fazer esses terriveis commentarios que lhe são tão peculiares.

Porque seria que sendo o conde de Loreto immensamente rico, estava tão triste? Isto pensou Amparo. E vendo através aquella melancholia impropria da juventude, uma historia interessante, teve empenho em conhecê-la.

{56}

Desde aquelle momento a felicidade de Ernesto estava ameaçada da morte.

D. Ventura, que tinha passado a maior parte da sua juventude atraz de um balcão, com os olhos alegres, o sorriso nos labios, a lingua disposta a entabolar conversação com os freguezes, aborrecia-se extraordinariamente no meio d'aquelle silencio enfadonho e do ruido da trepidação que a machina transmite aos vagon.

Não podendo supportar aquella situação por mais tempo, deixou o livro e dispôz-se a falar com a filha, pensando que talvez assim conseguisse interessar o conde na conversa.

—Olha, Amparo, que delicioso panorama apresenta essa povoação collocada assim na falda d'esse monte, exclamou Ventura. Oh! decididamente a Italia é um paiz encantador.

—Que povo é este? perguntou Amparo.

—Diabo! É difficil de t'o dizer porque me esqueci de comprar o Guia dos Caminhos de Ferro.

O conde levantou a cabeça e assomando-a á portinhola, disse com voz harmoniosa e clara.

—Este povoado, chama-se, se me não engano, *Santa Maria della Spina*.

Amparo cumprimentou com a cabeça, como dando os agradecimentos ao conde pela sua deferencia.

—Obrigado, senhor conde, disse D. Ventura, no tom mais amavel que lhe foi possivel.

O conde tirou um livro da sua mala de mão, e dando-o a D. Ventura, continuou:

—Possuo por casualidade dois Guias Geraes dos Caminhos de Ferro de Italia e França. Se o senhor quer acceitar um...

—Bem vês, Amparo; isto é o que se chama viajar com sorte. Em Roma encontrámos o bom Ernesto, que foi para nós o melhor dos *cicerones*; aqui o senhor conde de Loreto offerece-nos um *Guia* que tirará pelo caminho todas as duvidas.

Fernando sorriu-se, e respondeu:

—O favor é tão insignificante, que não merece a pena falar n'elle; sobretudo, entre compatriotas e visinhos, pois creio que somos visinhos ha um mez.

{57}

—Sim, senhor, em casa de Rosales.

—Tive o prazer de ouvir esta senhora tocar piano algumas noites; toca admiravelmente.

—E o senhor conde, segundo me disse minha filha, toca muito bem orgão.

Amparo se pudesse teria tapado a bôcca a seu pae. Mas já dissémos que D. Ventura tinha muita vontade de falar, e sobretudo fazer-se amigo do conde.

—Ah! incommodei com o meu orgão algumas noites esta senhora?

—Pelo contrario, pelo contrario, senhor conde; ouvimol-o com muito prazer. Abriamos as janellas para o ouvir melhor, ajuntou D. Ventura.

—O orgão, disse Amparo, tomando parte na conversa, receando sem duvida que seu pae commettesse alguma imprudencia, é um dos instrumentos que, quando bem tocado, expressa melhor o sentimento da musica.

—Sim, minha senhora, quando seja bem tocado, accrescentou o conde, deixando assomar aos labios um sorriso imperceptivel: mas, desgraçadamente, não succede isso commigo; toco por curiosidade, e nada mais. Apaixonado pela musica até ao exaggero dedico-lhe alguns momentos d'ocio. Admiro os grandes mestres, mas em mim a musica, como em tantos outros, não é mais do que um adorno, uma parte da educação. Toco, é verdade, mas toco muito mal, o que é o peor.

D. Ventura estava encantado com a singeleza e naturalidade com que se expressava o conde.

—Quizera, comtudo, disse o pae de Amparo, saber tanto como o senhor.

—Saberia muito pouco, meu amigo; sobretudo, na Italia que estamos atravessando, onde todos são musicos.

—O senhor conde chamar-me-hia indiscreto se lhe fizesse uma pergunta? disse D. Ventura.

—Entre compatriotas que viajam juntos na mesma carruagem deve reinar a maior franqueza. Póde perguntar o que quizer.

{58}

—Vae directamente para Paris, ou pensa detêr-se em alguma cidade de Italia?

—Vou para Paris; já percorri tres vezes toda a Italia.

—Então faremos a viagem juntos.

—Pelo que me considero extremamente feliz.

—Paris é o povo mais alegre da Europa.

—E tem a vantagem de que os estrangeiros em Paris encontram-se quasi tão bem como na sua patria.

—O character parisiense é a reunião da alegria e da amabilidade; gostam de ser amaveis, e esforçam-se para o conseguir.

—Sempre que d'isso lhes resulte alguma vantagem, continuou o conde, mas seja como fôr, passa-se admiravelmente uma temporada n'aquelles modernos *boulevards*, onde o luxo reuniu todas as encantadoras loucuras. Oh! Só para ceiar uma noite no café *Tortoni*, almoçar na *Maison Dorée* e passear uma tarde no *boulevard dos Italianos* vale a pena fazer-se uma viagem a Paris.

—E vae estar muito tempo na capital de França? perguntou D. Ventura.

—Tenho muito que fazer, disse Fernando, sorrindo-se; primeiro ouvir a Patti na *Somnambula*, depois correr uma egua arabe nas proximas corridas de cavallos. Quero ganhar o premio que offerece a Imperatriz, que é uma rosa de brilhantes.

Amparo, que ouvia com prazer a conversa, ainda que não tomasse parte n'ella, ás ultimas palavras do conde, pensou que não seria pelo valor da rosa de brilhantes que elle desejava ganhar o premio, mas para fazer com elle uma offerta a alguma pessoa querida.

Desde aquelle momento Fernando del Villar, conde de Loreto, era para ella um homem que começava a espicaçar-lhe a curiosidade.

—Ah! disse D. Ventura. Tem em Paris a egua que vae correr?

{59}

—Tenho em Madrid os meus cavallos, mas mandei vir para Paris a minha invencivel *Rabeca*. Creio que assistirão ás corridas.

—Teremos muito gôsto desde que se effectuem dentro d'um mez, e ao mesmo tempo uma grande alegria em que seja vencedor.

Quando se começa uma viagem, durante os primeiros momentos, mais ou menos prolongados, segundo o character dos viajantes, só reina o maior silencio; cada um pensa quem será o companheiro da frente ou lado, mas uma vez entabolada a conversa estabelece-se uma certa intimidade agradável que dura toda a viagem e ás vezes toda a vida.

Durante a viagem dos nossos conhecidos, reinou a maior harmonia. Amparo e o conde falavam de musica; o mordomo e D. Ventura, de numeros. O honrado millionario estava satisfeito por ter encontrado tão bons companheiros.

Uma vez em Paris, como D. Ventura era um homem rico que viajava por prazer e não tinha casa na moderna Babylonia, deixou ao conde de Loreto a escolha do hotel onde deviam hospedar-se.

Fernando optou pelo Hotel do Louvre, e installaram-se em dois quartos contiguos no segundo andar com toda a commodidade que offerece aos passageiros o citado estabelecimento.

O conde quiz que se collocasse um orgão no quarto de Amparo, offerecendo-se para lhe dar algumas lições.

—Sou muito pouco habilidosa, disse Amparo, agradecendo-lhe com um olhar aquella deferencia.

—Ora, respondeu o conde. Para uma mestra de piano como Vossa Excellencia nada mais facil que aprender orgão. Creia que em quinze dias póde tocar perfeitamente.

—O que me vae custar uns oito ou dez mil *reales*, disse D. Ventura, porque terei de comprar um.

—E nunca em melhor occasião do que agora que estamos em Paris, onde os constructores mais afamados têm os seus armazens. Amanhã visitaremos alguns, com tres mil francos na carteira.

{60}

—Vejo, que tanto o senhor conde como Amparo, conspiram contra a minha bolsa.

No dia seguinte compraram um orgão, precioso instrumento de doze registos, incrustado em madreperola; uma verdadeira obra de arte que custou a D. Ventura seis mil francos, e que foi escolhido pelo conde, e o ex-commerciante não quiz deixar mal o joven aristocrata.

Pagou D. Ventura, encarregando o fabricante de lh'o remetter para Hespanha, e não se tornou

mais a falar no assumpto.

Todas as tardes Fernando dava lição de orgão a Amparo. Ao principio estas lições foram curtas, depois prolongaram-se a duas horas.

Quando cantava a Patti iam juntos ao theatro; sómente o conde ia para as cadeiras e D. Ventura para um camarote, mas durante os intervallos o conde visitava o millionario.

Assim se passaram vinte dias. Amparo começava a pensar muito no conde e pouco em Ernesto.

Quando a mulher faz comparações, a derrota de um dos comparados é infallivel. Vejamos como o conde de Loreto cahiu a fundo sobre o pintor.

Tudo estava preparado para as corridas.

A Imperatriz Eugenia, com toda a sua côrte, devia assistir.

D. Ventura tinha conseguido a peso d'ouro, alugar uma luxuosa caleche. Amparo mandára fazer uma elegantissima *toilette*. A festa promettia ser das mais brilhantes. Toda a aristocracia de sangue e de dinheiro se reunia n'aquellas corridas. Amparo desejava vivamente que Fernando ganhasse o premio. D. Ventura, pela sua parte, dizia:

—É uma questão de honra nacional.

Ao meio dia appareceu Fernando: estava pallido, nervoso; no rosto tinha marcados signaes de desgosto.

—Suceddeu uma grande desgraça, exclamou.

—Morreu *Rabeca*? perguntou D. Ventura.

—Não, respondeu, esforçando-se por se rir.

—Mas o que é? disse Amparo.

—O meu jockey que está doente e que não póde correr.

—É verdade que é um contratempo. Mas não se encontrará outro?

—Outro? exclamou o conde assombrado. E quem me responde pela sua habilidade, pelos seus dotes, pela boa fé de um jockey alugado? Todos os leões de Paris, todos os afficionados de equitação, que não são poucos, que frequentam á noite a *Maison Dorée* e á tarde o *boulevard dos Italianos* conhecem *Rabeca* e têm grande interesse em que fique vencida; e seriam capazes de comprar o jockey que n'ella corrresse, para que a sopeasse e perdesse. Demais isso é sériamente grave para mim. Se não corre a minha *Rabeca* perco cinco ou seis mil francos que apostei a noite passada com um *lord* que traz tambem um dos seus cavallos para a corrida de hoje. A aposta está feita com as seguintes condições: «Se por qualquer casualidade um dos cavallos não puder correr dá-se por perdida a aposta.» É preciso portanto que *Rabeca* corra, e por isso venho dizer-lhes que não os posso acompanhar, pois que sou eu quem a vae correr.

—O senhor? disseram ao mesmo tempo pae e filha.

—Sim, eu. Sei que é uma desvantagem para mim. O jockey do meu adversario pesa escassamente tres arrobas: é um liliputiano, um homem em miniatura, é o rei dos jockeys, emquanto eu péso muito mais. Mas não quer dizer nada: a minha egua fará um esforço e vencerá.

—Permitta-me que lhe diga, disse D. Ventura, que se expõe...

—Isso é o menos. Quando chegar á terceira volta, saltarei já affoitamente. Tenho confiança na egua.

E o conde, depois de algumas respostas dadas aos argumentos que lhe apresentavam os seus amigos, sahio, despedindo-se d'elles.

Como se póde calcular o interesse de Amparo cresceu uns setenta e cinco por cento.

CAPITULO X

A rosa de brilhantes

Uma hora depois, a caleche de D. Ventura estava parada quasi ao fim da pista.

D'aquelle ponto tinha a vantagem de vêr perfeitamente o cavallo que chegasse em primeiro logar á meta e estar proximo do camarote imperial onde o vencedor devia ir receber o premio.

Amparo, de pé sobre as almofadas da carruagem, com a mão esquerda apoiada no hombro do pae, percorria com o binoculo o pittoresco panorama que a rodeava.

Parecia-lhe impossivel que se pudesse reunir tanto luxo, tanta riqueza n'uma cidade.

Dizem os francezes que Paris é a capital do mundo civilizado, e em verdade assim é.

Quando a imperatriz Eugenia entrou no camarote, fez um signal com o lenço para que começassem as corridas, e ouviu-se então o sonoro som dos clarins.

Amparo sentia palpitar o coração com violencia; deixou de olhar para o camarote e viu na pista, no ponto por onde deviam entrar os concorrentes, o conde de Loreto.

N'aquelle momento daria tudo quanto lhe exigissem para conceder a victoria ao seu companheiro de viagem.

Pouco depois, ouviu-se o tropel que vinha do lado para onde se fixaram todos os olhares, e o precipitado e forte galope de muitos cavallos chegou aos ouvidos de Amparo como surdo rumor da tempestade que avança com rapidez.

{63}

Começaram por admirar os cavallos; de todos os lados se ouviam bravos e gritos de entusiasmo, misturados com exclamações de raiva.

Quando um cavallo passava adeante de outro, ouvia-se um rugido de raiva que exhalava o peito do vencido.

Entretanto aquella quantidade de cavallos, deitando espuma pela bôcca, fogo pelas narinas, avançava com uma velocidade vertiginosa até ao sitio onde estava Amparo.

Aquillo era um furacão de carne, empenhado pelo amor-proprio; parecia que arrebatava tudo.

Amparo tremia; estremecia, mau grado seu, procurando avidamente o conde de Loreto entre aquelles bonets de variadas côres.

Subitamente soltou um grito e fez com que D. Ventura, que contemplava boquiaberto aquella soberbo espectáculo, voltasse a cabeça.

—Que é? perguntou elle.

—Alli, alli! exclamou Amparo. Vem á frente e traz n'uma mão o bonet e na outra o *stick*.

—Oh! meu Deus! Que loucura! Póde cahir.

N'aquelle momento o conde de Loreto passou pela frente da caleche de Amparo com velocidade de um raio. Mas apesar d'isso, cumprimentou-a com o bonet.

Amparo levou a mão ao peito como para conter as palpitações do coração.

Fernando levava pelo menos quarenta metros de avanço a todos os outros concorrentes.

Quando chegou á ultima valla, *Rabeca* saltou com tanta facilidade como se aquelle fosse o primeiro obstaculo. Um applauso geral resoou dedicado ao cavalleiro e cavallo.

O conde de Loreto ganhára a rosa de brilhantes e os cincoenta mil francos, e não tardou que não estivesse rodeado de admiradores e curiosos.

Fernando del Villar apertava a mão de alguns desconhecidos e cumprimentava os espectadores.

O *lord* approximou-se montando um soberbo cavallo de pura raça arabe.

{64}

—Ganhou, senhor conde, disse apertando-lhe a mão. Esta noite espero-o para cear na *Maison Dorée*, não só para lhe pagar o que lhe devo, como tambem para lhe propôr um negocio, ácêrca da sua preciosa egua.

N'essa occasião approximou-se um dignitario da côrte a dizer-lhe que a imperatriz Eugenia esperava o vencedor.

O conde não esperou segundo convite: dirigiu a egua para o camarote real. Grande quantidade de cavalleiros o acompanharam.

Ao chegar, Fernando desmontou-se e foi introduzido no camarote pelo fidalgo.

—Disseram-me que era hespanhol, disse Eugenia em castelhana.

—Nasci na Andaluzia, senhora, respondeu o conde inclinando-se respeitosamente.

—Ainda bem, somos compatriotas. Aqui tem o premio que ganhou.

A imperatriz entregou-lhe um estojo de velludo. O conde ajoelhou-se para o receber, beijou a mão e sahiu do camarote.

Amparo não perdera o conde de vista nem um só momento. Quando viu que se dirigia para a sua carruagem, sentiu uma commoção desconhecida, como nunca tinha experimentado.

Fernando foi até ella, sorrindo-se.

—Bravo! bravo! exclamou D. Ventura, enthusiasmadissimo. Fazia o senhor muito bem, caro conde, em ter toda a confiança na valente *Rabeca*.

—É invencivel, disse elle. Tinha inteira segurança, de que, a não me succeder uma desgraça, o triumpho era meu.

E extendendo o braço, apresentou o estojo a Amparo, dizendo-lhe:

—Senhora D. Amparo, como sei que pedia a Deus para que me concedesse a victoria, como sei o interesse que tomou, ousou pedir-lhe que acceite como uma recordação d'este dia o premio que me acaba de offerecer a imperatriz dos francezes.

{65}

Amparo pegou com mão trémula no estojo, e antes de ter tempo para responder uma só palavra de agradecimento por aquella amabilidade, o conde partiu a galope em direcção a Paris.

D. Ventura estava louco de alegria.

Amparo commovida, pallida, seguiu o conde com a vista.

—É um cavalheiro, disse o commerciante.

—Sim, papá; não se póde ser mais delicado.

—Mas, vamos vêr isso que tens na mão. Parece que não estás em ti.

E D. Ventura, notando que a filha corava, sorriu-se maliciosamente.

Amparo abriu o estojo: tinha um broche de brilhantes. Não se podia exigir mais gosto n'uma joia d'aquella natureza.

—Em verdade, é um bonito premio, disse D. Ventura, fixando os olhos no broche.

Amparo guardou silencio.

.....
Sigamos o conde de Loreto, que, entregando a egua ao creado, tomou um trem de praça que o conduziu ao hotel do Louvre.

—Pódes dar-me os parabens, meu leal Francisco, disse o conde, abraçando o velho mordomo.

—Quer dizer que ganhou o primeiro premio!

—Não só o primeiro premio como tambem a aposta que tinha feito com lord Rutheney.

—Que grande alegria me dá, senhor conde, disse Francisco sem perder um só momento a sua peculiar gravidade. Temos gasto tanto dinheiro durante a viagem!

—Ahi vens tu com os teus malditos numeros.

—Senhor, o interesse que tomo pela casa faz com que muitas vezes tenha certas liberdades...

—Vamos, Francisco, não comeces a attribuir a ti faltas que não commetteste. Quando o meu pae morreu disse-me: «Nunca deixes Francisco; viu-te nascer, estima-te com idolatria e é honrado e leal.» Desde então ainda não tive de que pense que não é tão grande como devia ser, em relação ao que gasto; mas que queres... quando estiver arruinado, quando me vir como vulgarmente se diz com a corda na garganta, então seguirei o teu conselho e casarei. E a proposito: Que tal te parece a filha do nosso companheiro de viagem?

{66}

—É extremamente formosa!

—E nada mais? perguntou o conde, sorrindo-se.

—E que tem doze milhões de dote.

—O que te traz preocupado. Emfim, até lá veremos. Quem sabe se terás razão, aconselhando-me a que case! Mas, dá-me algum dinheiro; vou cear com alguns amigos á *Maison Dorée* e talvez se jogue.

—Hontem dei ao senhor conde tres mil francos.

—Sim, e hoje não tenho nem um centimo,

Francisco exhalou um suspiro, abriu a gaveta e deu tres notas de mil francos ao amo, dizendo:

—O tal inglez não pagará esta noite?

—É natural; mas não devo aceitar um convite com sentido no que me devem.

Fernando calçou as luvas, pôz o chapéu, pegou n'uma delicada bengala de canna da India, e sahiu.

A *Maison Dorée* é um dos taes estabelecimentos que só se encontram em Paris. Ponto de reunião da elegante e louca mocidade, centro d'esses seres felizes, sempre occupados em não fazer nada; come-se, joga-se e murmura-se, gastando dinheiro ás mãos cheias.

Ahi tudo se sabe, tudo se commenta; e mais de uma vez têm ficado a honra das mulheres da moda, de mistura com o *Champagne* e o *Rheno* sobre aquellas elegantes mesas.

O conde de Loreto estava convidado para jantar com o lord que fizera a aposta, que o esperava com pontualidade britannica.

Depois de cumprimentar, lord Rutheney tirou a carteira e entregou friamente os cincoenta mil francos que perdera.

—Senhor conde, antes que comecemos a jantar, e segundo o costume inglez, de não fazer nada depois de nos levantarmos da mesa, vou propôr-lhe um negocio. Quer vender-me *Rabeca*? Dou-lhe por ella igual quantia á que me fez perder. {67}

—Mylord, desejo conservá-la.

—Então não falemos mais no assumpto.

E pediu que lhes servissem o jantar.

Durante este, lord Rutheney fez elogios á egua do conde.

—É um precioso animal, dizia. Se me pertencesse, nas proximas corridas annunciadas em Londres, jogaria duas ou tres mil libras esterlinas com certeza de ganhar. Pena será se soffrer algum desastre.

Depois de jantar lord Rutheney e o conde de Loreto entraram no café.

Depois passaram á sala do jogo e o conde sentou-se proximo ao banqueiro.

Fernando jogava forte, mas com pouca sorte.

Meia hora foi sufficiente para perder quanto trazia comsigo.

Então voltou-se para o inglez que estava a seu lado ganhando mais de mil francos e disse-lhe sorrindo-se:

—Mylord, fica fechado o negocio: *Rabeca* é sua.

Lord Rutheney inclinou a cabeça em signal de approvação, e entregou ao conde cincoenta notas de mil francos.

Depois, tirou tranquillamente a charuteira e d'ella um havano e dirigiu-se pachorrentamente para a sala de fumo.

Sentou-se n'um commodo divan, e começou a saborear o delicioso charuto.

Proximo do sitio em que se achava o conde, fumavam quatro rapazes, conversando em voz alta.

Nenhum d'elles reparára, em Fernando.

—Desengana-te, Heitor, dizia um d'elles, o teu cavallo está muito longe de ser o que é a egua do hespanhol, e o arabe de lord Rutheney.

—Pois apezar da tua opinião, respondeu com voz alterada Heitor, garanto-te que se o meu jockey não tivesse sido um parvo, ganhava o primeiro premio. {68}

—A ti succede o mesmo que a Marco Antonio quando os seus gallos iam combater com os de Octavio Augusto, que perdia e para consolação á sua pouca sorte arranjava sempre uma desculpa. O cavallo de lord Rutheney levava ao teu mais de vinte metros de avanço. Emquanto ao do hespanhol não se fala, esse não era um animal, era um raio: nem mesmo o vento corria mais do que elle.

—Os hespanhoes, respondeu Heitor, em tom desdenhoso, têm nas veias um sangue mixto de godo e arabe, e não é para estranhar que saibam dar vantagens aos cavallos nas corridas. O conde de Loreto parecia um cigano correndo d'aquella maneira.

Fernando ao ouvir estas palavras, pôz-se de pé e pallido, com o olhar turvo e ameaçador, dirigiu-se para o grupo que falava de si e encarando o que acabava de falar, disse-lhe:

—O conde de Loreto sabe correr como um cigano e bater-se como um cavalheiro.

E dizendo isto, atirou uma luva ao rosto de Heitor, que se lançou sobre o seu antagonista.

Fernando estendeu o braço e deteve-o com incrível facilidade.

Todos o rodearam.

Da parte do conde foi um creado chamar lord Rutheney.

—Que foi? perguntou elle.

—Quer ser meu padrinho?

—Como? Tem alguma pendencia?

—Sim, senhor. Este cavalheiro acaba de me insultar e tenho de me bater.

—Tem a escolha das armas.

—Cedo-a ao meu adversario: espero-o no café.

Pouco depois lord Rutheney reunia-se ao conde de Loreto.

—Já está tudo combinado, disse o inglez. Batem-se ao florete, ámanhã, ás oito horas da manhã, no bosque de Bolonha.

—Perfeitamente. Espero-o ás seis no hotel do Louvre.

{69}

—É sufficientemente forte ao florete para se pôr na frente de um adversario que o escolhe para se bater?

—Manejo-o regularmente, e tenho pouco amor á vida; com estes dois requisitos não me devo arrecear d'um lance. Mas se me permite, retiro-me. São dez horas: esta noite canta a Patti, e desejo ouvil-a, porque ámanhã mata-me o meu adversario.

Lord Rutheney conduziu-o na sua carruagem á Opera.

Quem visse Fernando na sua cadeira applaudindo com enthusiasmo a celebre Patti, não supporia que elle se ia bater no dia seguinte.

Á meia noite entrou no seu quarto do hotel do Louvre, sentou-se, accendeu um charuto, e dirigindo um olhar tranquillo a Francisco, disse-lhe:

—Ámanhã bato-me ás oito horas da manhã.

O mordomo recuou dois passos, e exclamou assombrado:

—Outra vez?!

—Sim, é a quinta. Quem sabe se será a ultima? Não é vontade minha; quando menos se pensa, um insolente ou um enfatuado atravessa-se-nos no caminho, insulta-nos, e a honra exige que nos batamos. Cinco vezes me tem succedido isso. Prepara, pois, os meus floretes, e deita-te. Ah! Esquecia-me. Ámanhã cedo, mandarás por um creado *Rabeca* a lord Rutheney; vendi-lh'a; e, verdade verdade, que isso me desgosta mais do que o duello.

Francisco fez um gesto como se fosse para falar.

—Não te inquietes, não te inquietes com reflexões inuteis; o duello é inevitavel. Quero dormir para estar fresco. Bôa noite. Acorda-me ás cinco e tres quartos.

E o conde principiou a deitar-se.

Francisco sahiu triste e preocupado.

Alguns minutos depois o conde de Loreto dormia profundamente.

O honrado mordomo não se deitou: ser-lhe-ia impossivel dormir, e preferiu estar levantado.

{70}

Ás cinco horas e meia entrou no quarto do amo.

O velho esteve-o contemplando por alguns momentos. Notava-se-lhe na triste expressão do rosto o estado do seu espirito. Receava pela vida do amo.

Por fim disse em voz alta:

—Senhor, são horas.

O conde abriu os olhos, bocejou, e, fixando um olhar somnolento no mordomo, disse:

—Nunca perdoarei ao meu adversario este delicioso sonho que me rouba. Que mau costume baterem-se de manhã!

Fernando vestiu-se com esmero, como se fosse fazer uma visita de cerimonia, com a differença de que em vez do frack ridiculo e incommodativo, vestiu uma sobrecasaca preta.

—Querido Francisco, disse o conde, dando o ultimo toque na gravata em frente ao espelho, se o meu adversario me matar, o que é provavel, mas não impossivel, tu te arranjarás como puderes, com os meus crédores; e visto o remanescente da minha fortuna ser para a avarenta da minha tia, a marquezia del Ramo, aconselho-te que fiques com tudo quando te seja possivel, porque não é justo que ao cabo de tantos annos de bons serviços, tenhas que procurar um novo amo, que indubitavelmente te não trataria como mereces. Agora faz o favor de dizer ao creado que me sirva o chá. Mylord não se póde demorar; são já seis horas, e é pontual até ao exaggero.

Effectivamente lord Rutheney, acompanhado de outro amigo, entrou no quarto.

—Creio, senhores, que temos tempo de tomar uma chavena de chá, disse o conde.

Rutheney olhou para o relógio.

—Os meus cavallos conduzir-nos-hão em menos de uma hora: temos tempo, isto é, podemos dispor de sessenta minutos.

—Creio que este cavalheiro, ajuntou o conde, indicando o companheiro do lord, será o meu segundo padrinho.

—É *mister* Carlos Bobbe, meu medico e meu amigo; servirá, pois, de medico e de testemunha. {71}

—Tanto melhor. Mas vamos ao chá.

O creado entrou trazendo uma bandeja com chavenas e pratos, que deixou sobre uma meza.

Mister Bobbe bebeu cinco chavenas de chá; lord Rutheney tres e o conde uma.

—Quando quizerem, meus senhores, disse Fernando, vendo que os padrinhos collocavam as chavenas na bandeja, como prova de que não queriam beber mais.

Fernando abraçou o mordomo, cujo rosto circumspecto e os olhos arroxeados o fizeram sorrir.

—Não receies, lhe disse; sahir-me-hei bem como das outras vezes. E partiu.

CAPITULO XI

Mais um

Quando Francisco ficou só, não pôde conter as lagrimas; deixou-se cahir n'uma cadeira e chorou.

A dôr do mordomo era tão profunda, tão verdadeira que ao entrar o creado para o serviço, nem sequer deu pela sua presença.

O creado que servia seis quartos do corredor do segundo andar era um rapaz tão diligente como desembaraçado, e ao vêr o profundo pesar do velho creado do conde e que este sahira tão cedo, acompanhado de dois amigos, suspeitou tudo, mas em vez de dirigir a palavra a Francisco, julgou que era mais conveniente confiar as suas supposições ao hespanhol que occupava o quarto n.º 14, intimo do conde de Loreto. Assim, dirigiu-se para o quarto de D. Ventura e chamou-o.

D. Ventura ainda não perdera o costume de madrugar; estava levantado e disposto a barbear-se. Abriu a porta, julgando que fosse o conde a propor-lhe algum passeio para aquelle dia, e encontrou-se com o creado e o seu eterno sorriso. {72}

—Que ha? perguntou D. Ventura.

O creado falava, ainda que mal, o hespanhol, mas o sufficiente para se fazer comprehender pelos hospedes.

—Cavalheiro, disse elle, sei que sou um tanto indiscreto e importuno batendo tão cedo á porta de um hospede...

—Bem, bem. Que é? perguntou D. Ventura.

—Mas sei tambem, continuou o creado, que o senhor é o amigo intimo do senhor conde de

Loreto.

—Sim, homem, sim, acaba.

—Pois bem, o senhor conde deve correr algum perigo, porque o vi sahir acompanhado de dois inglezes; e o mordomo do conde assim que elle sahiu, pôz-se a chorar amargamente. Não quero equivocar-me, mas julgo que o senhor conde vae bater-se.

—Diabo! Bater-se? Isso é grave!

—É muito, cavalheiro.

—Mas não sabes porquê?

—Só vi metter no trem os floretes.

D. Ventura sahiu precipitadamente do quarto, e entrou no do conde.

Francisco continuava prostrado na cadeira e com o rosto occulto entre as mãos.

—Que novidades temos? perguntou em voz alta D. Ventura.

O mordomo levantou a cabeça. Aquelle rosto veneravel estava decomposto pelas lagrimas e pela dôr: tinha uma expressão de profunda tristeza.

—É certo o que me acabam de dizer? É certo que Fernando foi bater-se?

—Desgraçadamente é certo, senhor D. Ventura.

—Diabo! Não sei para que se expõe a vida assim com tanta facilidade. Eu tive pelo menos, cincoenta mil questões, e nunca tive necessidade de me bater com pessoa alguma. Para que temos os tribunaes, se fazemos justiça por nossas mãos? E demais, o que deu origem ao duello, valeria a pena? {73}

—Não sei detalhes; só me disse que se ia bater; mas ia apostar em como o meu amo o não provocou, pois que o conde é incapaz de offender alguém. Oh! se o seu adversario o matasse era uma desgraça.

—Era, era! Mas tenho esperança em que não será assim. Ora o diabo do rapaz!...

E como o mordomo continuasse gemendo e suspirando, D. Ventura pôz-se a passear pelo quarto.

Assim se passou meia hora. Nenhum dos dois falava. D. Ventura pensou, por fim, que seria mais conveniente esperar o resultado no seu quarto do que junto do mordomo, cuja dôr o affligia duplamente.

—E a que horas saberemos o resultado? perguntou D. Ventura.

—Creio que ás nove, pouco mais ou menos.

—E são só oito! Mas, não se poderia dar parte ás auctoridades para evitar o duello?

—Se tal fizéssemos, o senhor conde nunca nos perdoaria.

—Diz bem; não ha outro remedio senão esperar e conformarmo-nos com a sorte. Ora o diabo do rapaz! Vou vêr se a minha filha já se levantou, e peço-lhe que tão depressa saiba alguma cousa me avise.

O quarto de Amparo era separado do de seu pae por uma debil parede communicando por uma porta.

Amparo ouvira entre sonhos parte do que o creado dissera a D. Ventura.

Quando este entrou já estava levantada.

—Não me occulte nada, disse, quero saber tudo quanto se passa.

—Pois, filha, o que se passa é pouco agradavel. Fernando a esta hora bate-se em duello.

Amparo empallideceu e como se lhe faltassem as forças, sentou-se n'uma cadeira.

—Que é isso? Estás doente? Era só o que faltava.

—Não se assuste; não tenho nada.

—Nada! nada! Não me capacitas de que é sem motivos que perdes as côres, commoveste-te, e isso é natural, muito natural, sim, senhora; porque demais, o conde é um joven que se faz estimar; e se tivéssemos a desgraça de o perder, se o seu inimigo o matasse... {74}

—Cale-se, papá, cale-se! exclamou Amparo estremecendo. Não diga isso nem a brincar.

—Sim, bôa brincadeira, não haja duvida! Ora o diabo do rapaz!

D. Ventura, depois de barbeado, assomava á porta a cada momento.

Nunca o tempo lhe parecera tão comprido.

Quando o relógio do quarto deu as nove horas, disse:

—Já se não póde demorar.

Como se estas palavras fossem como um amuleto magico, ouviram-se os passos de varias pessoas no corredor.

D. Ventura chegou á porta e não poudo conter um grito.

—É elle? perguntou Amparo.

—É.

—E como vem? perguntou a medo.

—Perfeitamente, andando pelo seu pé. Ah! Louvado seja Deus!

E dizendo isto, sahiu precipitadamente do quarto, entrando no do conde.

—Venha um abraço, venha um abraço, exclamou.

O conde deixou-se abraçar.

—Com que então, foi feliz? perguntou D. Ventura com infantil alegria. Muito folgo, muito folgo.

Fernando dirigiu um olhar de censura ao mordomo, e deixando assomar aos labios um amargo sorriso, disse:

—Sabe então que me bati. Pois, visto isso, só me resta dizer-lhe que o lance foi desgraçado; teve graves consequencias.

—Como? Está ferido? exclamou D. Ventura.

—Não, infelizmente.

—Não o comprehendo.

—Senhor D. Ventura, quando por uma d'essas nescias exigencias de decoro se batem dois homens e um d'elles morre no que chamamos campo da honra, o que sobrevive, o que torna para casa vencedor, traz uma espinha cravada na alma que permanece ahi toda a vida. Indubitavelmente alguma maldição está suspensa sobre a minha cabeça. Tenho má mão para desafios.

E o conde deixou-se cair n'uma cadeira, dando mostras do mais profundo abatimento.

—Conheço, senhor conde, que se deve ter um remorso muito grande em matar um homem, disse D. Ventura, mas, que remedio? Quando se tem em frente um inimigo armado que cubiça a nossa vida temos o dever de disputá-la.

Lord Rutheney pronunciou algumas palavras para tranquillisar o conde que parecia vivamente incommodado.

—Agradeço o interesse que lhes inspirei, disse Fernando; mas ao mesmo tempo, desejava que fizessem o favor de me deixarem só, pois estou fatigado e preciso descansar.

Era evidente que uma grande fadiga do espirito se apoderára do conde e os seus amigos retiraram-se.

D. Ventura entrou no quarto da filha a quem contou tudo quanto se passára, que com esse natural egoismo da mulher se alegrou profundamente ao saber que o conde se tinha sahido bem do lance de honra, visto ella não conhecer o infeliz Heitor morto no desafio, e unirem-na a Fernando relações de amizade que iam tomando o character de uma paixão verdadeira.

Entretanto, o conde de Loreto fechava-se no quarto, permanecendo o resto do dia sentado n'uma cadeira. Nem elle mesmo poderia dizer se o somno se assenhoreou d'elle algum momento.

Quando a obscuridade da noite se espalhou por todo o quarto, levantou a cabeça e disse:

—É uma desgraça que já não tem remedio; tenho uma mão fatal. Esta é a quinta vez que causo a morte ao proximo e uma profunda dôr a um pae.

E passando a mão pela frente, como se quizesse livrar-se dos tristes pensamentos que o preocupavam, levantou-se e tocou a campainha.

Francisco, o mordomo, tão pallido, tão commovido como o amo, entrou com uma luz na mão.

—Bôas noites, senhor conde, disse deixando a vella sobre uma mesa.

—Bôas noites, Francisco. Já sabes; matei um homem.

—E todavia o senhor tinha-me dito que não mais se bateria ainda que o insultassem.

—É verdade; jurei não me bater, mas para que ninguem duvidasse de que sei defender o meu decoro, não me pude conter, e agora arrependo-me. Ah! se fosse em Hespanha não me tinha batido.

—O remedio que ha, disse Francisco, é esquecer o passado.

—Isso é mais difficil do que parece. Na memoria, como n'uma chapa d' aço, grava o buril do tempo todos os acontecimentos da vida. Só a morte tem o privilegio de os apagar. Mas tu disseste: já não tem remedio. Prepara tudo, que amanhã sahiremos de Paris. Necessito, pelo menos, afastar-me d'esta terra.

—E para onde vamos, senhor?

—Para Hespanha.

—Está bem.

Fernando del Villar exhalou um suspiro e sahiu do quarto dirigindo-se ao de Amparo.

{77}

CAPITULO XII

Como se pede

O piano é um grande recurso para aquelles que possuem e sentem na alma as doces e gratas impressões da musica, essa linguagem universal a que renderam tributo até os proprios deuses.

Amparo estava tocando. Tinha na estante a partitura da *Estrangeira*, mas os dedos percorriam machinalmente o teclado, e os olhos fixavam-se distrahidamente nas notas.

A musica para ella n'aquelle momento não era mais do que um grato ruido, adormecedor, como o sussurro cadencioso de uma fonte que convida á meditação.

Não pensava quasi nada no piano, muito pouco na partitura que tinha ante si, mas muito no conde de Loreto.

De Florença a Paris, isto é, trinta e seis horas de comboio, foram sufficientes para a formosa hespanhola se enamorar.

Antes d'esta viagem a casualidade collocára, ainda que momentaneamente, no palacio de Médicis, Fernando e Amparo; depois em Paris as corridas de cavallos e o duello reforçaram a ideia fixa que começava a dominál-a.

N'este momento Amparo estava só. D. Ventura sahira, depois de lhe contar tudo quanto sabia referente ao desafio do conde.

Tocava, pois, piano, pensando no seu companheiro de viagem, quando ouviu passos atraz de si; voltou a cabeça, e encontrou-se com Fernando que lhe dirigiu um cumprimento respeitoso e um sorriso cheio de tristeza.

{78}

—Bôas noites, senhora D. Amparo. Talvez a venha incommodar, disse o conde.

—Incomodar-me? respondeu ella, parando de tocar. Pelo contrario. Bem vê que estou só... Meu pae é um valdevinos; abandona-me e então o piano é o meu recurso. Mas que tem? Está mais pallido que de costume, e noto-lhe uma expressão de tristeza na physionomia.

—Suppunha que não ignorava a desgraça que me succedeu hoje, e venho despedir-me.

—Como? abandona Paris?

—Ámanhã.

—Tão depressa.

—Pensava passar aqui alguns mezes, mas agora é-me impossível; necessito vêr outro sol, respirar outro ar.

—E para onde vae?

—Para Hespanha.

—Então, sr. conde, não tardará muito que nos vejamos lá, porque, apesar de tudo, creio que o céu de Hespanha é o melhor de todos.

—Diz muito bem, e sobretudo quando no céu de Paris a imaginação preocupada vê algumas manchas de sangue que perturbam o socego e roubam a paz de espirito.

—Verdadeiramente, é uma desgraça que as leis da honra imponham aos homens deveres tão desagradáveis. Meu pae contou-me tudo, e posso garantir-lhe que tão desgraçado acontecimento me penalizou bastante.

O conde sentou-se n'uma cadeira proximo do banco de Amparo.

—Não parece senão que me persegue algum genio fatal, disse elle, como se falasse comsigo. Quando o destino me colloca ante um homem com a arma homicida na mão, juro-o pela memoria de meu pae, sempre preferi morrer a matar, e expuz generosamente o peito ante o perigo, sem me preocupar em evitál-o. Mas indubitavelmente uma força superior á minha vontade guia a minha mão, e sempre vejo cahir sem vida o meu adversario. Só a primeira vez que me bati tive desejos de sahir vencedor; era uma creança, e a vaidade e o amor proprio cegavam-me. Então tive a desgraça de matar um amigo intimo, um antigo condiscipulo. Pobre Arthur! E sobretudo, pobre mãe aquella, em cujos olhos não mais se lhe sêccaram as lagrimas, até que a dôr a conduziu ao sepulchro!

{79}

O conde deteve-se. Bastava vêr-lhe o semblante, ouvir-lhe o timbre da voz para comprehender o estado do espirito. Amparo escutava-o interessada e sem se atrever a interrompê-lo.

O conde, mudando de tom, continuou.

—Com franqueza, não sou ridiculo? Vim despedir-me de V. Ex.^a, e estou-lhe contando historias que só a podem commover; mas ha dias em que se apodera de mim uma tristeza tão grande que não sei falar de outra coisa senão da minha vida passada, ou o que é o mesmo, dos meus remorsos, porque os sinto, senhora D. Amparo, e a minha sorte é duplamente desgraçada porque não tenho uma pessoa, que sendo depositaria das minhas amarguras, me console com os seus conselhos.

—Senhor Fernando, exclamou a joven verdadeiramente commovida, receando que só o desespero fosse o motivo da melancholia do conde; senhor Fernando, se julga que posso ser essa amiga, apesar da minha pouca experiencia do mundo, não me occulte nada e honre-me com a sua confiança.

—Senhora D. Amparo, ajuntou o conde com vehemencia, póde ser para mim o anjo salvador que me arranque do antro escuro em que me revolve, conduzindo-me ao reino da luz e da felicidade; porque eu, qual judeu errante vagueando pelo mundo, necessito d'uma alma sensivel que me comprehenda, um coração bondoso que palpite com o meu e que se compadeça de mim. De que serve a mocidade e a riqueza? Preciso amar e ser amado. O bulicio do mundo não é sufficiente para distrahir a tenacidade do meu pensamento, a soledade da minha alma. Para esquecer o passado necessito que comece para mim uma vida nova; é indispensavel regenerar o meu coração, porque não póde calcular a persistencia com que me persegue o infortunio. Um anno depois do meu desgraçado lance com Arthur a quem matei, estava na Italia, precisamente em Florença, no palacio de Médicis, defronte do grupo de Niobe onde a vi pela primeira vez...

{80}

O conde deteve-se, fez um brusco movimento com a cabeça, e exclamou:

—Só uma creança ou um louco seria capaz de entabolar semelhante conversação; e talvez eu seja uma e outra coisa. Desculpe-me, minha senhora, e perdôe-me todas as loucuras commettidas esta noite; mas parto amanhã, talvez que nos não tornemos a vêr mais, porque, já lhe disse, como o judeu errante percorro o mundo em busca de uma alma que me comprehenda, que se una á minha e que me dê parte da sua paz, da sua tranquillidade, da sua seiva. Ao vêl-a, disse: «É este o anjo que cubiço.» Mas creio-me indigno de merecê-lo; e já que o segredo do meu coração assomou aos labios, ainda que lh'o quizesse occultar, a senhora teria já comprehendido que a amo, e só me resta supplicar-lhe que não me guarde rancor por tanto atrevimento, e que me permita antes de partir apertar-lhe a mão como amigo.

Se Amparo não tivesse verdadeira sympathia pelo conde, se não estivesse disposta a amal-o, necessariamente ter-lhe-hia parecido tão rara como incoherente a declaração que o conde lhe acabava de fazer.

Mas Amparo amava o conde, e não se enganava ao pensar que era amada por elle. Por isso, aturdida, trémula, com voz commovida e pouco firme, o olhar fixo no chão, estendeu a mão a Fernando e disse:

—Pois bem; se o senhor julga que depende de mim a sua felicidade, confie a meu pae, logo que elle volte, o seu segredo e partamos juntos para Hespanha.

{81}

O conde soltou um grito, pegou na mão que Amparo lhe offerecia, e cobriu-a de beijos.

N'aquella noite o conde pediu a D. Ventura a mão da filha.

O honrado millionario mal poudo dissimular a alegria que semelhante pedido lhe causava. Era-lhe tão agradável ouvir chamar á filha condessa!... Fraqueza por certo muito natural n'um homem nas condições de D. Ventura.

Mas, ainda assim, não se precipitou: ouviu com apparente serenidade o pedido, e concedeu o seu consentimento, depois de ouvida a opinião da filha.

Quando o conde sahiu, D. Ventura foi ao quarto de Amparo.

—Venho dar-te uma noticia surpreendente, inesperada, talvez agradável.

—O que é papá?

—Que o conde parte para Hespanha.

—Já sabia.

—Já sabias?! E quem t'o disse?

—Elle proprio.

—Mas sabes que quer partir amanhã, se isso lhe fôr possível?

—Sim.

—E sabes tambem que me pediu a tua mão?

—Calculava tambem, meu pae, accrescentou Amparo, sorrindo-se.

—Por conseguinte atraiçoaram-me?

—O que perdoará, porque é muito generoso.

—Será possível que todos os paes sejam malucos?

—Malucos só no preciso, isto é, d'alma e coração.

—Sim, sim. Mas, dize-me que lhe hei-de responder.

—Responda-lhe que sim, é o mais logico.

—E o casamento.

—Celebrar-se-ha em Madrid.

—Claro. Quem se casa em França residindo em Hespanha?

—Pois então já sabe; quando o conde lhe perguntar pela resposta definitiva, diga que sim e é assumpto concluido.

{82}

—Mas olha, Amparo, agora que já se póde dizer que és a promettida esposa do conde de Loreto, vou contar-te uma cousa. Em Florença, supuz que tu e Ernesto se amavam; mas assim é melhor; enganei-me, com o que muito folgo, porque, minha filha, n'estes tempos é mais acceitavel para marido um conde rico, do que um artista pobre. Ernesto pinta muito bem, mas não tem uma peseta.

Amparo ao recordar-se de Ernesto commoveu-se; mas a commoção foi passageira, como a ave que cruza sobre a nossa cabeça para não mais voltar.

Dois dias depois, um compartimento de primeira classe conduzia a Hespanha com a velocidade da locomotiva os nossos conhecidos. Era o dia 28 de junho.

CAPITULO XIII

Os tres amigos

Dois mezes depois dos ultimos acontecimentos que acabamos de narrar, isto é, no dia 1 de setembro ás seis horas da manhã, dois rapazes passeavam na gare da estação do sul, esperando o comboio correio de Alicante.

—Garanto-te, dizia um d'elles, que Ernesto traz um grande quadro.

—E eu concedo-lhe o primeiro premio, ainda antes de o vêr.

—Tem muito talento.

—Sim, mas segundo pude perceber nas suas ultimas cartas, está enamorado.

—O amor abre muitas vezes o caminho.

{83}

—Quando nos não conduz a precipicios horriveis.

—Isso tudo depende da mulher que o inspira.

—Dizes bem; ella faz do homem ou um heroe ou um parvo, mas quasi sempre o segundo caso.

—Não te concedo voto no assumpto.

—Como! Collocas-me fóra das leis do sentimento humano?

—Sim, porque és um exaggerado e odeias o sexo fraco.

—Tenho motivos para isso. Procurei estudar a mulher e estou convencido de que para ellas o mais importante é a exterioridade. Uma gravata bem posta, brilhante e bem feita bota de polimento; n'uma palavra um *dandy* adamado e escravo da moda, e que tenha o cabello sempre bem apartado, tem muitas probabilidades de ser amado; emquanto que um homem de verdadeiro merito, que cuide mais da sua intelligencia do que do seu traje, fica sempre derrotado em questões de amor. A historia apresenta-nos milhares de exemplos: todos os homens que honraram a sua patria não tiveram a quinta parte das aventuras amorosas de Lovelace, cuja arte se reduzia em fazer olhares ternos e trazer magnificas fivellas de prata nos sapatos.

—Ovidio foi amado por uma princeza.

—Quase esqueceu d'elle ao vêl-o n'uma masmorra.

—Tasso foi amado por uma fidalga.

—Que lhe não mandou nem um simples coto de vela quando por sua causa estava no calabouço escrevendo, *Jerusalem libertada*. Mas tu só me dás dois exemplos. Olha, André, Cesar foi o primeiro da sua epocha, a grande figura de Roma, e comtudo, a sua mulher, Pompeya, preferiu-lhe um imberbe creançola, Publio Clodio, que se vestia de mulher para pôr ao conquistador do mundo, uma corôa que não era por certo de louro. Pobre Cesar! Como era calvo, a sua cabeça estava sempre ameaçada.

Os que assim matavam o tempo esperando o comboio, era um poeta a quem conheceremos pelo nome de Marcial e um pintor que se chamava André, ambos amigos intimos de Ernesto e a quem este remettêra de Alicante um telegramma avisando-os da sua chegada.

{81}

Marcial e André viviam juntos n'uma mansarda da rua do Prado, tinham um creado para ambos e comiam no café Suisso.

O unico patrimonio de Marcial era a penna; a fortuna de André, os pinceis. Os dois amigos tinham passado a fatal epocha de bohemios e tanto Marcial com os seus dramas; como André com os seus quadros, ganhavam o sufficiente para viver bem e serem muitas vezes a Providencia de alguns companheiros.

Mas continuemos na gare, que não tardará que visitemos a mansarda da rua do Prado.

O agudo silvo da locomotiva annunciou aos dois amigos que o comboio entrava nas agulhas; deixaram, pois, a discussão e dispuzeram-se a abraçar Ernesto.

Effectivamente chegou o comboio, e n'elle Ernesto, que se lançou nos braços dos seus amigos.

—Agora que já te abracei, digo que te acho muito abatido, disse Marcial.

—Effectivamente, estavas melhor quando partiste de Madrid, ajuntou André. Roma continúa a ser uma cidade doentia.

—Pois estou bom, completamente bom, e com um appetite devorador, respondeu Ernesto; mas, quando se vôa de Roma a Civita-Vecchia, de Civita-Vecchia a Marselha, de Marselha a Alicante, de Alicante a Madrid sem descançar nem uma noite, e quando de mais temos a infelicidade de enjoar no mar, creio que se não póde exigir a um corpo como o meu, magro e doente, que se apresente ante os seus amigos com as bochechas e a barriga de Sancho.

—Mas porque não vieste por Paris?

—Tinha pressa de chegar a Madrid, e receei demorar-me na capital do visinho imperio mais do que podia. E bem sabes que breve se fecha o praso para a apresentação dos quadros; chego, pois, a tempo. Arranjaram-me casa?

{85}

—Tens a nossa. Nós temos casa.

—Tenho quarto?

—Viverás como um principe desthronado, não te apoquentes.

—Conduzam-me, então, para onde quizerem.

—E a tua bagagem?

—Reduz-se a uma mala, dois caixotes com quadros, e a tela que venho expôr, que vem enrolada em um cylindro de madeira. Aqui está a guia.

—Dá-m'a. Pepe encarrega-se de tudo. É um rapaz muito esperto.

Os tres amigos sahiram da estação, entregaram a guia ao creado que se chamava Pepe, e subiram para um trem.

Para chegar á mansarda dos artistas era necessario subir noventa e seis degraus.

Uma vez vencida a difficuldade dos noventa e seis degraus, a mansarda occupada pelo pintor e pelo poeta era alegre como uma manhã de maio.

Alli respirava-se o ar puro; d'alli o céu parecia mais azul e a vista espairecia contemplando as arvores do Retiro e do Prado.

André fizera da sala o seu *atelier*, onde tudo se encontrava n'uma desordem encantadora e propria do genio.

Marcial reservara a saleta para escriptorio. Ficava ainda a casa de jantar bastante grande, outra sala, dois quartos e a cosinha.

A segunda sala estava adornada com moveis alugados para receber Ernesto.

Devemos advertir que era uma d'essas mansardas decentes, que têm fogão em todas as casas, e que rendem ao senhorio oito mil reales por anno.

Quando os tres amigos se installaram na sala que servia de *atelier* a André, este disse:

—Aqui tens o nosso palacio, que de hoje em diante será tambem teu, se é que desejas viver comnosco.

—Está claro! Aceito uma parte da casa, porque vejo que têm um grande *atelier* e admiraveis luzes para trabalhar.

{86}

—O que quer dizer que vens disposto a continuar com os pinceis.

—Bem sabes que são elles o meu unico patrimonio.

—Ai! Ernesto, por desgraça, em Hespanha a pintura pouco rende.

—Bem sei; mas trabalhando muito, espero não morrer de fome.

—Morrer de fome, estando comnosco!? exclamou Marcial. Isso não é facil; aqui os bens são communs e d'esse modo nunca nos falta nada. Demais o teu quadro será premiado, tu ficas rico, garanto-t'o eu.

—Não confio em promessas de poetas.

—O tempo te convencerá de que laboras n'um erro. Mas tratemos de outra coisa. Que tal te déste em Roma?

—Bem como sempre. Roma é a minha patria.

—Sim, é a patria dos artistas. Mas agora dize-me com franqueza, tu tiveste o mau gosto de te enamorares?

—Meu caro Marcial o amor não é outra cousa do que uma contribuição que todos pagamos, mais tarde ou mais cedo.

—Em boa hora o fosse. Eu procurarei pagál-o o mais tarde possivel. Mas com o direito que me concede a boa amizade, permite-me que te continue a interrogar.

—Pergunta o que quizeres.

—Amas?

—Creio que sim.

—Vamos vêr. Quantos graus attinge o teu amor?

—Muitos, respondeu Ernesto, sorrindo-se.

—E quem é ella?

—Se me permittem, guardarei segredo.

—Não ha inconveniente; mas sem dar nome ao santo, creio que nos pódes dar alguns pormenores.

—Isso é diverso.

—É nova?

{87}

—Vinte annos.

—Formosa?

—Como o mais bello sonho d'um pintor.

—Bem, bem, a arte deve ser irmã da belleza. É rica?

—Sim, por meu mal.

—Diabo! Isso não se explica.

—Digo por meu mal, porque se fosse pobre como eu, já seria minha mulher.

—Tão enamorado estás?

—Para que negál-o? Não tenho segredos para vocês, que são os meus unicos amigos: amo-a com toda a minha alma.

—De fórma que, quando terminar a exposição, regressas a Roma.

—Não, porque ella vive em Madrid.

—Anh! Isso é diverso; do mal o menos. Esperamos que nol-a apresentarás quando já não fôr segredo o teu amor.

—Prometto-o, tão depressa alcance o consentimento do pae. Por agora só lhes peço uma cama onde me deite algumas horas, porque estou muito moido.

—Tens razão, vem. Nós mesmo te vamos acompanhar ao quarto que te reservámos, mas não consentimos que durmas até muito tarde, porque convidámos uns amigos para almoçar.

—Acordem-me quando quizerem.

Um quarto de hora depois dormia docemente emballado pela gloria e pelo amor.

Pobre Ernesto! Como estava longe de imaginar a volubilidade da creatura a quem entregára toda a sua alma n'um só beijo!

{88}

CAPITULO XIV

Curiosidade não satisfeita

Emquanto Ernesto dormia, os seus amigos collocaram convenientemente a tela que o pintor trouxera de Roma.

—Magnifico! exclamou Marcial ao vê-la. Estou crente que na Exposição não apparecerá nada melhor.

—É uma grande obra, ajuntou André, contemplando o quadro com olhos de entendedor. Ernesto obtem o primeiro premio.

—Mas espera. Já vi esta cabeça de mulher em alguma parte, disse o poeta fixando uma das figuras do primeiro plano, que representava a rainha Esther.

—Eu tambem, ajuntou o pintor.

—Recordemo-nos onde.

Mas de repente deu uma palmada na testa, e exclamou:

—Espera, já sei! Esta cabeça não é outra senão a de uma menina que conheço e que mora em Madrid. É a filha do milionario D. Ventura d'Aguillar.

—Ah! Sim! Aquelle sujeito que vem muito ao Suisso e que é tão amigo dos artistas.

—Esse mesmo.

—E que faz esse senhor?

—Não o vejo desde o inverno passado. Deve andar viajando.

—Preoccupações dos ricos durante o verão.

—Sabes que examinando este magnifico retrato me assalta uma suspeita?

—Qual é?

{89}

—Que seja a linda Amparo o amor de Ernesto.

—Tambem me parece que tens razão em o suspeitares, visto que não ha muito ainda nos disse que ella era rica.

—Decididamente está decifrado o enigma.

—Sendo assim, sou de opinião que Ernesto deve dar, o mais breve possivel, o nó gordio.

—Nunca! Um artista de merecimento, um homem de talento deve ser solteiro toda a vida; o matrimonio é um obstaculo para a sua gloria.

—Seja como fôr, o quadro é admiravel.

—E devemos confessar que Ernesto será uma gloria nacional.

—O quadro produzirá um effeito grandioso; tambem eu não esperava menos.

—Se Ernesto encontrasse um Cosme de Médicis, tinha a fortuna feita.

—Desgraçadamente para os pintores aquelles tempos passaram.

—Sim, dizes bem.

Às onze horas chegaram tres amigos de Ernesto, pintores tambem, que estavam convidados para almoçar com Marcial e André.

Ernesto continuava dormindo, somno que se respeitou durante meia hora que passaram entretidos a contemplar o quadro.

Por fim decidiram-se a despertar o hospede, e Ernesto deixou a cama entre applausos, felicitações e abraços dos amigos.

Tudo sorria em volta de Ernesto, e elle pensava de si para si:

—Hoje estou com os meus amigos; ámanhã... oh! ámanhã irei vê-la ao seu palacio de Caramanchel.

Ernesto ignorava que Amparo tivesse morrido para elle.

Os seis amigos foram para o restaurant do Arminho, onde estava encommendado o almoço.

Os poetas e os pintores são tão pobres de dinheiro como ricos de imaginação. Quando a venda de um quadro ou a estreia de uma peça lhes rende algum dinheiro, gastam-no alegremente com o mesmo desprendimento de principes. Ao acabar-se o ultimo centimo puxa-se pela intelligencia e cria-se outra obra. Assim passam a vida esses sonhadores, esses filhos do genio que vivem acariciados pelo sopro da gloria e pela interminavel melodia das suas illusões.

{90}

O restaurant do Arminho hoje já não existe; ha ainda pouco tempo que fechou as suas portas, convertendo-se no de Madrid. Mas seja como fôr, occupemo-nos do primeiro.

O Arminho no seu pequeno, mas elegante recinto, não era frequentado por pobres ou economicos. O serviço era á lista, e os pratos caros, mas bons.

Os frequentadores sabiam que um simples almoço lhes custava um par de duros, mas sabiam tambem que era preciso pagar, não só os manjares que depositavam no estomago, como as gravatas brancas dos creados e o serviço de prata em que eram servidos.

N'uma grande cidade como Madrid ha o costume de se atirar o ouro por um lado, enquanto

que do outro alguns desgraçados morrem de fome.

Marcial encarregára-se do almoço. N'aquelle dia os estomagos dos amigos estavam á sua disposição. Escreveu n'um papel os quatro pratos fortes de que devia compôr-se, deixando ao gosto do cosinheiro do restaurant as sobremesas e os vinhos.

Os seis jovens, alegres e cheios de illusões, tinham bom apetite; comeram como quem não sente remorsos na consciencia, falaram de pinturas, de theatros, de mulheres.

Ernesto ouvia com certa satisfação os seus amigos; fallava menos do que elles sem duvida, porque tinha a imaginação mais preocupada.

Quando chegou o *Champagne*, o vinho da alegria, do amor, quando começaram os brindes e os epigrammas picantes. Marcial levantou-se com um copo na mão, e disse:

—Brindo pelo original que serviu de modelo ao nosso amigo para pintar a formosa figura de Esther no quadro que será a admiração de Madrid. {91}

Todos esvasiaram os copos.

—E se essa figura que tanto celebras fosse uma criação minha? disse Ernesto, sorrindo-se.

—Então, respondeu Marcial maliciosamente, brindo pellas bellas creações do teu genio, e se alguma vez tiver a triste ideia de me casar, pedir-te-hei primeiro que pintes uma mulher a teu gosto, e juro-te que não consumarei o sagrado laço do matrimonio sem que encontre uma de carne que seja equal á do teu retrato. Mas, que queres, parece-me que já vi a tua Esther com trajes á moderna.

—Estás enganado, respondeu Ernesto com embaraço.

—Senhores, disse André, levantando-se, eu, em nome da fraternal amizade que nos une, peço que respeitem o silencio do nosso amigo.

—Pois eu, pelo contrario, peço que nos conte todos os seus segredos, exclamou um dos convidados. Entre amigos como nós, tudo é commum, até os segredos.

—Tem razão. Ernesto não deve ser avarento dos seus segredos, já que nunca o foi da sua bolsa.

—Fala!

—Conta-nos o que fizeste em Roma desde o dia em que pisaste a cidade eterna, até ao momento em que partiste para nos trazeres o melhor quadro que verão os contemporaneos.

—Sim, conta-nos a historia dos teus amores.

—Basta, senhores! exclamou Ernesto, estendendo os braços para restabelecer a ordem. Quem diabo lhes disse que estou enamorado?

—Foi Marcial.

—É uma calumnia.

—Podemos provar-te o contrario.

—De que maneira?

—Apresentando-te o original da tua Esther.

Ernesto estremeceu.

—N'esse caso, só se poderia attribuir a uma casualidade, disse inquieto. {92}

—A amizade não deve ser exigente, disse André desejoso de livrar o seu amigo d'aquelles apuros. Visto que Ernesto não conta, respeitemos o seu silencio, e tomemos café.

—Sim, sim; tomemos café, ajuntou Marcial, e com pouco assucar, para que allivie um pouco a cabeça, dissipando os vapores do vinho!

—Isso é um insulto; chamas-nos *piteireiros*.

—Póde ser que tenhas razão, disse outro. Apesar de tudo, o piteireiro é um ser feliz.

—Que seria dos homens se não existisse o vinho?

—Uma sociedade de paes graves.

—Um vasto cemiterio.

—Viva o vinho!

—E os homens despreocupados, que se não importam de se embriagarem!

—Viva a Inglaterra, onde a embriaguez é respeitada.

—E está na ordem do dia.

—Ah! Nós, os hespanhoes, somos uns hypocritas; criticamos os piteireiros, mas bebemos vinho.

Desde aquelle momento a conversa dos seis rapazes foi tão animada, tão alegre, que nos seria difficil reproduzir-a.

Contos, anedotas, escandalos da capital, tudo serviu de assumpto, em redor d'aquella mesa, onde fumegava a digestiva *moka* e o estomacal *cognac*.

Ás seis da tarde abandonaram o restaurant, e dirigiram-se para Castelhana. Necessitavam respirar o ar fresco do campo.

{93}

CAPITULO XV

Carta interrompida

Penetremos na encantadora quinta que D. Ventura possuia em *Carabanchel de Arriba*; mas não nas elegantes e luxuosas habitações, pois que Amparo que é quem procuramos, está n'um caramanchão situado no extremo de uma recta e larga rua formada por altos e copados castanheiros da India.

Para que o leitor se inteire de tudo o que succedeu desde que perdeu de vista a formosa herdeira de D. Ventura, bastará dar-se ao incommodo de lêr a carta que Amparo escreve a uma amiga intima e antiga condiscipula.

Leiamos, pois:

«Minha querida Luiza

«Desde o dia do meu casamento com o conde de Loreto, isto é, ha um mez, nem tu sabes o que tem sido de mim nem eu sei nada de ti. Agora que meu marido me deixou, pois alguns negocios o prendem todo o dia em Madrid, vou dar-te parte da minha vida.

«Escrevo-te, ouvindo o canto das aves sobre a minha cabeça, e aspirando o perfume do jasmim e da madresilva. A minha alma necessita da doce quietação que me rodeia, para poder expressar-te toda a immensa felicidade que sinto.

«Ah! Luiza, já sei que amas um homem, e que és igualmente amada por elle. Porque se não casam? E porque não veem para o campo?

{94}

«Ignorava que no coração d'uma creatura o amor infundisse uma felicidade tão ineffavel como a que experimento. É bem verdade que Fernando, meu marido, é o melhor dos homens.

«Se visses a maneira amavel e obsequiosa que tem sempre para commigo! Eu sou, por assim dizer, a rainha absoluta d'este pequeno paraizo. Meu pae ri-se do que chama caprichos de menina amimada, e Fernando approva immediatamente, tendo por logico e natural até o mais estranho e excentrico.

«Muitas vezes pergunto a mim propria se esta felicidade poderá durar muito. Mas porque não ha de durar? Quando o amor é verdadeiro, dura tanto como a vida. Que digo? Mais do que a vida, pois acompanha a alma até á eternidade.

«Mas vou-te falar de Fernando a quem só conheces superficialmente. Imagina, querida Luiza, um rapaz bonito, com um coração de anjo, a quem os genios da musica e da pintura bafejaram em creança, pois que Fernando é musico e pintor.

«Toca orgão de uma maneira admiravel, e desenha quasi tão bem como Gustavo Doré, cujos bellos trabalhos conheces.

«Junta a isto uma bondade sempre disposta a comprazer e poderás imaginar quem é o homem que me coube por sorte para companheiro de toda a minha vida.

«Demais, Fernando tem uma conversação que fascina.

«Quando de noite passeamos pelo jardim de braço dado, deleita-me ouvir-lhe os planos

que formulou para que a minha felicidade seja mais duradoura.

«Se soubesses as viagens encantadoras que projecta para a proxima primavera!...»

{95}

Estava a carta n'este ponto, quando Amparo ouviu pronunciar o seu nome; levantou a cabeça e não poudo conter um grito.

Tinha na sua frente, seu pae e Ernesto.

D. Ventura, alegre e risonho como sempre; o pintor pallido como um cadaver.

Amparo ao vêl-o, deixou cair a penna da mão, exclamando:

—Ah! é o sr. Ernesto!

—Elle proprio, respondeu D. Ventura, collocando familiarmente uma mão no hombro do pintor. Surprehendeste-te, não é verdade? Pois olha que a mim tambem me succedeu o mesmo, apezar de o esperar mais dia, menos dia, visto a exposição abrir em meados do mez.

Durante este curto dialogo, Ernesto guardou silencio. Os olhos tinha-os fixos em Amparo e os labios entre-abertos deixavam assomar um sorriso tão amargo como doloroso.

Amparo por sua parte, parecia perturbada. A presença inesperada de Ernesto produzira-lhe um effeito desagradavel. Nos olhos d'aquelle homem estava o ameaçador olhar do amante offendido.

Aquelle homem era para ella um terrivel presagio, um vivo remorso. Desejava estar a cem leguas d'alli.

—Sem duvida, que viemos importunar esta senhora, disse Ernesto procurando dominar-se.

—Não, senhor Ernesto; escrevia a uma amiga, e tenho tempo. Só á noite é que parte o correio.

—Demais, disse D. Ventura, o senhor não é uma visita importuna para nós, mas um bom amigo a quem tratamos com o maior prazer e recebemos sempre com satisfação. Se assim não fosse commetteriamos uma ingratidão. De fórma nenhuma se esquecem facilmente as nossas excursões por Florença e Roma.

Innocentemente D. Ventura feriu no mais recondito o coração da filha.

—Creio, senhor Ernesto, que concluiu o seu quadro que vimos começado em Roma, disse Amparo.

—Sim, minha senhora, concluiu-o, e espero depois de amanhã, requerer um logar para a proxima exposição. {96}

—Onde iremos admiral-o e orgulharmo-nos, porque somos amigos do pintor, ajuntou D. Ventura.

—Quem o duvida?

—Mas dize-me: onde está o teu marido. Desejava apresentar-lhe Ernesto.

—Fernando foi esta manhã a Madrid e não volta senão á tarde.

—É pena; mas tudo se póde remediar, ficando Ernesto e almoçando comnosco.

Decididamente D. Ventura parecia disposto a atormentar a filha.

Ernesto comprehendeu que Amparo desejava vêr-se livre da sua presença, mas a noticia inesperada do seu casamento, causára-lhe tão terrivel effeito, que acceitou o almoço que lhe offerencia D. Ventura, só pelo prazer de atormentar aquella *coquette* que brincára com o seu coração para depois o despedaçar.

O almoço ia ser igualmente terrivel para os dois, mas Ernesto devorado pelo ciume, pela raiva, pelo desespero, estava resolvido a soffrer tudo.

Acceite o convite, D. Ventura, que não sabia estar quieto em parte alguma, teve ainda outro ensejo mais lamentavel para atormentar a filha do que os anteriores.

—Ernesto é como da familia e como fica para almoçar, vou dar as ordens necessarias e escrever duas cartas; passeiem pelo jardim, que eu venho buscal-os depois.

E dizendo isto dirigiu-se precipitadamente, para casa.

N'aquella occasião Ernesto daria a D. Ventura, a vida, e até a gloria; tinha necessidade de falar com Amparo sem testemunhas, de ouvir uma explicação da sua conducta; e demais, continuar o fingimento, a dissimulação, seria impossivel.

Quando n'um peito cheio de juventude e apaixonado se levanta essa terrível tempestade do ciúme, é difícil dominá-la, chega o momento em que, esquecendo-se dos deveres sociais, estala e produz um conflito.

{97}

Ernesto, ao vê-se só, suspirou com força.

Amparo compreendeu a sua situação e conhecendo o generoso coração de Ernesto, juntou as mãos, deixou assomar aos olhos duas claras e transparentes lágrimas e com voz comovida, disse:

—Pela memória de sua mãe, pela recordação d'aquellas noites imprudentes de Florença, rogo-lhe, Ernesto, que se esqueça de tudo e me perdôe.

O pintor fixou um olhar intenso, sinistro, n'aquella mulher que nunca lhe parecêra tão bella, e dominando-se, mas estremecendo ao mesmo tempo, como se o fosse a acommetter um ataque nervoso, disse:

—Perdoar, é fácil; basta ter um coração grande e generoso; esquecer é impossível, senhora, quando se tem uma alma como a minha, quando se sente na bôcca o fogo de um beijo que ha de causar a minha desgraça e a minha morte.

E levando a mão á cabeça, em tom desesperado, exclamou:

—Tudo isto é um sonho! É impossível que isto seja realidade! Que mal fiz a esta mulher, para que depois de mostrar-me o céu, me lance no abysmo do desespero?

—Ernesto, senhor Ernesto, por piedade. Conheço que fui uma imprudente, que sou culpada, mas que quer...

—Senhora, exclamou Ernesto com dignidade, ha procedimentos, que nem Cicero com toda a sua eloquencia, poderia explicar satisfatoriamente, e o seu, é um d'elles; e, se eu, vendo-me enganado, me quizesse vingar, se eu n'este momento em que a vida me é indifferente, commettesse um d'esses crimes que lança o desespero nos homens, seria mais desculpavel ainda ante os homens do que a senhora ante a sua consciencia.

—É verdade, é verdade! murmurou Amparo, escondendo o rosto nas mãos. Póde-me matar se lhe apraz.

{98}

—Não tenha medo; tenho bastante coragem para receber a morte sem me defender. Até ainda ha pouco a esperanza, essa bella flôr da vida que tudo embelleza, esse grato perfume da alma, acariciou o meu coração, porque a luz d'uns olhos que outr'ora se fixaram nos meus cheios de ternura, illuminava todo o meu sêr; mas, agora, encontro-me subitamente mergulhado na mais profunda escuridão. Foi tudo um sonho, tudo uma mentira; a senhora nunca me amou; as noites de Florença foram momentos passageiros de delirio, entretenimento de mulher *coquette*, esmola concedida por uns labios lisongeiros, falso ouropele que tive a veleidade de receber por ouro puro; e enquanto recebia um beijo falso, dava a minha alma inteira. Ah! Que louco fui! Se ao menos tivesse tido compaixão de mim, se se tivesse dignado escrever-me uma carta, dizendo-me: «Ernesto, esqueça tudo quanto se passou entre nós; vou casar-me com o conde de Loreto, meu pae exige-o, é um compromisso que não posso evitar...» uma desculpa qualquer, uma mentira ao menos, porque ha mentiras desculpaveis porque nos fazem bem... Mas não; a senhora, pelo contrario, guardou silencio, e eu continuava alimentando as minhas illusões. Hoje chego a esta casa com a alma repleta de amor e de esperanza e o seu pae diz-me com a mesma frieza e indifferença como se me falasse de um dos seus negocios: «Amparo casou com o conde de Loreto.» Comprehende, senhora, o effeito que em mim produziu esta noticia? As palavras não matam porque eu ainda vivo.

Amparo chorava. Só então compreendeu a gravidade da sua imprudencia. O conde de Loreto fascinara-a: desde o dia das corridas em Paris amava-o de toda a sua alma, mas se antes de casar ouvisse as justas recriminações que lhe dirigia Ernesto, não teria pronunciado o *sim* de esposa junto ao altar.

Mas o coquettismo, essa arma terrível da mulher, quando esgrimida contra um coração enamorado e sensível, dera os seus terríveis fructos e já era tarde para retroceder.

{99}

Por isso Amparo não encontrava palavras com que se defendesse, com que se justificasse.

N'estes casos, a mulher tem dois caminhos; ou rir-se do amante enganado, ou confiar na sua generosidade e pedir-lhe perdão.

Amparo nem por sonhos pensou no primeiro caso; conhecia bem o amor de Ernesto e a bondade do seu coração; por isso appellou para o segundo recurso, e, levantando a cabeça, apresentou ante os olhos do pintor o seu rosto interessante, formoso e pallido, e, derramando lágrimas, disse:

—Pois bem, sim, Ernesto; fui uma *coquette*, uma imprudente, uma leviana. O meu procedimento não tem desculpa; mas amo o meu marido e preferiria cem vezes a morte a faltar ao que a minha honra e os meus deveres de esposa me impõem. Se não é bastante generoso para

perdoar, mate-me, antes que Fernando conceba a menor suspeita, e antes que a mais pequena nuvem empanne a sua felicidade, prefiro morrer. Mas o senhor é bom e terá dó de mim.

Ernesto começava a sentir-se enternecido. Amava tanto aquella mulher que não se sentia com coragem para lhe negar fosse o que fosse. Amparo aproveitava-se das vantagens que ia conquistando.

—Sejamos, pois, amigos, como nos primeiros dias em que nos conhecemos; irmão, se quizer, mas perdôe-me e esqueça-me... não será tão cruel que m'o negue.

—Amparo, a senhora não póde imaginar o sacrificio que me pede; mas faz bem em confiar em mim. Como poderei ser a causa da desgraça da mulher que amo de toda a minha alma? Perdôe-lhe todo o mal que me fez, mas esquecer... é impossível. Para amar não é preciso ser correspondido. Mas para que prolongar por mais tempo uma scena que me despedaça o coração? Adeus, minha senhora, seja feliz, viva socegada, porque entre os dois abriu-se, desde hoje, um abysmo, no fundo do qual estão sepultadas todas as minhas illusões, toda a minha felicidade. {100}

E Ernesto sahiu do caramanchão como o demente que arrebatado pela vertigem do seu doente cerebro não sabe para onde caminha.

O primeiro movimento de Amparo foi detê-lo; porém conteve-se, calculando que ia commetter uma segunda imprudencia, e de mais graves consequencias do que a primeira.

Uma vez só procurou serenar-se.

—Pobre Ernesto! disse ella, enxugando as lagrimas. Nunca imaginei que fosse tão grande o seu amor. Ah! Tem muita razão para me odiar. Foi uma imprudencia.

E, recordando-se de que uma só palavra de Ernesto poderia perturbar a sua felicidade, exclamou:

—Meu Deus! Permitti que esse homem não seja assaltado pela terrivel paixão da vingança.

Amparo fixou o olhar na carta que escrevia tão alegre, poucos momentos antes, á sua amiga, e não tendo paciencia nem socego n'aquelle momento para concluil-a, guardou-a na carteira do seu estojo de viagem.

Quando o pae voltou, Amparo estava quasi socegada, ou pelo menos fingia, para que se não suspeitasse nada da scena que acabára de dar-se n'aquelle logar.

—Aonde está Ernesto? perguntou D. Ventura.

Rapidamente imaginou uma desculpa que motivasse a precipitada fuga do pintor.

—Ernesto, disse, acaba de sahir.

—Mas, volta para almoçar?

—Não; disse-me para lhe pedir desculpa de se retirar, mas havia-se esquecido de que tinha uma entrevista importante em Madrid ás duas horas da tarde.

—Todos os artistas têm a cabeça á razão de juro. Mas enfim que remedio! Almoçaremos sósinhos.

E offerecendo o braço á filha, dirigiram-se para casa. {101}

CAPITULO XVI

Propostas

Ernesto chegou a casa e deixou-se cahir desesperadamente na cama; sentia-se fatigado, um desejo irresistivel de chorar, um calor immenso nas fontes e um frio glacial no coração.

Deitou a cabeça nas almofadas e chorou.

Ás cinco horas da tarde, Marcial e André foram buscal-o para irem jantar, e ao verem-n'o pallido, com o parecer decomposto e os olhos avermelhados, perguntaram sobresaltados:

—Estás doente? Que tens?

—Nada, meus amigos, nada; quero estar só. Deixem-me; esta tarde não tenho appetite.

—Mais uma prova de que estas doente, e por isso não te abandonaremos.

—Por Deus, não me obriguem a levantar. Um bocado de socego far-me-ha bem. Repito-lhes que não tenho nada. Vão tranquilos que lhes peço eu.

Depois de meia hora de inúteis perguntas, Marcial e André saíram afflictos do quarto de Ernesto.

—Indubitavelmente ha alguma cousa, disse o poeta.

—Que diabo succederia? ajuntou André.

—Parece-me que anda n'este mysterio o original da formosa Esther do quadro.

—Tambem o creio.

—Não te disse elle esta manhã, que ia a Carabanchel?

—Sim.

—Em Carabanchel tem D. Ventura uma casa de campo.

{102}

—Que lhe succederia?

—Quem sabe! Talvez algum desengano.

—Seja o que fôr, procuremos indagar. É uma desgraça ter um coração impressionavel como o de Ernesto; vae dar-lhe muitos desgostos.

Marcial e André recolheram n'aquella noite mais cedo que de costume.

Ernesto continuava deitado; no quarto não tinha luz. Marcial approximou-se da cama com um phosphoro acceso para vêr se o seu amigo ainda dormia.

O pintor tinha os olhos abertos.

O poeta accendeu a vela que estava na mesa de cabeceira, puxou uma cadeira e sentou-se proximo da cama do amigo.

—Olha, Ernesto, a dissimulação só tem logar entre pessoas que se não estimam. É em vão que procuras occultar-me o que te succedeu. Soffres, tens uma d'essas dôres immensas que opprimem o coração. Basta olhar-te para a cara para te adivinhar. Comprehendes que, estimando-te como a um irmão, não me posso retirar tranquillo, só porque me dizes: «Não tenho nada». Confia, pois, na minha amizade, deposita em mim as tuas maguas. Quem sabe se poderei servir-te de consolação?

Ernesto apertou carinhosamente a mão do amigo e disse:

—Sei quanto me estimas; sei de quanto é capaz o teu generoso coração. Somos amigos ha muito tempo, e nunca tive o mais leve motivo para duvidar da tua amizade. Em nome, pois, d'essa amizade, peço-te que respeites o meu silencio e que me deixes só.

—Está bem, obedeço; mas não esqueças nem um só momento de que me encontro disposto a fazer o sacrificio da minha vida, se com ella posso evitar-te algum desgosto.

Marcial sahiu do quarto de Ernesto na occasião em que ia a entrar André.

—Onde vaes? lhe disse.

—Vêr Ernesto.

{103}

—Deixa-o, está dormindo; o que precisa é de socego.

No dia seguinte Ernesto levantou-se de melhor parecer, e os tres amigos tomaram juntos uma chavena de chá e alguns biscoitos inglezes.

Nem André, nem Marcial tornaram a perguntar a causa da sua tristeza, mas elles tambem estavam tristes e desgostosos.

N'aquelle mesmo dia ficou o quadro de Ernesto na exposição. Á noite reuniu-se com os amigos no café. Todos respeitaram a taciturnidade do pintor, porque todos o estimavam e se compadeciam da sua incomprehensivel tristeza.

Assim se passaram quinze dias. A exposição de pintura abriu as portas ao publico, e o quadro de Ernesto arrancou um grito de admiração aos espectadores.

A figura de Esther era uma obra tão perfeita como a Virgem de Murillo. O quadro tinha sempre um grupo de admiradores, que o contemplavam com verdadeiro extasi.

Uma manhã Ernesto acabava de se levantar quando José, o creado, entrou participando-lhe que um cavalheiro lhe desejava falar.

Esse cavalheiro não era outro senão Fernando del Villar, Conde de Loreto.

Ernesto procurando simular uma serenidade que não sentia, offereceu-lhe uma cadeira, e perguntou tranquillamente o que desejava.

—Vi e admirei o precioso quadro que tem na exposição de pintura, disse o conde. É na verdade uma obra-prima. Tenho a absoluta certeza de que alcança o primeiro premio, e venho vêr se o senhor m'o quer vender.

—Senhor, disse Ernesto, creia que concede ao meu trabalho mais merecimentos do que os que realmente tem. Mas de modo nenhum desejo desfazer-me d'elle emquanto o jury não resolver.

—Entretanto póde confiar, disse o conde, que o jury lhe concede o primeiro premio, e eu compro-lhe o quadro como uma obra-prima. Póde pedir-me quanto quizer sem receio de que me pareça exaggerado o preço. Felizmente sou rico, e sei avaliar o valor das obras como a tela de Esther. {104}

—Tenho tambem que advertir-lhe, senhor conde, de que um correspondente da casa de Rotschild já me fez proposta sobre o quadro.

—Rotschild é mais rico do que eu, disse o conde, sorrindo-se, mas tenho mais direitos do que elle ao quadro a que nos referimos.

—O senhor tem mais direito?! exclamou Ernesto, comprehendendo o ponto para onde o conde desejava levar a conversa.

—Sim, porque o senhor não ignora que a cabeça de Esther tem uma grande parecença, parecença de retrato perfeito, com uma mulher que tenho em muita conta, e cujo bom nome me importa mais do que e vida.

—Não serei eu que o contradiga na sua opinião, senhor conde, mas se é retrato, é por pura casualidade, pois foi pintado de imaginação.

—Creio, senhor, ajuntou o conde manifestando a sua importancia, que n'estas coisas o melhor é falar com a maxima franqueza.

—Nada ha de que eu mais goste.

—Assim, pois, começarei por lhe dizer o que o senhor não ignora, e é que a cabeça de Esther não é outra cousa senão o retrato de minha mulher, a quem o senhor conheceu em Roma e em Florença.

—Pois bem, senhor conde, ainda que assim seja, ainda que visse e tratasse em Roma e Florença com a senhora que hoje é sua esposa, ainda que a minha memoria tivesse sido tão feliz que retivesse as suas feições e as transportasse á tela, tudo isso não é mais do que uma liberdade que tomei, e se o offende essa liberdade, a questão, entre pessoas de bem, tem uma solução que o senhor não ignora.

Ernesto pronunciára estas palavras com a altivez de quem provoca. O conde ouviu-o tranquillamente e sem demonstrar a mais leve agitação. {105}

Quando o pintor concluiu, o conde fez um movimento de olhos e de rosto, manifestando o desgosto que lhe causava semelhante provocação.

—Senhor, disse pausadamente, primeiro que tudo, previno-o de que não vim aqui ao som de guerra e julgo por tanto fóra de proposito a solução que acaba de me propôr. Que conseguiríamos batendo-nos? Justamente o contrario do que desejo e do que o senhor desejará amanhã. Poderia provar-lhe, sem que lhe ficasse duvida alguma, que não sou um cobarde, e que me tenho batido mais de uma vez.

Ernesto sorriu-se.

—Perdô-lhe essa nova provocação, ajuntou o conde, e torno a pedir-lhe não só que me venda o quadro, como tambem que espalhe a noticia de que eu lh'o encommendei em Roma, pedindo-lhe que este fosse o retrato de Amparo.

—Nunca!

O conde estremeceu, augmentou de uma maneira terrivel a sua pallidez, os seus olhos brilharam momentaneamente de uma fórmula sinistra, e fazendo um esforço violento para dominar-se, continuou sem levantar a voz, com humilde entoação.

—Creia, meu amigo, que está em completo erro se julga que vim aqui com exigencias; longe do meu espirito toda a ideia de ameaça; só supplico. Se o senhor se nega a vender-me o quadro, mas se deseja evitar a minha mulher graves desgostos, creio que por fim cederá a publicar um artigo nos jornaes em que explique satisfatoria e convincentemente para todos, a semelhança que tem a figura de Esther com Amparo.

E o conde, levantando-se ajuntou:

—Pense, e pense tambem nas graves consequencias que a todos podem trazer a sua negativa. Espero até amanhã a sua resposta em minha casa. Este cartão indica-lhe a minha residencia em Madrid.

E deixando sobre uma mesa um bilhete de visita, cumprimentou-o e sahiu.

Ernesto permanecia sentado com o olhar provocador, sem se dignar corresponder ao cumprimento que o conde lhe dirigira ao sahir. {106}

CAPITULO XVII

Confiança

Quando o conde entrou na carruagem que o esperava á porta, deu ordem que o conduzissem para casa, e deixou-se cahir no assento rugindo de raiva.

—Ah! exclamou falando comsigo. Aquelle insensato julgou talvez que tive medo. E não conheceu o horrivel tormento que me causava o conter-me. Terei que matar outro homem? Não, não, mil vezes não. Consentirei antes que elle me esbofeteie, preferirei fazer saltar os miolos.

Quando o conde chegou a casa, situada na rua do Barquillo, entrou no quarto de vestir de Amparo, que o esperava inquieta e commovida.

—O tal senhor Ernesto, disse o conde, sentando-se n'um sofá, é menos generoso do que suppunhas. Nem quer vender-me o quadro, nem publicar uma communicacão em que explique decentemente a natural curiosidade de todos que te conhecem.

—Mas elle não tinha nenhum direito para fazer o que fez, para me pintar n'um quadro com risco de me comprometter, exclamou Amparo tartamudeando.

O conde sorriu-se, e fazendo um movimento de hombros, disse:

—Não podes calcular o quanto me fez soffrer esse homem. Durante a nossa entrevista, falei-lhe com doçura, com humildade, pedi-lhe que me vendesse o quadro, suppliquei-lhe, e julgando, sem duvida, que as minhas palavras eram dictadas pelo medo, que eu era um cobarde, teve o atrevimento de me dizer que se não ficava satisfeito com a sua negativa, o assumpto liquidava-se d'outra maneira entre homens. Desgraçado! Necessitei de todo o valor, de toda a força do homem que se não póde bater, depois de ter morto cinco homens, para não o esbofetear na sua propria casa. Mas quem sabe se esse insensato me fará faltar ao meu juramento e terei de matal-o. {107}

—Não, não, Fernando! Não quero que te batas! Não quero que te exponhas! A tua vida pertence-me!

—Mas se esse homem, depois de ter dado pasto a maledicencia com o seu importuno quadro, me insultar na rua, no theatro, n'um passeio, o que hei de fazer senão bater-me?

—Pensa que um duello não serviria senão para augmentar essa maledicencia que nos assusta, esse murmurio que receamos.

—Sim, concordo; mas não vejo outro caminho.

—Dize-me, Fernando, tens confiança em mim?

—Se a não tivesse, estaria como estou, aqui?

—Obrigada, meu amigo.

—Mas a que proposito veiu essa pergunta?

—Porque conheço o bello e nobre character de Ernesto.

—Vaes fazer-me algum elogio das suas qualidades moraes?

—Não; vou tranquilizar-te. Ouve. Uma casualidade fez com que eu conhecesse Ernesto em Roma. Depois acompanhou-nos a Florença. Bondoso e illustrado, levou-nos a toda a parte, e não demorou muito que não percebesse que eu lhe não era indifferente. Bem sabes, Fernando, que não tenho segredos para ti, porque o meu coração e a minha vida pertencem-te, porque te amo de toda a minha alma.

—Sim, sim, não tenho duvidas a esse respeito e comprehendo perfeitamente tudo quanto se póde passar entre uma menina e demais formosa como tu e um homem como Ernesto, que viajam

juntos. Amou-te, fez-te uma declaração que não regeitaste, já por coquettismo, já por compaixão. Isso é natural nas mulheres, não as censuro; mas ás vezes traz más consequencias. Agora, por exemplo: Ernesto ao voltar a Hespanha, encontra-te casada e julga-se com o direito de fazer a tua e a minha desgraça, e apezar d'isso não tenho a mais pequena duvida de que esse rapaz tem uma boa alma, um generoso coração. {108}

—Dizes bem, é uma desgraça. Tomei aquelles passeios em Florença, por um passatempo, por uma distracção. Aborrecia-me. Ernesto, pelo contrario, julgou que eu o amava como Heloisa amou Abelardo... Lastimo tão funesto engano. E agora auctoriza-me para que meu pae compre o quadro, eu procurarei a maneira, sem faltar aos meus deveres de esposa, de liquidar este assumpto satisfatoriamente, porque nada me interessa tanto como a tua felicidade, meu Fernando.

—Repara, Amparo, que o que me propões é uma imprudencia. Ernesto para ceder aos teus pedidos, póde ser exigente.

—N'esse caso, dir-te-hei: «Fernando, sou tua; o teu amor é a minha vida. Mata esse homem, que me julgou capaz de faltar aos meus deveres.»

O conde soltou um grito, abraçou com entusiasmo a mulher.

—Ah! disse Amparo, este abraço prova-me que te inspiro confiança, e que annues ao meu pedido.

—Faze o que quizeres; mas fica sabendo que se antes de vinte e quatro horas esse homem não explicar nos jornaes, de um modo satisfatorio para mim, a parença da condessa de Loreto com a Esther do seu quadro, não me fica outro remedio senão matal-o.

E o conde cumprimentando a esposa, sahiu do quarto.

Amparo ficou por um momento como que oppressa sob o peso da ameaça que o marido acabava de proferir.

Pela primeira vez comprehendeu até onde podia conduzil-a a imprudencia do seu coquettismo em Florença. {109}

Rapidamente lhe passaram pela imaginação as recordações d'aquellas noites passadas com Ernesto no jardim do hotel do senhor Rosales.

—É preciso evitar a todo o transe que se batam. Um desafio entre meu marido e Ernesto produziria um escandalo, e a maledicencia, duvidando da minha honradez, poderia menoscar na honra do conde. Se isto succedesse, toda a felicidade que agora disfructo desappareceria. Não, não, falarei com Ernesto e supplicar-lhe-hei se tanto fôr preciso.

Amparo deteve-se, como se tivesse commettido alguma imprudencia.

—Mas se lhe peço uma entrevista, continuou, ainda que esta seja com a nobre intenção de evitar uma desgraça, se se sabe que a mulher do conde de Loreto e o auctor do quadro de Esther se viram sem testemunhas, então...

Amparo escondeu o rosto entre as mãos, rompendo em amargo choro, porque comprehendia que por todos os lados sómente encontraria difficuldades.

N'aquelle momento entrou D. Ventura.

—Que é isso? Que tens? Porque choras? Acabo de encontrar o teu marido que me cumprimentou com uma frialdade um tanto importuna. Vou-me convencendo de que os aristocratas quando se casam com a filha d'um plebeu, embora este seja o mais honrado e o mais rico do mundo, sempre julgam que lhe fazem favor. E olha, como isto me desgosta, e caso continue assim, separo-me de vocês, ainda que o não te vêr me amargure a velhice e abbrevie os dias que me restam de vida.

D. Ventura falava rapidamente, dissimulando mal o desgosto que sentia e as lagrimas que lhe começavam a assomar aos olhos.

—Meu querido pae. Creio que nos ameaça uma grande desgraça.

Este grito sahido do peito de Amparo fez empallidecer o pae. {110}

—Uma desgraça! exclamou. E que desgraça é essa?

—Ernesto foi um imprudente ao tomar-me para modelo do seu quadro.

—E é só isso? perguntou D. Ventura que não via motivo para se sobresaltar d'aquelle modo. Se o motivo é o quadro, se não querem que elle continue exposto, comprem-lh'o, e é assumpto concluido.

—Mas elle não o quer vender.

—Ora! Porque não lh'o pagam bem.

—Não, meu pae, não. Ernesto não o vende ainda que lhe offereçam um milhão.

—Pateta! Nem tu nem Ernesto sabem o que é um milhão. Não ha quadro do mundo que valha essa quantia.

—O pae não conhece Ernesto.

—Mas entendamo-nos. Que é que tu queres? Que elle retire o quadro?

—Não é sómente que o tire da exposição, como tambem que publique nos jornaes um artigo, assignado por elle, dizendo que o quadro é do conde, o qual teve o capricho de que Esther fosse o retrato da esposa.

—Pois bem, falarei com Ernesto, e tudo se arranjará.

—Mas Ernesto recusa-se!

—Como! E porque recusa?

Amparo comprehendeu que era preciso revelar tudo ao pae, porque só elle podia valer-lhe n'aquelle apuro, e pegando-lhe carinhosamente nas mãos e olhando-o com doce expressão, disse-lhe:

—Porque Ernesto ama-me; porque tem ciumes, porque ao chegar a Hespanha e encontrando-me casada lhe fugiram todas as esperanças do seu generoso coração, e receio que commetta alguma loucura.

—Diabo! Diabo! Isso é muito differente! E teu marido sabe que Ernesto te ama?

—Suspeita-o, e jurou bater-se com elle, se antes de vinte e quatro horas não ficar completamente resolvida a questão do quadro.

D. Ventura deu um profundo suspiro.

{111}

Começava a vêr a questão sob o seu verdadeiro ponto de vista, e receava que tivesse um desenlace fatal.

—Bem vê, meu pae que o meu sobresalto e o meu receio é fundado. Se Fernando e Ernesto se baterem, se algum d'elles morrer...

—Tudo, menos isso. É preciso liquidar esse negocio. Vou falar com Ernesto.

—Negar-se-ha; estou crente. Será mais conveniente que eu lhe fale, mas não na sua casa. É preciso que o papá o chame.

—Não vejo inconveniente. Mas onde? Amparo reflectiu um momento.

—Occupo o meu rez-do-chão d'esta casa; pois bem, escreva-lhe uma carta pedindo-lhe para vir aqui; não a casa do conde de Loreto, mas—á sua.

D. Ventura sentou-se a uma mesa, pegou na penna e disse:

—Dicta a carta.

Amparo pensou alguns instantes. Depois disse:

Senhor Ernesto Alvarez

«Meu bom amigo

«Peço-lhe para que tão depressa receba esta carta tenha a bondade de me vir procurar em minha casa pois desejo falar-lhe de um assumpto da maior importancia.

«Julgo inutil participar-lhe que moro no rez-do-chão, onde o espero, confiado em que se apressará em satisfazer o pedido de um amigo que tanto o estima.

Sempre seu amigo,

D. Ventura de Aguillar.»

Fechada a carta, enviou-a immediatamente por um creado.

Depois, D. Ventura e a filha desceram para o rez-do-chão.

—Agora, meu pae, disse Amparo, só lhe peço que quando vier Ernesto me deixe a sós, com elle, mas é preciso que, detraz d'aquelle reposteiro, seja testemunha da nossa entrevista. {112}

—Farei o que quizeres, porque estas questões apoquentam-me atrozmente.

—Preciso, para que se ámanhã tentarem debicar em mim, ao menos o meu pae saiba que não sou uma d'essas mulheres que faltam aos seus deveres com facilidade.

Uma hora depois Ernesto era introduzido no gabinete em que estava Amparo.

D. Ventura occultou-se precipitadamente no quarto contiguo.

CAPITULO XVIII

A golfada de sangue

Ernesto, de pé, com o chapéu na mão, pallido, e surprehendido por se encontrar com Amparo, não se atrevia a dar um passo.

Amparo que fazia grandes esforços para dominar a commoção que experimentava sorriu-se e estendeu-lhe a mão.

—Que é isso, meu amigo! Tão zangado está comigo que não quer apertar-me a mão?

—Senhora condessa, em verdade que a não esperava encontrar aqui, tartamudeou Ernesto.

—Porque a suspeital-o não teria vindo, não é verdade? Agora vejo que fiz bem em pedir a meu pae que escrevesse a carta. Mas, peço-lhe que se sente aqui, ao meu lado; tenho que lhe falar de um assumpto de que depende a tranquillidade da minha alma, o senhor que sempre foi tão bom para commigo creio que não deixará de sel-o neste momento. {113}

Ernesto sentou-se ao lado de Amparo, mas sentia-se muito commovido, agitado e quasi sem forças para fixar os seus olhos no formoso rosto da condessa.

—Conheço, senhor Ernesto, que me não assiste nenhum direito para lhe pedir algum favor por mais insignificante que seja, porque comprehendo que deve estar resentido commigo. Seria inutil desculpar-me; confesso-me culpada, e fui, se assim quizer, uma *coquette* que pagou esse tributo de vaidade de que poucas mulheres escapam, e por isso vou-lhe falar, não ao homem em cujo braço me apoiei para visitar o Colyseu de Roma e cujas palavras carinhosas resoaram nos meus ouvidos como uma embriagadora musica durante as noites de Florença, mas a um cavalheiro, a um homem generoso e desinteressado, em cujo nobre coração só se albergam sentimentos nobres, emfim, a si, senhor Ernesto, a quem não quero occultar a situação em que me encontro, a si de quem depende a paz do meu lar, a tranquillidade do meu espirito.

Amparo deteve-se, levou uma das lindas mãos aos olhos e enxugou as lagrimas que durante a conversa lhe assomaram.

—Não creia, senhora condessa, que os meus labios pronunciem uma só palavra que seja de recriminação, disse Ernesto. Desde que cheguei a Madrid, e assim que soube que a senhora pertencia a outro, que era a esposa do conde de Loreto, senti tão profunda dôr no coração, tão grande magua na alma, que só então pude avaliar a enorme paixão que me tinha inspirado. Não sou d'aquelles homens que se resignam a perder n'um momento as esperanças que durante muito tempo acariciaram. Será isto uma desgraça, concordo, porque não devemos encarar a sério esta vida.

Ernesto passou a mão pelo rosto, fez um esforço para se dominar e continuou:

—Sou um nescio! Estou falando de mim, a senhora condessa, em lugar de lhe perguntar o que deseja e apressar-me a satisfazel-a. Peço-lhe desculpa das minhas anteriores divagações, e ordene tudo quanto lhe aprouver. {114}

—Não, senhor Ernesto, não; conheço todo o mal que o meu coquettismo lhe causou, e por conseguinte não podem ser-me indifferentes os seus soffrimentos. O que quero, o que lhe imploro é que me perdôe e me não odeie, o que lhe peço é que annua ao que esta manhã lhe foi pedir meu marido, porque só assim poderá a minha alma viver tranquilla e restabecer-se a paz n'esta casa.

—E... pensou bem no que me pede, minha senhora?

—Sim, sei que para si é um grande sacrificio. Se o senhor fosse outro homem nunca me resolveria a pedir-lhe tão grande favor, senhor Ernesto, mas do senhor espero tudo, porque se

tanto fôr preciso, lançar-me-hei a seus pés até que o consiga, porque o senhor não quererá que nos meus olhos nunca mais sequem as lagrimas, nem vêr-me desprezada pela maledicencia e odeiada de meu marido a quem tanto amo; porque se o senhor não cede acontecerá indubitavelmente uma desgraça.

Ernesto fixou em Amparo um olhar intenso, profundo, como se pretendesse lêr-lhe no fundo d'alma, e depois disse:

—O senhor conde de Loreto é um homem valente, um dextro atirador que tem provado a sua habilidade e o seu valor em mais de uma occasião. Sei que se eu recusar terminantemente ao que me pede nos bateremos, e não sendo eu um espadachim, será d'elle o melhor partido. Tambem não terei grande trabalho para lhe provar, minha senhora, que a ideia de um duello de morte pouco me preocupa. A vida só é preciosa para os que são felizes e a senhora destruiu toda a minha felicidade. De mais ha já algum tempo que goso de pouca saude, e por conseguinte é desnecessario pensar em mim. Só temo que em Madrid me tomem por um cobarde; é epitheto que não mereço e por isso me recusei a satisfazer os pedidos do senhor conde. {115}

—E quem ousará chamar-lhe cobarde? disse Amparo. Para que os seus amigos fizessem semelhante apreciação, seria preciso que houvesse alguma cousa que não fosse natural. Acaba de chegar de Roma com o quadro de Esther; em Roma estive este verão e lá estive tambem meu marido. Nada tão facil e tão interessante para a sublime obra que expôz n'um dos salões da Exposição de pintura, como inventar uma d'essas anedotas que fazem na posteridade parte da historia de um quadro. Por exemplo: o senhor precisava de um modelo para Esther; encontrou-me com o conde, então meu noivo e seu amigo, e encontrando nas minhas feições tudo quanto sonhava para a figura de Esther, pediu a Fernando para que eu servisse de modelo. O conde annuiu com uma condição: a de comprar-lhe o quadro pelo preço em que o senhor o avaliasse; e effectivamente fechou-se o negocio por vinte e cinco mil duros. Tudo isto é o mais natural do mundo. Ninguem depois de lêr nos jornaes a historia da pareçença de Esther com a condessa de Loreto, assignado por si, será capaz de dizer que semelhante declaração foi escripta pela mão de um medroso.

—Effectivamente, minha senhora, respondeu Ernesto, d'esse modo, na minha historia, haveria um episodio fabuloso, o de vender um quadro no seculo da photographia pela fabulosa quantia de meio milhão, e estou certo de que tão vantajosa venda produziria inveja a muitos. Mas ignorando todos que conheci em Roma e que acompanhei a Florença D. Amparo d'Aguillar, ninguem supporá qual a verdadeira historia da pareçença de Esther com a condessa de Loreto; e para mim, basta-me que a senhora o saiba e que o não ignore o senhor conde. Tambem julgo que a senhora não quererá fazer-me o agravo de me julgar interesseiro. O meu quadro não vale vinte e cinco mil duros e por isso não posso ceder aos seus desejos.

—Meu Deus! disse a joven juntando as mãos, e derramando abundantes lagrimas. Julgava que este homem me amava, mas enganei-me. {116}

Ernesto fez-se pallido até ficar livido, os olhos brilharam-lhe de um modo terrivel, pegou bruscamente em uma mão de Amparo, e disse:

—Senhora, o meu amor é tão grande, que não encontraria palavras com que pudesse narrar-lh'o.

E pondo uma mão sobre o peito, continuou:

—Aqui, desde o momento em que perdi a esperança de realisar os meus sonhos, sinto como que uma tempestade infernal que rebentará em breve, despedaçando-me o peito. Oh! Como é insensato todo o homem que não sabe ser superior ás paixões que o dominam. Eu nunca amara senão minha mãe e a gloria. A que me deu o ser deixou de existir. Fiquei orphão, e a gloria desde esse dia foi minha mãe, minha amada, minha vida; mas um dia o destino ou a fatalidade collocou-a ante mim, e amei-a com toda a minha alma. Este amor então foi correspondido, sellado com um beijo que ainda me queima nos labios, que ainda abraza a alma, e depois...

Ernesto soltou uma gargalhada hysterica e ajuntou:

—Mas para que recordar-lhe o que a senhora esqueceu? Que deseja a senhora? Fiz-lhe o sacrificio da minha felicidade, talvez o da minha vida, farei tambem o da minha honra, estou disposto a tudo. O quadro é seu, minha senhora; escreverei a noticia, e entregarei ao senhor conde de Loreto o documento com que poderá retiral-o quando a Exposição terminar. Depois, se quizerem, podem queimal-o, pois era esse o fim a que o destinava.

Ernesto poz-se de pé, fazendo um esforço supremo, e como se as suas ultimas palavras tivesse esgotado as forças, dirigiu-se para a porta.

Amparo olhava-o absorta, commovida, sem coragem para detel-o. Viu-o partir, e notou que aquelle homem tremia como um ebrio.

Apenas sahira do gabinete, ouviu-se na antecâmara um ruido como o que produz um corpo ao cahir desamparado. A condessa soltou um grito e D. Ventura sahiu da alcova. {117}

—É um rapaz que vale quanto pesa, disse o commerciante.

—Meu pae, corra, succedeu qualquer cousa a Ernesto.

D. Ventura foi por onde o pintor tinha sahido, e effectivamente encontrou-o estendido no chão.

Soltou um grito e pediu soccorro. Ernesto estava desmaiado com a cara e o peito manchados de sangue.

Quando Amparo chegou, julgou que Ernesto se suicidara; os creados levantaram-n'o e transportaram-n'o para a cama de D. Ventura, e quando chegou o medico, soube-se a verdade: Ernesto tivera um grande vomito de sangue que o obrigara a perder os sentidos.

Uma hora depois, quando voltou a si e abriu os olhos, o conde de Loreto, Amparo, Ventura e o medico estavam em volta da cama.

O pintor estava extremamente pallido, mas com essa palidez mate, melancolica, dos doentes de peito, e dirigindo um olhar vago e fatigado em volta de si, disse com voz debil:

—Quanto me penalisa, senhores, este contratempo. Senti-me mal repentinamente, como se se tivesse rompido qualquer cousa dentro do peito; quiz evitar á senhora condessa um desgosto, e retirei-me á pressa, mas ao chegar á antecamara, perdi os sentidos. Espero que me desculparão o susto que lhes causei.

—O mais importante, meu amigo, disse o conde, é a sua saude, e desejo que me faça o favor de permanecer em minha casa até que se encontre completamente restabelecido.

Havia tanta doçura, tanto interesse n'aquella voz, que Ernesto, fixando o conde com um olhar repleto de agradecimento, respondeu:

—Um doente nas minhas condições, senhor conde, é demasiadamente importuno. Agradeço-lhe reconhecidissimo o seu offerecimento, mas não devo acceital-o e peço-lhes que tão depressa o medico diga que me encontro em estado de ir para minha casa, me concedam licença. {118}

—Não será hoje nem amanhã, respondeu o medico, e por conseguinte creio que não nos devemos occupar d'outra cousa que não seja fortalecer o nosso doente.

—Não se fala mais n'isso, disse D. Ventura, Ernesto é mais bem tratado aqui do que em sua casa. Eu, em nome da nossa amizade, prohibo-lhe que se levante da cama. Quando estiver restabelecido, quando estiver forte, fará então o que lhe aprouver. Hoje mando eu.

Ernesto fez um movimento d'olhos indicando que se resignava. Sentia-se tão fraco, que lhe seria impossivel ter-se de pé.

Ficou, pois, resolvido que ficaria no quarto de D. Ventura.

Quando o medico sahiu, Amparo deteve-o para lhe perguntar pelo doente.

—É grave, disse o facultativo. Mais tarde ou mais cedo morre. Deve ter soffrido muito.

Amparo retirou-se para os seus aposentos, e, fechando a porta, chorou.

O remorso começava a preoccupar-lhe o espirito.

CAPITULO XIX

Pagar a hospitalidade

D. Ventura mandou pôr uma cama no quarto de Ernesto.

—Serei o seu enfermeiro, disse, Amparo, e o conde ajuda-me n'esta tarefa. Animo, pois, amigo Ernesto, e não pense n'outra cousa que não seja em restabelecer-se. {119}

Desde aquella occasião o pintor encontrou uma familia carinhosa, sollicita, que lhe prodigalizou todo o bem estar. Nem elle mesmo podia explicar o que se passava em redor de si.

Muitas vezes era Amparo quem lhe dava os remedios, limpando-lhe o copioso suor que com frequencia lhe inundava a frente, e isto fazia-o mesmo deante do marido e com a amorosa sollicitude de uma irmã.

D. Ventura logo ao segundo dia começou a tratar o enfermo por tu com a ternura e o interesse de um pae.

Assim se passaram cinco dias. Ernesto falava pouco, não só porque o medico lh'o prohibira, como tambem porque pensava muito em todos estes acontecimentos.

O seu amor por Amparo era immenso. O conde indubitavelmente conhecia esse amor, e comtudo, dedicado e obsequioso, consentia que sua mulher passasse horas inteiras sentada a cabeceira da sua cama.

Em vão Ernesto perguntava a si mesmo porque era que aquella familia se mostrava tão attenciosa, tão obsequiadora para com elle, e o seu coração generoso repellia algum pensamento pouco favoravel para ella. O conde parecia-lhe um homem digno e honrado, Amparo uma irmã, D. Ventura um pae, e até o medico era para elle um amigo.

Desde que recuperára os sentidos, durante os dias em que se achava n'aquella casa, ninguem lhe tornára a falar do quadro. Ernesto sentindo-se mais alliviado, aproveitou um momento em que estava só, pois desejava demonstrar áquella familia o seu reconhecimento.

Levantou-se da cama, chegou com algum custo a uma mesa onde estavam os apetrechos de escripta, e poz-se a redigir um artigo.

Passada uma hora tinha acabado.

Então, voltou para a cama, tocou a campainha e disse ao creado que se apresentou:

{120}

—Faça favor de dizer ao senhor D. Ventura que desejo falar-lhe.

O creado obedeceu e poucos momentos depois entrava o commerciante, sorrindo como sempre.

—Bravo, bravo, disse elle. Já te vejo esse parecer mais animado e gosto d'isso. Mas, saibamos o que quer o meu doente.

—Que leia isto, que mande tirar copias e que as remetta aos jornaes que quizer.

E Ernesto entregou uns linguados de papel em que pouco antes escrevera. D. Ventura leu para si. Quando acabou a leitura lançou-se nos braços de Ernesto, exclamando com voz commovida:

—Obrigado, Ernesto, obrigado. Estas linhas trarão a paz a um lar e o socego a um pae; és o homem mais generoso do mundo.

D. Ventura tinha os olhos cheios de lagrimas.

Ernesto estava impressionado ante a profunda satisfação do velho.

—Demais, disse o pintor, fingindo grande naturalidade, essa declaração que destruirá por completo a maledicencia, vale bem pouco, e não vejo motivo para que o senhor m'o agradeça. Em poucos dias estarei completamente restabelecido, e sahirei de Madrid, e nem o senhor conde, nem a senhora condessa me tornarão a vêr. Tenho um plano de vida que me será proveitoso. Emquanto ás nossas excursões artisticas por Florença, e Roma só me resta julgál-as um encantador sonho, filho d'uma imaginação viva e impressionavel, e como os sonhos se esquecem procurarei esquecêl-as tambem.

—Oh! Tu não dizes o que sentes, Ernesto, soffres e tentas occultal-o.

—E quem não soffre n'este valle de lagrimas? Existe porventura homem feliz n'este mundo? Creio que não. A vida não é outra cousa senão um castigo que Deus impõe á humanidade pelo peccado original; resignemo-nos, pois e paguemos esse tributo ao Creador.

—Mas isso não me tranquillizou por completo. Dizes no teu artigo que o quadro é propriedade do conde de Loreto, que o comprou em Roma, com a condição de que Esther fosse o retrato de sua futura mulher, e isso não é verdade.

{121}

—Meu amigo, ás vezes a mentira, que tem alguma cousa de santa, é indispensavel.

—Comtudo o conde não te comprou o quadro.

—Mas se eu lh'o offereço.

—Isso não póde ser. Tu és pobre e nos não consentimos...

—Mau! O quadro, dado o caso de ser premiado pelo governo, poderá render-me quando muito cinco ou seis mil duros. Com essa quantia é rico um homem como eu.

—Mas nós podemos dar-te pelo quadro vinte mil duros.

—Isso seria roubar o dinheiro, e não creio que o senhor me faça a offensa de me julgar interesseiro.

—Demais sei eu que todos os homens de talento desprezam o dinheiro.

—Pois então consinta que a minha pobre Esther salvando os filhos de Israel fique em paga da carinhosa hospitalidade que me concederam, e não se fala mais no assumpto. Mas não percamos tempo; é preciso que ámanhã saia em alguns jornaes o meu communicado.

D. Ventura não pode convencer Ernesto a que acceitasse qualquer quantia pelo quadro.

—Para todos, disse o pintor, o quadro foi comprado pelo conde de Loreto pela importancia que lhe aprouver dizer, e eu não o desmentirei; para nós, o quadro será uma offerta que eu faço ao esposo de D. Amparo de Aguillar.

No dia seguinte, ao levantar-se, Amparo, viu varios jornaes sobre uma pequena mesa de pau rosa.

—Que é isto? perguntou. Cuidam que me vou dedicar á politica?

—Não sei, minha senhora, mas o papá disse-me que os puzesse ahi e que dissesse da sua parte á senhora condessa, quando se levantasse, que lesse um communicado que trazem os jornaes. {122}

Amparo suspeitou do que tratava o communicado, pegou no jornal e leu em voz baixa o que se segue:

«Senhor director do...

«Espero da sua amabilidade que publicará esta carta no seu acreditado jornal que tão dignamente dirige, pois importa ao senhor conde de Loreto e ao que subscrive a presente carta, desvanecer certas equivocacões que uma parte do publico que visita a Exposição de pintura tem feito sobre o meu quadro de Esther.

«Ha alguns mezes estava em Roma pintando o quadro de Esther quando tive a honra de ser visitado por Fernando del Villar, conde de Loreto, com a então sua futura esposa, hoje condessa de Loreto.

«Verdadeiro entusiasta pela pintura, o conde de Loreto, protector dos artistas, propôz-me comprar o quadro por uma quantia bastante elevada; attendendo ao pouco ou nenhum merecimento da minha tela, acceitei o negocio e ficou desde então o quadro de Esther sendo propriedade do conde de Loreto.

«A partir d'ahi o conde passou a visitar-me todas as manhãs, passando algumas horas no meu atelier vendo-me pintar.

«Um dia, ao ter quasi terminada a minha obra, occupava-me em retocar a figura de Esther, quando o conde me disse:

—«Meu amigo, tenho um capricho de homem rico que desejava satisfazer. Se o senhor não se scandalizasse e quizesse, a cabeça da rainha Esther poderia ser o retrato da senhora que em breve será minha mulher. Ha algum inconveniente n'isso? {123}

—«Nenhum, senhor conde, lhe respondi. Nem conheci a celebre judia da tribu de Benjamin, a bondosa sobrinha de Mardoques, nem vi mesmo algum retrato d'ella, mas desde já aposto qualquer cousa em como a mulher do rei Assuero não foi mais bella do que a joven que d'entre em pouco será a condessa de Loreto.

«Poucos dias depois, a cabeça de Esther era um retrato bastante parecido da senhora D. Amparo de Aguillar, condessa de Loreto.

«Assim fica explicada a similhaça que com a esposa do senhor conde de Loreto tem a figura principal do meu quadro.

«Peço-lhe me desculpe o incommodo que lhe causo, mas a rectidão do meu character e o agradecimento a isso me obrigam, e antecipadamente agradece, o que é

De V. S.^a

Att.^o V.^{or} Cr.^o e Obrg.^o

Ernesto Alvarez.»

Quando Amparo acabou a leitura ouviu a voz do marido que lhe pedia auctorização para entrar. Entrou com o jornal na mão.

—Entra, Fernando. Não precisas auctorização para entrar no meu quarto, lhe respondeu.

O conde approximou-se da mulher e depois de lhe ter dado um carinhoso beijo na face e dirigir-lhe um sorriso amoroso, disse:

—Bom dia, querida Amparo, bom dia. Vejo que ambos lemos o communicado de Ernesto.

—Sim; meu pae mandou-me estes jornaes.

—Tambem m'os mandou a mim, e vinha perguntar-te se sabes o que se passou entre teu pae e Ernesto.

{124}

—Não sei.

—Fosse o que fosse, a conducta d'esse rapaz não póde ser mais nobre. Bem vês que nos offerece o quadro, porque tu bem sabes que lh'o não comprei.

—Sim, é um rasgo de generosidade pouco vulgar n'um homem que não tem outro patrimonio senão os pinceis.

—Mas nós não podemos consentir em similhante offerta.

—Ou pelo menos compensal-o com outra.

—Dizes bem. N'este assumpto convém proceder com toda a delicadeza. Vinha lêr-te isto mas como já lêste, retiro-me e vou vêr Ernesto. Almoçamos juntos?

—Sim, meu Fernando, espero-te aqui para me contares tudo o que resolveres.

Fernando tornou a abraçar a mulher e sahiu.

Amparo ao vêr-se só, deixou-se cair n'uma cadeira e leu pela segunda vez o jornal.

—Ah! exclamou, exhalando um suspiro que brotava do mais fundo da sua alma. Ernesto vale cem vezes mais do que eu. Causei toda a sua desgraça. O coração tambem me diz que serei a causa da sua morte. Que Deus me perdôe o mal que fiz a esse homem.

E, cobrindo o rosto com as mãos, deu livre curso ás lagrimas.

CAPITULO XX

Abnegação

Quando o conde entrou no quarto de Ernesto, acabava este de se vestir.

Pallido, com o parecer cadaverico, o semblante do pintor tinha impressos os profundos vestigios da enfermidade que lhe minava o peito.

{125}

O conde admirou-se de o vêr levantado. Ernesto, sorrindo, veio-lhe ao encontro.

—O medico já lhe deu auctorização para se levantar? perguntou Fernando.

—Os medicos são uns ignorantes. Se seguisse os seus conselhos, ficaria ainda um mez na cama, mas tenho esperanças de me restabelecer d'outra maneira sem auxilio da medicina.

—Senhor Ernesto, disse o conde com voz carinhosa, ignoro o que tenciona fazer para se curar, mas reprovo que abandonasse a cama.

—O meu plano de vida é muito simples, senhor conde, reduz-se a ir viver no monte, a respirar o ar puro e livre do campo, longe da balburdia da cidade, do bulicio dos homens; é o remedio mais efficaz para os doentes do peito. Em outros tempos fui um entusiastico amator da caça. Quando o governo me fez seu pensionista, quando parti para Roma, offereci os meus cães e as minhas espingardas e abandonei a minha distracção favorita. Em poucos dias adquirirei todos os apetrechos e partirei para os montes de Toledo onde conheço um caçador de profissão, viverei com elle, caçando umas vezes, pintando outras, e quem sabe se a vida semi-selvagem que vou emprender me restabelecerá a saude.

O pintor procurava dissimular o cansaço que a conversação lhe causava.

O conde, que o conhecia, disse com commoção:

—Ernesto, offender-se-ha commigo se lhe falar com a franqueza de irmão?

—Pelo contrario, senhor conde, julgar-me-hei muito honrado.

—Pois bem, o senhor crê que essa viagem, essa vida semi-selvagem, como acaba de dizer, lhe será tão proveitosa, como diz?

—Sem perceber de medicina, comprehendo que a vida do campo é muito proveitosa aos

—Comtudo a vida de caçador é agitada e precisa de corpos robustos e fortes.

—Quem sabe se o meu se fortalecerá?

—Duvido!

—É preciso dar-se tempo ao tempo.

—Mas ainda que assim seja o senhor não é rico e precisa trabalhar para viver.

—Tão pouco precisa um caçador de profissão! disse Ernesto sorrindo-se. Além d'isso pintarei quadros pequenos, que, vendendo-os baratos, sempre terei quem m'os compre; por exemplo, assumptos de caça, paisagens tiradas do natural. Oh! tenho esperanças que nada me faltará.

—Está então resolvido a emprehender essa nova vida e eu não me opponho, mas quero propor-lhe um negocio.

—Qual?

—O senhor precisa de quem lhe compre os quadros que pintar.

—Certamente.

—Pois bem, compro-lh'os eu. Como vê não tenho muitos quadros bons nas minhas paredes, e por isso espero que me permitta pagar-lhe o que está na Exposição das Bellas-Artes.

—Emquanto a esse creio que o senhor já leu a carta que enviei aos jornaes, e como digo que recebi em Roma antes de concluir...

—Mas isso não é verdade.

—Que importa? O quadro é seu, senhor conde, e não falemos mais de semelhante assumpto. Emquanto á venda dos que pinte de futuro, isso é diverso e não vejo inconveniente em que o senhor m'os compre.

—Fixemos então desde já o preço, ficando assente que recebo todos quantos o senhor pintar.

—Isso é offerecer muito.

—Compro todos. Marque preço.

—Marcarei quando lh'os mandar, a não ser que o senhor me indique desde já os assumptos e os tamanhos.

—Isso fica á sua escolha.

—Pois então fica desde hoje sendo o meu unico comprador.

—E o senhor o meu pintor. Mas repito que é uma loucura abandonar os recursos da capital quando a saude não esta sufficientemente restabelecida.

—Pelo contrario, senhor conde, é muito conveniente abreviar a minha partida.

Fernando encolheu os hombros conhecendo que Ernesto estava firmemente resolvido a sahir de Madrid.

—Não insisto mais, apesar de lamentar que nos deixe tão depressa, porque de amigos tão generosos, tão nobres como o senhor, é sempre custosa a separação.

—Senhor conde, antes de nos separarmos tomarei a liberdade de lhe falar com a rude franqueza de um homem que sempre foi dominado pelos impulsos do seu coração. Odiei-o de morte durante algum tempo. Então não conhecia o conde de Loreto mais do que de nome; hoje é diverso: tive occasião de tratar comsigo, de apreciar o que vale, e a minha alma, sempre generosa, arrende-se de haver abrigado, ainda que por pouco tempo, sentimentos perversos. A carta que mandei aos jornaes não é outra cousa que o descargo da minha consciencia. Preciso, pois, partir e esquecer. O senhor sabe que amei Amparo, e tambem não ignora que ainda a amo. Tratou-me como a um bom amigo, e nada mais. Sei que são felizes, e que se amam muito. Uma imprudencia minha esteve a ponto de destruir toda essa felicidade, que não tem preço entre dois esposos. Reparei essa imprudencia e tranquillizou-se um tanto a minha consciencia. O passado será um sonho para mim, o presente, a soledade dos montes, até ao dia em que Deus queira apagar o meu nome do grande livro dos vivos.

Ernesto calou-se. O conde fixou n'elle um profundo olhar que demonstrava a admiração que sentia ouvindo expressar-se com tão nobre franqueza, julgando inverosimil que na corrupta sociedade ainda se pudesse encontrar n'um homem um rival tão generoso.

—Vá, disse o conde, depois de uma pausa, parta, mas nunca esqueça que tem em todas as

ocasiões que precisar um irmão, em Fernando del Villar.

—Obrigado, senhor conde, não esquecerei o seu offerecimento. Peço-lhe me desculpe para com a senhora condessa, pois não me posso despedir d'ella, e que mande que uma das suas carruagens me leve a minha casa.

—Como! Partir sem apertar a mão a minha mulher, sem lhe dizer adeus? Não, senhor Ernesto. Julga porventura que sou um d'esses maridos zelosos e ridiculos que desconfiam da mulher a quem deram o nome? Julga-me capaz de lhe fazer a offensa de duvidar de si, o homem mais generoso que conheço, o melhor dos meus amigos? Não. Amparo virá despedir-se de si; peço-lhe que não deixe esta casa sem que assim succeda.

—Não insisto mais. Já que assim deseja despedir-me-hei da senhora condessa.

—Vou eu mesmo chamal-a.

O conde sahiu, murmurando em voz baixa:

—Este homem venceu-me á força de generosidade.

A condessa acabava de se pentear: estava vestida com uma simples bata branca.

Ao vêr entrar o marido exclamou:

—Tu, outra vez aqui!

—Sim, Amparo, venho annunciar-te a partida de Ernesto.

—Não é possível, ainda está muito doente, segundo diz o medico.

—Isso mesmo lhe disse eu, mas insiste em se querer restabelecer no campo, e está resolvido a abandonar hoje mesmo a nossa casa. Pedi-lhe que se não fosse, sem primeiro se despedir de ti e de teu pae. É preciso que meu sogro, que tem mais confiança com elle, o convença a que receba o valor do quadro que tão generosamente nos offerece.

{129}

—Será inutil; não receberá nada.

—Comtudo espero que teu pae insista pela ultima vez. Não podes calcular o quanto me interessa esse pobre rapaz, pobre como Diogenes e generoso como Lucullo. Fala-lhe, fala-lhe sem perda de tempo; eu, entretanto vou á loja de Manuel Arenas fazer umas compras.

Fernando tocou uma campainha e disse ao creado:

—Avisse o senhor Ernesto de que a senhora condessa deseja vê-lo.

E depois, abraçando Amparo, continuou:

—Adeus, minha amiga. Procura convencer esse tresloucado. Não me demoro. Vou comprar umas cousas para Ernesto. É preciso presenteal-o como a um principe que pensa em passar uma grande temporada no monte, dedicando-se a caça.

CAPITULO XXI

Abandonando Madrid

Amparo, depois do conde sahir, ficou immovel, preocupada. Ia despedir-se de Ernesto, talvez para não mais o vêr; ia ter uma entrevista sem testemunhas com o homem a quem tão desgraçado fizera, e esta entrevista era proporcionada, pedida pelo marido.

Por um momento Amparo receou que aquillo fosse um laço, mas rapidamente affastou semelhante pensamento, conhecendo a nobreza com que procederam Ernesto e o conde de Loreto.

—Não, não; Fernando não póde ter ciumes; tem confiança absoluta, sabe que o amo com toda a minha alma, disse Amparo, falando comsigo. Comtudo quer que me despeça de Ernesto a quem tão desgraçado fez uma leviandade, filha do coquettismo. Devo obedecer-lhe, ainda que me seja dolorosa esta entrevista.

{130}

E como n'aquelle momento entrasse o creado para annunciar que o senhor Ernesto esperava a condessa, Amparo encaminhou-se para o quarto do pintor.

Ernesto, ao vêr entrar Amparo, pôz-se de pé, mas foi-lhe preciso encostar-se ao espaldar d'uma cadeira.

A condessa não se commoveu menos, vendo a extrema pallidez do seu antigo apaixonado.

—É verdade, senhor Ernesto, o que o meu marido acaba de me dizer? Pensa em deixar-nos?

—Senhora condessa, respondeu o pintor com uma tranquillidade que assombrou Amparo, sinto-me muito melhor, e resolvi restabelecer-me no campo. Dentro em pouco as brisas do outomno annunciarão o inverno, e creio que me é conveniente fortalecer-me primeiro.

—Se a sua resolução é inabalavel, não nos devemos oppôr, nem meu marido nem eu, mas creia, senhor Ernesto, que ambos sentimos do coração que o senhor deixe tão depressa esta casa, que podia considerar como sua.

Ernesto sorriu-se amargamente, fez um movimento de indifferença com os hombros, e ajuntou:

—Ha creaturas, minha senhora, para quem o mundo é um deserto, um campo de tristes saudades. Sósinhos na terra, vivem, sem uma affeição que os console, sem um peito carinhoso onde possam reclinar a fronte nas horas d'amargura. Para estes seres, a sociedade dos homens é demais, porque desconhecendo o embuste e a falsidade, são sempre enganados; eu talvez pertença a essa desgraçada familia de orphãos das grandes cidades. Por isso estou resolvido a nunca mais pisar as suas ruas, por isso me vou encerrar como um selvagem nos montes de Toledo esperando no meio d'aquelles agrestes barrancos o ultimo momento da minha vida, que felizmente não se fará esperar muito. {131}

Amparo inclinou tristemente a cabeça sobre o peito. As palavras eram uma terrivel accusação, um castigo ao seu coquettismo.

—Porque me não odeia, senhor Ernesto? tartamudeou Amparo. Porque me não despreza?

—Senhora, a minha alma não póde nem odiar, nem desprezar, nem esquecer. As noites de Florença e de Roma imprimiram n'ella uma impressão demasiadamente profunda.

A condessa comprehendeu que a conversa ia seguindo um rumo perigoso.

—Pois bem, senhor Ernesto, disse, peço-lhe em nome da amizade que apague da memoria essas noites.

—Impossivel; é uma recordação que faz parte da minha vida; e por assim dizer a minha segunda natureza. Quando der o ultimo suspiro, quando deixar de existir, então, sim, então é que se extinguirá do meu peito.

—Mas sente-se assim tão doente? perguntou Amparo, que, aturdida ante as sentidas recriminações do pintor, não sabia que dizer.

—Quem sabe se serei um d'esses ridiculos apprehensivos que á força de pensarem na morte sempre d'ella vão escapando!

E sorrindo com um ar triste, continuou:

—O ar saudavel das montanhas talvez me restabeleca.

E puxando o cordão da campainha, disse a um creado:

—Diga ao senhor D. Ventura que me vou embora immediatamente e que o espero para me despedir.

Amparo, ante aquella resolução inesperada, que punha fim á entrevista de uma maneira brusca, levou as mãos á cara para occultar as lagrimas que lhe fôra impossivel suster.

—Póde-me odear, se assim lh'o apraz, disse a condessa; mereço-o, porque não ha palavra com que possa desculpar o meu procedimento. {132}

E sahiu precipitadamente do quarto.

—Ah! exclamou Ernesto, vendo-a sahir. Não posso esquecer esta mulher!...

Deixou-se cair n'uma cadeira, como se o abandonassem as forças para suster-se de pé.

Em vão D. Ventura procurou persuadir Ernesto de que a vida de caçador montez, quando se carece de saude, é uma temeridade. O pintor estava resolvido, e sahiu de casa do conde.

Quando chegou a sua casa da rua do Prado, quando os seus amigos André e Marcial o viram entrar pallido como um cadaver e fraco como um convalescente, depois de oito dias de ausencia, não puderam conter um grito de assombro.

Ernesto explicou-lhes a ausencia e participou-lhes o plano que concebêra para se curar.

N'aquella mesma noite escreveu uma carta a Mauricio, caçador de profissão, que vivia nos montes de Toledo.

Tres dias depois, Mauricio respondeu a Ernesto, offerecendo-lhe a sua casa, participando-lhe que se casára, e que, por conseguinte, podia estar com alguma commodidade.

Ernesto fôra caçador n'outros tempos, antes de partir como pensionista para Roma. Era d'aquella epocha que conhecia Mauricio, com quem entrára em algumas caçadas.

Resolvido a emprender a viagem, principiou a dispôr tudo, isto é, pôz n'um caixote alguns quadros, o cavallete, a caixa das tintas e os pinceis; n'outra metteu alguns livros de estudo e de recreio.

Só lhe faltavam os apetrechos de caça, quando uma manhã em que se dispunha a sahir para comprar todos esses artigos, viu entrar o mordomo do conde de Loreto, seguido de dois creados que traziam duas caixas e dois bellos cães inglezes, um Setter e outro Pointer.

O mordomo avançou com o seu costumado ar grave, e, entregando uma carta a Ernesto, disse-lhe:

—Meu amo, o senhor conde de Loreto, manda-me entregar esta carta, estas caixas e estes cães, ao senhor, encarregando-me de lhe pedir o desculpe de não vir pessoalmente, mas é-lhe inteiramente impossivel. {133}

A um signal do mordomo, os creados arriaram no chão as duas caixas e amarraram os cães ao pé de uma mesa.

—Creio que o senhor não deseja mais nada, ajuntou o mordomo, vendo que Ernesto guardava silencio.

—Diga ao senhor conde que lhe agradeço reconhecidissimo a offerta que se digna fazer-me, e que lhe falarei ou escreverei antes de partir.

O mordomo cumprimentou e sahiu seguido dos creados.

Então Ernesto fez uma caricia aos cães, que se acercaram, meneando a cauda, e exclamou:

—Aqui estão os meus novos amigos. Oh! Estes sim, que não me venderão!

E sentando-se n'uma cadeira, abriu a carta do conde e leu:

«Meu bom amigo

«Deixou-me com o quadro de Esther uma recordação que conservarei emquanto viver; permitta-me que lhe remetta tambem como uma lembrança, os meus melhores cães e algumas armas e objectos que podem ser de muita utilidade no campo.

«Carlos I de Inglaterra offereceu a Rubens, em pleno parlamento, a espada que levava cingida á cinta, um diamante que trazia no dedo e uma banda de diamantes que lhe cruzava o peito. Tudo isto foi a paga do magnifico retrato d'aquelle monarcha que mais tarde tão maus boccados fez passar a Luiz XVI. Permitta, pois, que eu, sem ser rei, tome a liberdade de offerecer alguns apetrechos de caça, de pouco valor, e não esqueça que espero com anciedade noticias da sua saude e algum quadro dos que me prometeu. {134}

«Minha mulher e meu sogro cumprimentam-n'o e desejam vê-lo brevemente em Madrid restabelecido da sua doença

Seu amigo

Fernando del Villar.»

Ernesto leu duas vezes a carta, e, soltando um suspiro, murmurou em voz baixa:

—Eis-me amigo do conde de Loreto, de um homem com quem estive a ponto de me bater.

Ernesto abriu as caixas, encontrando n'ellas tudo quanto póde necessitar no campo um caçador de dinheiro.

Só a mão de uma pessoa intelligente teria sido capaz de reunir todos aquelles objectos.

Ernesto encontrou duas espingardas, uma de Scotte de dois canos, do systema Lefauchaux, outra de Greener para tiro de bala, uma excellente botica de viagem, uma barraca de campo, uma mala de couro da Russia com quinhentos cartuchos carregados com chumbo, e outra com duzentos carregados com bala; um fato completo de camurça, botas de cautchouc, facas de matto, um revolver Flaubert de doze tiros, com ornamentações de ouro, um estojo com todas as peças em prata, duas mantas inglezas e varios artigos todos diversos e uteis.

Indubitavelmente o conde de Loreto gastára mais de cinco mil duros com o presente.

Ernesto contemplou tudo com profunda melancholia.

—É preciso acceitar, disse. Ia para Toledo com um equipamento mais modesto. Emfim, tanto melhor para o pobre Mauricio, que se se portar bem, será o meu herdeiro no dia em que eu morrer.

{135}

Como se vê, Ernesto, não deixava nem um só momento a ideia da morte.

N'aquella noite Ernesto escreveu a seguinte carta:

«Senhor conde

«A opportunidade produz sempre bom resultado no animo impressionavel das creaturas. Dispunha-me a sahir de casa com tenção de comprar alguns apetrechos de caça, quando vi entrar o seu creado com o que me enviou.

«Sem ter nada de Pedro Paulo Rubens, não agradecerei menos os presentes que me fez, do que agradeceu o pintor flammengo os donativos de Carlos I.

«Obrigado, pois, senhor conde, pela sua delicada offerta. Amanhã parto e talvez nos não tornemos a vêr, apezar dos bons desejos que têm pelo meu restabelecimento. Ha doenças que cada hora qua passa nos leva uma parte da existencia, são as incuraveis; e a minha é d'essas que se chamam de morte.

«Não é o medo nem a apprehensão que me fazem dizer isto; sei bem qual é o mal que me consome, e só terei illusões, quando tiver sido tocado pelos dedos gelados da morte. Deus quer que os doentes do peito sonhem com a vida nos ultimos momentos.

«Adeus, senhor conde. Em breve lhe enviarei por pessoa da minha confiança o primeiro quadro que pintar, e assim o irei fazendo successivamente, mas não receio, que a collecção seja muito grande.

«Cumprimentos á senhora condessa e ao senhor D. Ventura, e não esqueça este desterrado voluntariamente, que prefere a solidão do campo ao ruido e bulicio dos homens.

«Sempre seu amigo

Ernesto Alvarez.»

{136}

No dia seguinte, Ernesto, depois de fazer varias compras, entre as quaes se contava um vestido para a mulher de Mauricio, despediu-se dos amigos e entrou n'uma carruagem de primeira para Toledo.

Ernesto possuia por uma unica fortuna, ao partir de Madrid, dez mil reales que lhe produziram os objectos e quadros que vendeu.

Além dos quinhentos duros e dos presentes do conde de Loreto, levou uma grande caixa com garrafas de champagne, rhum, cognac, aguardente e bom café.

—Esta caixa será a minha alegria, disse Ernesto, sorrindo-se para os amigos. O rhum concilia o somno e o champagne alegra os pensamentos.

.....
Mauricio esperava-o em Toledo.

Carregou-se toda a bagagem em varios animaes e partiram para os montes, onde o caçador morava.

CAPITULO XXII

Vida de recordações

A mulher de Mauricio não conhecia Ernesto; mas vendo-o chegar com o marido e toda aquella bagagem, disse:

—É um principe que entra para nossa casa.

E effectivamente, o pintor foi para aquella honrado casal tanto como um principe, a julgar pela generosidade com que pagava os serviços que recebia.

Petra ficou louca de contentamento, vendo sobre uma cadeira o presente que Ernesto lhe trouxera, e que constava de um vestido de lã, um lenço de seda e uns brincos de ouro e coral.

Mauricio examinava também com satisfação uma espingarda de dois canos, de fabrico belga, e uma forte e boa faca de matto. {137}

—Mauricio, disse Ernesto, depois de entregar os presentes; estou muito doente e venho passar algum tempo comtigo. Sei que vives da caça. Nomeio-te meu caçador, e dou-te um duro por dia. Aqui tens adeantadamente dois mezes.

Ernesto pôz na mesa sessenta duros.

Mauricio e Petra olharam para o dinheiro, sem comprehenderem uma palavra de tudo aquillo.

—A caça que matarmos, exceptuando algumas peças que Petra cosinhará, é tua e podes vendê-la e guardar o dinheiro. Eu comerei com vocês. Nada de cerimoniaes, o modesto cosido e uma vez por outra uma perdiz com molho de villão ou um coelho á caçadora, de que muito gósto, e por isso para prato darei doze reales diarios. O café e o vinho ficam por minha conta. Por agora aqui têm esse caixote, onde estão varias garrafas. Preciso que me cedam a sala, porque tenciono pintar alguns boccados. Também virei a precisar que de vez em quando vás a Madrid levar os quadros que pintar e comprar varias cousas que me tornem mais ameno este deserto. Emfim, meu caro Mauricio, sei que vou dar-te muitos incommodos, que vaes ter muitos carinhos para commigo, mas eu procurarei recompensar-te o melhor que puder.

—Offerece-me muito, disse o caçador, visto poder vender uma parte da caça que matarmos, e então com o senhor que atira tão bem ou melhor do que eu!...

—Mas estou doente, e já não tenho as infatigaveis pernas d'outros tempos; e muitos dias deixaremos de matar por causa d'ellas.

Durante aquelle dia, Ernesto, Mauricio e Petra occuparam-se em arrumações, transformando a sala em atelier para o pintor.

—Agora, meus amigos, só me falta advertil-os d'uma cousa, disse Ernesto. Estou doente, e como todos os doentes tenho as minhas rabugices. Quando estiver no meu quarto, depois de me chamarem duas vezes para comer e eu não vier, comam sem esperarem por mim. {138}

Mauricio e Petra notaram que Ernesto estava muito pallido e com mau parecer, que tinha uma tosse tão sêcca e importuna que não prophetisavam nada de agradavel para o seu hospede.

Quando Mauricio e sua mulher recolheram ao quarto, ella disse:

—Uhn! Parece-me que o senhor Ernesto não viverá por muito tempo.

—O mesmo penso eu.

—Sabes, Mauricio, que me parece que deve haver algum mysterio em tudo isto?

—Anh! As mulheres não pensam n'outra cousa. Aqui não ha outro mysterio senão que o senhor Ernesto está doente e que se vem restabelecer.

—Seja como fôr, que seja bem vindo, porque com elle veiu a fortuna.

Mauricio não respondeu. Como a mulher, suspeitára que algum desgosto atormentava o seu hospede, mas mais prudente que Petra, disse de si para comsigo:

—Dêmos tempo ao tempo que saberemos a verdade. Emfim, seja como fôr, Ernesto é bom rapaz e sinto-me satisfeito por vê-lo em minha casa.

.....
Ernesto estava fechado no quarto. Seriam onze horas da noite. O luar entrava pela janella que se conservava aberta. A brisa nocturna levava até elle, de envolta com as suas invisiveis pregas, o perfume das silvestres plantas do monte.

Aos pés da cama, sobre duas pelles de carneiro, dormiam os dois cães que Ernesto baptisára com os nomes de Roma e Florença.

O pintor, sentado junto de uma mesa, tinha na sua frente uma garrafa de cognac e um copo.

Não illuminava o quarto outra luz senão a do astro da noite. {139}

De vez em quando Ernesto bebia um gole de cognac e levava a mão ao peito, respirando com difficuldade.

—Ah! Sim, sim, dizia, falando comsigo. A solidão dos montes, é o que me convêm, porque longe da importuna charlatanice dos homens poderei dedicar a ella todos os momentos da minha vida. Quizera apagar da minha alma a recordação d'aquellas noites de Florença e arrancar dos meus labios o beijo de fogo que me queima o coração. Mas é impossivel! Cada vez a amo mais. Que seja

feliz já que eu o não posso ser!

Ernesto bebeu de um só trago o conteúdo que ainda tinha no copo e encheu-o novamente.

—A embriaguez sempre me repugnou, continuou, mas é o meu unico recurso para esquecer. Que feliz é o homem que esquece!

E Ernesto esvaziou o segundo copo, fazendo um gesto de repugnancia; mas dominando-se a si mesmo encheu-o pela terceira vez, despejando-o rapidamente.

—Abraza-se-me a garganta, murmurou, mas é preciso que durma e que esqueça.

E, levantando-se tirou uma garrafa de champagne do armario onde as arrumára, fez-lhe saltar a rolha, e bebeu com avidez, dizendo:

—Este é que é o grande vinho! Vinde, sonhos côr de rosa! Vinde, ainda que seja uma mentira, uma illusão, fumo que desapareça ao sopro terrível da realidade!

E depois de exgotar a garrafa, deixou-se cahir na cama, onde não tardou muito que adormecesse, porque estava completamente embriagado.

.....

Mauricio e Petra levantaram-se com o sol, e viram, com grande assombro, ao passarem pelo quarto de Ernesto, que as janellas estavam abertas.

—Sahiria tão cedo? disse Mauricio.

E entrou no quarto.

Ernesto dormia. Mauricio fechou a janella e sahiu nos bicos dos pés para o não despertar, mas toda a precaução foi inutil, porque Ernesto abriu os olhos e viu-o. {140}

—Ah! És tu? disse elle. Bons dias, Mauricio. Que bem que dormi.

Mauricio reparou então que o seu hospede não se despira, e que sobre a mesa estavam duas garrafas despejadas.

—Sabes, Mauricio, que estou com vontade de experimentar os meus cães?

—Podemos dar uma volta, se quizer.

—Mas é preciso ter alguma contemplação.

—Andaremos só o que quizer.

—Então vamos.

E Ernesto poz a cartucheira, pegou na espingarda e chamou os cães.

A uns quinhentos passos de casa, Roma e Florença levantaram os focinhos e moveram a cauda com mais viveza do que a usual.

—Parece que os cães se sentem satisfeitos, disse Ernesto.

—Têem bom faro. Já sabem que este terreno é muito abundante de caça; e estou crente que algum dia vou encontrar as perdizes dentro de minha casa.

Os cães deram signal: Roma todo curvado com o focinho junto ao matto, Florença extendido. Roma encontrára uma peça de surpresa e Florença o rasto verdadeiro.

Um bando de perdizes levantou-se então com estrepito do meio do matto á investida dos cães.

Mauricio disparou, matando com o segundo tiro um perdigoto. Ernesto ia tão distrahido que não teve tempo de fazer fogo.

Desde o rei ao batedor, desde o caçador ao armador, todos quantos abandonam as commodidades da sua casa e se dedicam aos prazeres da caça, são inimigos irreconciliaveis da perdiz; por isso a natureza a dotou com uma vista melhor que a do lynce, de um ouvido superior ao da lebre, e de um instincto de conservação tão grande que não ha animal que lhe ganhe. {141}

Se a perdiz fosse tão dorminhôca como o arganaz e tão indolente como a codorniz, teria desaparecido do reino animal antes de se inventar a polvora.

O arganaz tem, comtudo, tanto engenho como somno; diga o ardil maravilhosamente inventado por elle para apanhar o incauto passarinho que vae pôr sobre elle, satisfeito por ter encontrado um ninho onde guardar os ovos.

Mas deixemos esta digressão. Se algum dia as minhas occupações permittirem, escreverei um livro para os caçadores que contenha a parte agradável e ridicula da caça, consignada na pratica

de muitos annos de experiencia passados na agreste e grata solidão dos montes.

Voaram as perdizes, surprehendidas no seu doce bem-estar, á sombra de um sobreiro, e como o violento e rapido vôo da perdiz excita e pôe nervoso o caçador aficcionado, Mauricio exclamou:

—Vamos a ellas, senhor Ernesto.

—Sim, sim, vamos, já que não disparei.

Mauricio esqueceu n'aquelle momento que levava por companheiro um doente fraco, e foi depressa, ou melhor dizendo, a correr pela encosta de um barranco.

Ernesto fez esforços para o seguir mas a meio caminho largou a espingarda, estendeu os braços e cahiu desamparado. Tinha desmaiado.

Mauricio deteve-se assustado, pegou no seu hospede ao collo e deitou a correr até casa, que não era longe. Petra ao vê-lo entrar, trazendo Ernesto nos braços, não poude conter um grito.

Mauricio continuou o seu caminho e deitou Ernesto na sua cama, o qual, pouco depois, abriu os olhos, enviando um sorriso de agradecimento ao caçador.

—Diabo! Que susto que me pregou, senhor Ernesto! Julguei que se despenhava pelo barranco.

—Bem vês, Mauricio, que não presto para nada, nem mesmo para caçar. Já estou melhor. Mas em quanto não estiver em estado de te acompanhar, dedicar-me-hei a caça de espera. Agora tranquilliza-te, hoje em vez de caçar, pintarei. É preciso matar o tempo. {142}

Uma hora depois, Ernesto mais alliviado, tomava algum alimento e punha uma tela n'um cavallete.

Pensou alguns minutos qual o assumpto de que trataria primeiro, e acabou por decidir-se, esboçando a scena que pouco antes succedêra no barranco.

CAPITULO XXIII

Uma caçada

Durante oito dias Ernesto não tornou a pegar na espingarda. De manhã, pintava, á tarde, seguido pelos cães dirigia-se a um monte proximo de casa, sentava-se na parte mais alta e como gozava disfructando o panorama que aquelle sitio apresentava, passava largas horas immovel como uma estatua.

Algumas vezes, já noite, Mauricio ia buscal-o e ambos regressavam a casa.

Ao nono dia, Ernesto chamou Mauricio.

—Desejo que vás a Madrid, disse-lhe, entregar este quadro á pessoa que te indicarei, mas preciso primeiro que matemos um javali, para offerecer á mesma pessoa.

—Para isso é preciso fazermos uma espera toda a noite, e como o senhor está muito fraco...

—Não te inquietes com a minha fraqueza; esperaremos. Preciso de um javali.

—Posso matal-o sósinho, se quizer.

—Não, não; quero acompanhar-te. Quando póde ser?

—Esta noite; sei onde se vae banhar uma manada d'elles, e é infallivel matar-se algum. {143}

—Um só chega.

—Pois matar-se-ha.

—Então prepara tudo para esta noite.

—Devo advertil-o de que o sitio onde vamos fazer a espera, fica a tres quartos d'hora de caminho d'aqui.

—Não faz mal, iremos com antecendencia. Sahiremos cedo.

—Bem, bem.

Mauricio sahiu do quarto de Ernesto, meneando a cabeça em signal de desgosto, chegou á cosinha, onde estava sua mulher, e disse-lhe:

—Petra, esta noite o senhor Ernesto quer que vamos á espera dos javalis: tem desejos de matar um. Por isso cearemos uma hora antes de pôr o sol. Talvez não voltemos em toda a noite.

—Mas isso é uma loucura. O sr. Ernesto não está em estado de passar tantas horas ao relento da noite.

—Então que queres, embirrou que me ha de acompanhar!

—Mas não acho bôa a vida que leva para quem precisa restabelecer-se.

Mauricio encolheu os hombros, e, sentando-se num banco, enrolou um cigarro.

—Estamos em quarto minguante. Para matar uma ou duas peças é preciso ir aos charcos do barranco da Culebra, pois vão ali de noite beber agua e fossar no barro. O caminho não é dos melhores. Queira Deus que possa lá chegar.

—Já lhe disseste isso? Porque não vae a cavallo?

—Já, mulher, já; mas diz que quer ir a pé e quando elle teima não ha outro remedio senão obedecer.

Petra aproximou-se do marido, e, baixando a voz, disse:

—Dize-me, Mauricio. Tu conhécel-o ha muito tempo?

—Sim, cacei com elle muitas vezes e sempre foi o melhor e o mais generoso homem do mundo.

—E tinha o vicio que tem agora?

{144}

—Não, Petra, antigamente não bebia bebidas brancas, bebia sómente vinho, e isso mesmo pouco. Hoje, como sabes, quasi todas as noites...

Mauricio deteve-se, dirigiu um olhar para a porta, e depois continuou:

—Hontem reprehendi-o amigavelmente, dizendo-lhe que não lhe podia fazer bem beber tanto rum, e elle, pondo-me uma mão no hombro, e sorrindo-se com expressão bondosa, respondeu-me:

—Caro Mauricio, ha dôres tão terriveis, desgostos tão profundos, que para os esquecer algumas horas é preciso embriagarmo-nos. A minha doença não tem cura; deixa-me, pois, beber, esquecer, dormir.

—Quando eu disse que havia aqui algum mysterio!... disse Petra.

—Tambem me parece que tens razão; aqui deve haver mysterio.

—Sabes o que calculo? Que tudo isto deve ser obra de mulher.

—E porque calculas que seja obra de saias?

—Vaes vêr. Outro dia entrei no quarto para o tratar, como de costume, e encontrei debaixo da almofada uma fita de seda, e um bocado de tela, onde estava pintada uma cabeça de mulher extremamente formosa. Não tive tempo para mais do que olhar rapidamente para estes objectos e tornal-os a pôr no mesmo sitio em que os encontrei quando o vi entrar, precipitadamente, dirigir-se para a cama, pegar n'elles e sahir do quarto do mesmo modo, olhando-me de um modo estranho, como se quizesse adivinhar se eu tinha visto. Fiz-me desentendida, e continuei arrumando o quarto.

—Que curiosas são as mulheres.

—Juro-te que só por casualidade...

—Emfim, seja como fôr, visto que elle nada nos disse, nos não lh'o devemos perguntar.

Como se vê a conducta de Ernesto causava viva curiosidade ao honrado casal.

{145}

Ao cair da tarde Ernesto e Mauricio levantaram-se da mesa.

—Levamos Roma e Florença? perguntou o pintor.

—Parece-me melhor deixal-os em casa, respondeu Mauricio; não estão costumados ás esperas, e poderão espantar-nos a caça. Levarei antes o meu podengo para que procure a presa no caso de ficar ferida. *Currito* (assim se chamava o cão de Mauricio) deita-se a meus pés e não se move d'ahi.

—Vamos quando quizeres.

Mauricio carregou com esculpulo cuidado a espingarda e guardou um frasco de rum no bolso. Ernesto pegou na sua e sahiram.

O sol começava a declinar.

—Temos tempo, disse Mauricio. D'aqui até aos charcos levaremos quando muito tres quartos de hora. Reconheci esta manhã o terreno e cálculo pelas pégadas que são uma femea com sete a oito filhos, e dois machos que não devem ter menos de dez annos. Os machos veem sós, antes ou depois da femea. Parece-me que nos divertiremos, mas é preciso ter muita paciencia, porque apezar de todas as rezes abandonarem as tocas quasi á mesma hora, umas estão mais longe do que outras do barranco e chegam por conseguinte mais tarde. Tenha cuidado em fazer fogo sobre a peça antes d'ella entrar n'agua. Se cair morta fique quieto, porque quando o charco estiver silencioso, em poucos minutos apresentar-se-nos-ha outra, e assim successivamente se podem disparar alguns tiros durante a noite. O sitio onde vamos é bom, e estaremos perfeitamente collocados.

Ernesto ouvia satisfeito as lições que lhe dava aquelle homem experimentado.

Mauricio que como todo o caçador de profissão tinha uma vista privilegiada, deteve-se, inclinou-se para reconhecer o caminho, e disse:

—Ola! Por aqui passou um veado de *dez pontas novas*; aqui ha pégadas recentes; os córtes na herva são frescos. A femea caminhava mais á direita: passou por aqui. {146}

—Mas como diabo conheces se é femea ou macho? perguntou Ernesto, admirado da certeza com que Mauricio falava.

—Isso salta bem a vista. Um montanhez practico nunca se engana. O veado tem o passo maior do que a corça, e deixa a pégada mais profunda, caminha com mais regularidade, e colloca a pata trazeira sobre a pégada da pata deanteira. A corça tem o pé mal feito, os seus passos são mais curtos, e por conseguinte, não chega com as patas trazeiras ás pégadas das patas deanteiras. Emquanto ao conhecimento pelas pégadas, é unicamente devido á grande practica. Quando se segue um rasto pelas pégadas, o caçador deve conhecer se o veado que persegue é *estaquero*, isto é, se lhe começam a sahir os paus, tem um anno; *enodis*, tem tres a quatro annos, *diez condiles nuevos*, se entrou nos seis annos, ou *ciervo viejo*, se tem mais de dez annos. A estes conhece-se facilmente; têm os pés deanteiros mais desenvolvidos do que os trazeiros.

Depois d'estas explicações que deixaram Ernesto satisfeito, receou não as poder pôr em practica sem commetter grandes erros.

De vez em quando o caçador dirigia um olhar furtivo ao seu companheiro, cuja pallidez e difficil respiração o inquietavam.

A meio da ladeira, que tinham que transpôr para chegarem aos charcos, situados em um dos barrancos, Mauricio deteve-se e disse com manifesto interesse:

—Senhor Ernesto, vejo que está muito cansado. Quer encostar-se ao meu braço?

—Não preciso, mas vamos mais devagar, se te parece.

Como quizer.

Quando chegaram ao cume, Ernesto teve necessidade de se sentar e, encostando os cotovellos sobre os joelhos, deixou cahir a fronte entre as mãos. {147}

O caçador não disse nada; de pé, immovel, ficou contemplando Ernesto com tristeza.

Mauricio não tinha palavras, mas sobrava-lhe coração para compadecer-se do seu hospede, a quem julgava gravemente enfermo.

—Podemos continuar, disse Ernesto, levantando-se.

—Agora o caminho é mais facil, respondeu Mauricio. Os charcos estão n'esse barranco; antes de um quarto de hora estaremos commodamente sentados nos nossos postos.

Mauricio seguiu por uma vereda aberta entre a matta. Ernesto caminhava atraz.

De vez em quando o caçador voltava a cabeça para vêr se o seu companheiro o seguia.

Quando chegaram aos charcos ainda restavam alguns instantes de dia. As magestosas sombras da noite avançavam com rapidez, mas a lua ia rapidamente tornal-as menos escuras, pois o seu disco despontava já no horisonte.

—Parece-me conveniente que fiquemos juntos, porque assim quando estiver cansado voltaremos para casa, disse Mauricio.

—Mas mataremos menos caça.

—Quem sabe! Podem entrar juntas e então cada qual escolhe a sua.

Mauricio conhecia varios esconderijos em torno do charco e escolheu, pelas recentes pégadas

dos javalis, o que lhe pareceu melhor; dobrou o capote, e estendeu-o no chão para que Ernesto estivesse mais commodamente e esperaram calados.

A noite é mais magestosa, mais imponente, mais bella no meio do Oceano ou n'uma montanha, do que nas ruas de Madrid. Nas grandes cidades vê-se por toda a parte a mão do homem, mas no mar ou na montanha vê-se a de Deus.

Ernesto e Mauricio esperavam no mais profundo silencio. O pintor entretinha-se contemplando o magnifico astro da noite que subia magestosamente pelo céu enchendo o espaço de poetica e melancolica luz, que cahindo como chuva de perolas sobre as armadas das arvores e sobre as silenciosas aguas do charco, dava um tom encantador á paisagem. {148}

Ernesto, como pintor, pensava em fazer um estudo d'aquelle logar e pintar depois um quadro; mas ao mesmo tempo pensava na mulher do homem que se compromettera a comprar-lhe tudo quanto pintasse durante a sua estada nos montes de Toledo.

A presença da lua, o imperceptivel movimento das ramadas dos azinheiros, o silencio da noite que o rodeava, fizeram-lhe recordar Florença. Fechou os olhos para sonhar acordado, e os seus labios entreabriram-se em doce extasis, como se fôsse a dar e receber um apaixonado beijo de amor.

N'aquelle momento para elle não existia mais do que o presente. A sua vida era uma recordação; a sua alma apaixonada apresentava-lhe com todas as côres da verdade as scenas apaixonadas e perdidas para sempre, causa da sua desgraça, origem da sua morte.

Se tivesse entrado no charco um bando de cincoenta rezes, Ernesto não ouviria; mas, felizmente tinha ao seu lado Mauricio, caçador de profissão, que sem ter a imaginação preocupada com outra cousa que não fosse o fim para que fôra até alli, estava com o olhar fixo, o ouvido attento e a espingarda prompta a despedir a morte e como o verdadeiro caçador que quando faz uma espera tem o ouvido e a vista tão perspicaz como a da perdiz, e por isso sem duvida Ernesto sentiu que o seu companheiro lhe tocava no braço.

Ernesto abriu os olhos.

—Acorde, que já as ouço.

—Não estou a dormir, respondeu o pintor, mas não ouço nada.

—Pois já se approximam, tenha a certeza, ainda estão longe, e são femeas; conhecem-se pelo barulho que fazem. Os machos veem sempre mais silenciosos.

Ernesto applicou o ouvido, e, depois de um segundo de immobildade, meneou a cabeça dizendo: {149}

—Pois eu não ouço nada.

—Sim? Pois tenha paciencia que não tardará muito que tenha de tapar os ouvidos, porque a musica d'ellas, quando andam em manadas, não é por certo das mais agradaveis. Veem a entrar por aquella clareira que está na nossa frente. Antes de se metterem n'agua, de que tanto gostam, param para conhecerem o terreno. Então deve fazer fogo, apontar á maior que ficar a sua esquerda; eu entreter-me-hei com a direita a vêr se, disparando ao mesmo tempo, matamos duas.

E Mauricio, collocando o bico do pé esquerdo sobre o de Ernesto, disse:

—Quando carregar com o meu pé, faça o *gosto ao dedo* e faça fogo. E agora silencio que já estão perto.

Dois minutos depois, Ernesto ouvia a algazarra que Mauricio lhe annunciára.

Esperaram, pois, pelo momento opportuno que se não devia fazer esperar muito.

No sitio que Mauricio indicára appareceu de repente uma femea muito grande seguida de seis javalis pequeninos cujas desigualdades de tamanho indicavam ser de duas ninhadas differentes.

Ernesto pudéra ter feito fogo á femea; estava uns cinco passos afastada dos filhos, levantando a cabeça em direcção aos charcos.

O pintor olhou para o seu companheiro como que a interrogál-o, mas o caçador indicou com um movimento de olhos que esperasse. E effectivamente a uns vinte metros de distancia do logar em que estava a femea, abriu-se uma clareira e appareceu um javali quasi do dobro do tamanho da femea.

A lua estava tão clara que os caçadores viram perfeitamente os animaes.

Ernesto sentiu o pé de Mauricio comprimir o seu, e como tinha a espingarda apontada, disparou.

As duas detonações produziram no espaço um só echo. {150}

A bala de Mauricio foi tão bem apontada que o javali deu um salto, caindo sem vida depois de soltar um grunhido de raiva. A fêmea, a que Ernesto apontara foi ferida na cabeça; deu duas voltas, quiz fugir, mas foi cair junto ao charco; depois fez um esforço supremo, levantou-se novamente, entrou na água para tornar a cair revolvendo-se nas ancias da morte, soltando grunhidos desesperados que pouco a pouco foram enfraquecendo.

Os demais tinham desaparecido como por encanto.

Mauricio ouvia as palpitações do coração de Ernesto cujo ruído e precipitação o assustaram.

—Está peor? lhe perguntou.

—Não, não; é o prazer que experimento n'este momento. Se tornasse a renascer em mim a paixão da caça, talvez esquecesse uma historia que me assassina, que será a causa da minha morte.

O pintor revelára a Mauricio n'um arranco de entusiasmo, a causa da sua melancholia, a origem da sua doença.

—E que fazemos agora? perguntou Ernesto.

—Primeiro que tudo castrar o macho para que sangue e a carne perca o gosto a bravo.

Mauricio levantou-se, tirou a faca de matto da bainha, e sahiu do esconderijo, dirigindo-se para o sitio onde estava o javali.

Ernesto seguiu-o, examinando com o mais particular interesse todas as operações que Mauricio fazia ás duas peças mortas.

O caçador depois de lhe abrir todo o ventre e de lhe tirar os intestinos, pendurou-os pelos pés para que sangrassem e ficassem limpos. Depois lavou as mãos na água do charco, e disse:

—Agora diga-me se quer dar por terminada a caçada ou quer fazer nova espera, apesar de me parecer melhor, o primeiro caso, pois é preciso esperar pelo menos duas horas até que volte outro javali.

—Vamos para casa. E as rezes?

{151}

—Ficam ahi. Venho logo buscal-as com o meu cavallo.

—Então dá-me um gole de rum, e a caminho. Passei um bom bocado.

Ernesto bebeu e deu o frasco a Mauricio. Depois dirigiram-se para casa onde o pintor chegou bastante fatigado.

CAPITULO XXIV

Uma carta e um anel

Ernesto deixou-se cahir na cama, e como sempre, o seu pensamento occupou-se de Amparo.

—Ámanhã, disse, falando comsigo, ouvirá pronunciar o meu nome, e no fundo da sua alma renascerá a recordação das noites de Florença. Os seus labios, vermelhos como bagos de romã, recordar-se-hão tambem d'esse beijo fatal que me fez o mais desgraçado dos homens, e pela mente do conde de Loreto cruzará debil, mas ameaçador, o phantasma de uma duvida, a sombra de uma suspeita.

Ernesto tinha sempre na mesa de cabeceira uma garrafa de rum; estendeu o braço, pegou na garrafa e bebeu um gole.

—Ha quasi um mez sem a vêr, continuou, e comtudo a ausencia não apagou o fogo devorador d'esta paixão que me abraza. O conde de Loreto tinha mais direito do que eu para ser amado, mas indubitavelmente não a ama tanto. E que importa isso ás mulheres? O conde é rico, nobre, e a vaidade é o dominio tentador do bello sexo. Se o amor é o fogo d'alma que transmite calôr ás ideias dos homens de genio, devo fazer grandes quadros.

E Ernesto soltou uma gargalhada, pegou novamente na garrafa, e quasi a despejou de um trago.

{152}

Na sua physionomia, no seu olhar, assomaram os symptomas da embriaguez produzida pelo alcool.

Com a lingua, presa e balbuciante, começou a falar em voz alta.

—A luz dos seus bellos olhos é o unico reflexo que illumina as profundas trevas da minha alma, a que acompanha a fria soledade do meu coração; as seis letras do seu nome, as notas mais harmoniosas que resôam no fundo do meu peito. Insensato! A tua vida não é mais do que um sonho, que se desvanece ante o sopro da realidade. Tu recebeste tres beijos, durante tres noites de luar; aquelles beijos encerravam o veneno do teu sangue. A tua vida não é vida; o teu amor é só uma recordação. Onde está a morte? Porque tarda tanto? Porque não chega, quando a espero de braços abertos?

Ernesto fechou os olhos. Os seus labios entreabriram-se para deixar passar um suspiro, e ficou dormindo pensando em Amparo.

.....
Mauricio entrou no quarto do seu hospede ás cinco da manhã.

Ernesto levantou-se.

—Está tudo prompto para partires? perguntou.

—Sim senhor; tenho o javali grande preso convenientemente ao cavallo. Á femea, segundo as suas ordens, tirei-lhe a cabeça e o lombo; o resto fica em casa.

—Espera, disse Ernesto.

E pegando n'uma carta que estava sobre a mesa e n'uma tira de papel, continuou:

—Entregas esta carta, o javali grande e estes dois quadros ao senhor conde de Loreto, rua do Barquillo, n.º..., e comprarás tudo o que vae mencionado n'esta lista.

Ernesto abriu uma gaveta da commoda, tirou dez moedas de cinco duros e entregou-as a Mauricio.

Depois escreveu rapidamente n'uma folha de papel:

{153}

«Meus bons amigos

Marcial e André

«Remetto-lhes uma cabeça de javali que cosinharão no restaurante do *Armiño* para almoçarem com alguns amigos, bebendo por este caçador *selvagem* que se não esquece de vocês.

«Sempre amigo

«*Ernesto.*»

—A cabeça e o lombo da femea entrega-os onde diz este envelope, rua do Prado. Vae com Deus e vem amanhã, se te fôr possível.

Mauricio sahiu, despedindo-se da mulher, e encaminhou-se para Toledo, onde devia tomar o comboio de Madrid.

Ernesto pegou na espingarda, chamou os seus cães Roma e Florença, e sahiu tambem em busca de perdizes, prevenindo Petra de que não viria almoçar antes do meio dia.

.....
O conde de Loreto, Amparo e D. Ventura estavam almoçando quando entrou um creado dizendo-lhes que estava á porta um homem que parecia um montanhez, que trazia uma carta, um javali e uns quadros.

—Ah! exclamou o conde, Ernesto cumpriu a sua palavra. Dize a esse homem que suba e tragam vocês o javali para o vêrmos.

Dois creados trouxeram o javali para cima de uma mesa.

—Soberbo animal! exclamou Fernando. Pelas cerdas e pelos dentes bem se vê que deve ser velho.

—Oito annos, respondeu Mauricio. Vale bem a onça de chumbo que lhe deu a morte.

—Pelo que vejo, Ernesto diverte-se pelos montes?

—Diverte-se, exclamou o caçador, tudo menos isso; está muito doente, dorme pouco e não tem appetite. A bem dizer que se alimenta só com café e rhum. Tenho cá um palpite em que não morrerá de velho.

{154}

Todos escutavam com interesse as palavras de Mauricio.

—Disseram-me que traz uma carta e uns quadros, disse Fernando.

—A carta está aqui: os quadros deixei-os n'aquella casa.

O conde leu em voz alta o seguinte:

«Senhor conde de Loreto

«Ignoro ainda se é proveitosa ao meu corpo esta soledade em que vivo ha vinte dias, mas conheço que é ao espirito.

«No cume d'estas montanhas não se vêem homens, não se encontra a animação nem o bulicio das grandes cidades, mas o ar é mais puro, o horisonte mais limpido, o ambiente mais perfumado e respira-se com mais facilidade.

«Seja como fôr, espero sem sobresalto que se resolva o problema da minha enfermidade, sem me occupar muito se será ou não vantajoso o desenlace.

«Com o portador d'esta, caçador infatigavel e amigo leal, em casa de quem vivo no meio d'estes barrancos solitarios, remetto-lhe o primeiro javali que matámos e dois quadros sobre assumptos de caça, genero a que tenciono dedicar-me emquanto tiver forças para sustentar o pincel.

«Não marco preço aos quadros que lhe envio, porque d'isso falaremos depois de lhe mandar doze. Demais, ainda que pobre, hoje não preciso de dinheiro, mas avisál-o-hei quando precisar. Seja, portanto, o meu banqueiro.

{155}

«Para lhes provar que não os esqueço, desejava que me concedessem auctorização para fazer tres retratos de memoria, ainda que se admire ao vê-los, o meu leal amigo D. Ventura.

«Deponha aos pés da senhora condessa os meus respeitos, dê um abraço em seu sogro e não esqueça que n'este deserto fica esperando occasião de lhe ser util

«o seu amigo e obrg.^o

«*Ernesto Alvarez.*»

Amparo ouvira lêr a carta sem descerrar os labios, mas agradecia do fundo da alma a fórma delicada como estava escripta.

Só lhe prendeu a attenção a auctorização que pedia para pintar os tres retratos, entre os quaes devia figurar o seu.

—Quando tenciona voltar para Toledo? perguntou o conde ao caçador.

—Desejava ir esta noite no comboio das sete e quarenta. Os meus affazeres em Madrid, depois de sahir d'esta casa, resumem-se apenas a algumas compras de que o senhor Ernesto me encarregou, e entregar uma cabeça de javali e um lombo a uns senhores que moram na rua do Prado.

—Tem algum inconveniente em me dizer que objectos o senhor Ernesto o encarregou de comprar.

—Não, senhor; aqui está a relação.

E Mauricio entregou-a ao conde que depois de lêr, disse:

—Meu amigo, tenho em casa tudo quanto Ernesto deseja; não precisa, pois, ir comprar cousa alguma. Agora vá almoçar emquanto escrevo uma carta, depois irá levar a cabeça a esses senhores, e meia hora antes do comboio partir encontrará na estação, despachado para Toledo, tudo quanto Ernesto pede.

{156}

Mauricio com sinceridade natural, ia entregar ao conde o dinheiro que Ernesto lhe dera.

—Não, esse dinheiro entregue-o a quem lh'o deu, e demais, far-me-ha o favor de acceitar esta *onza*,^[2] para comprar um presente a sua mulher.

Mauricio tentou recusar a *onza*, mas o conde obrigou-o a acceitál-a.

Depois, conduziram-n'o a outra casa onde lhe serviram o almoço.

O conde escreveu entretanto a seguinte carta.

«Amigo Ernesto

«Os quadros são bellos e o javali soberbo. Quando os homens têm talento trabalham em todos os generos. Obrigado pela sua boa memoria, obrigado, porque se não esqueceu de nós, apezar do mal que lhe temos feito.

«Pede-me auctorização para fazer tres retratos; concedo-lh'a satisfeito não só por lhe ser agradavel a si como tambem ás pessoas que vão ser retratadas nas telas.

«Desejava passar uma temporada na sua companhia para caçarmos juntos, e para vêr se o convencia a abandonar essa vida solitaria, principalmente durante os quatro mezes de rigoroso inverno.

«Até então veremos o que posso conseguir. Hei de fazer a diligencia.

«Fico esperando os doze quadros que me annuncia na sua carta, o que me prova que se sente animado para o trabalho.

«Adeus, meu amigo, e não esqueça que lhe desejamos todas as propriedades.

«Sempre seu amigo,

«*Fernando del Villar.*» {157}

O conde leu a carta á mulher e disse:

—Agora, minha querida, escreve quatro linhas ao nosso amigo; talvez isso lhe faça bem.

Amparo olhou o marido, receando que aquelle desejo envolvesse uma intenção pouco agradavel.

O conde sorriu-se porque comprehendêra a duvida da mulher. Mas rodeando-lhe a cintura, e, dando-lhe um beijo apaixonado, disse-lhe:

—Leio nos teus olhos, minha querida, a desconfiança, e sinto-o; isso indica-me que me amas muito, mas que me conheces pouco. Escreve a Ernesto, sou eu que t'o peço. Quatro palavras tuas far-lhe-hão bem, o desgraçado ama-te de toda a sua alma. Muito desgraçado o fizemos. Não sejamos egoistas até ao ponto de sermos malvados gozando com a sua agonia, com a sua dôr, que só terá fim com a morte. Escreve-lhe, pois, o que quizeres, Amparo.

O conde sorrindo-se com bondade, e dando segundo beijo na esposa, continuou:

—Não lerei o que escreves. Adeus. Quando acabares fecha a carta e entrega-a tu mesma a esse homem.

E o conde sahiu.

Amparo ficou com a carta na mão e como que pregada ao chão.

Aquella confiança que o marido acabava de mostrar era verdadeira ou um laço?

Amparo não podia crêr na hypothese de um laço n'um homem tão generoso como Fernando.

O conde de Loreto não era um homem vulgar. Amava a mulher, perdoára-lhe o seu coquettismo com Ernesto antes de o conhecer a elle, calculava as dôres e os soffrimentos do pintor a quem estimava devéras e por isso disséra á mulher que escrevesse.

Amparo sentou-se, pegou na penna e durante dez minutos não soube como começar.

De subito teve uma ideia. Os olhos brilharam-lhe, o semblante reanimou-se-lhe: dir-se-hia que receava transmittil-a ao papel, mas fazendo um esforço, e com mão mal segura, escreveu: {158}

«Senhor Ernesto

«Ja que meu marido o auctoriza a fazer os tres retratos, e julgando que d'elles um será o meu, peço-lhe, (queira perdoar este capricho de mulher), que se não esqueça do vestido que tinha em Roma quando veiu offerecer-me o que fizera, e que ainda conservo sobre o fogão do meu gabinete.

«Trate-se, porque desejamos em breve vê-lo completamente restabelecido.

«*Amparo.*»

A condessa fechou a carta e foi entregá-la a Mauricio, que já tinha acabado de almoçar.

—Entregue esta carta ao senhor Ernesto, mas só a elle, disse-lhe.

—Sim, senhora condessa.

Amparo ia a sahir, mas deteve-se.

—É casado? perguntou.

—Sim, minha senhora.

—Então faça favor de dar da minha parte este anel a sua mulher, e recommendar-lhe que trate do senhor Ernesto com todo o carinho.

E Amparo como que envergonhada por aquelle arranco, tirou um anel do dedo, entregou-o a Mauricio e sahiu, dizendo para comsigo:

—Assim comprehenderá que me não é indifferente o seu soffrimento e que a sua morte me ha de custar algumas lagrimas.

Mauricio ficou um momento immovel. Pensava se aquella mulher tão formosa teria alguma coisa que vêr com os padecimentos do seu hospede.

.....
Á hora indicada pelo conde, Mauricio estava na estação, onde um creado lhe entregou uma guia do caminho de ferro. {159}

—Que é isto? perguntou elle.

—Da parte de meu amo, o senhor conde de Loreto. Com esta guia lhe entregarão em Toledo, pois que foram expeditas em grande velocidade, duas caixas e um caixote grande. N'ellas vae tudo quanto o senhor Ernesto encomendou.

Mauricio guardou a guia na carteira e entrou para a *gare*, tomando então logar n'um compartimento de terceira classe.

Durante a viagem, o caçador olhou muitas vezes para o anel, e pensava em quem lh'o dera, dizendo de si para comsigo:

—Parece-me que vou descobrindo alguma cousa do segredo!

CAPITULO XXV

O regresso de Mauricio

Quando Ernesto sahia só, afastava-se pouco da habitação de Mauricio.

Muitas vezes pendurava a espingarda no ramo de um azinheiro, e, subindo com difficuldade ao mais alto monte, sentava-se ahi, ficando largas horas a contemplar a paisagem; outras, sem temer o perigo, descia ao mais fundo dos barrancos, agarrando-se ás plantas, gozando tambem n'aquella silenciosa soledade, onde o menor suspiro faz na concavidade das rochas um echo como se repetisse a voz humana.

Então esquecia os cães, a espingarda e a caça, e a recordação inolvidavel de Florença preenchia-lhe por completo a sua imaginação. {160}

O seu amor por Amparo era tão constante, tão verdadeiro, tão grande, que, enchendo todo o seu ser, formára n'elle uma segunda natureza tão poderosa que era impossivel separar-se d'elle sem perder a vida.

Conhecia, comtudo, toda a loucura da sua paixão, e acceitára-a como se acceita uma d'essas doenças que se não procura e que nos causa a morte.

Se Ernesto tivesse encontrado uma Heloisa, a terra para os dois amantes teria sido um paraíso, mas encontrára uma *coquette* que lh'a converteu em pantanoso charco, que lhe envenenou o sangue ao aspirar os maleficos miasmas que exhalava.

O seu mal era irremediavel. O amor tem muitas vezes a sua dose de veneno que causa a morte.

Mas, apesar d'isso, o coração de Ernesto era tão grande, tão nobre, tão generoso, que não

odiava aquella que era seu tormento, antes pelo contrario, amava-a cada vez mais.

Talvez que ainda lhe restasse um pouco de esperanza, e d'essa esperanza emanava a doce compaixão que sentia por Amparo.

Por outro lado, o conde de Loreto era um homem digno de ser amado. Quão doloroso teria sido para Ernesto vêr-se preferido por um homem indigno, por um ser desprezível, como acontece tantas vezes na vida!

Quantos exemplos se podem citar de levianas mulheres que espesinham a honra de homens illustres nos braços de amantes desprezíveis!

Ernesto reconhecia no conde grandes qualidades, e isto fazia-lhe menos culposa a conducta de Amparo. Conhecia tambem que, se o conde não fosse um homem superior e menos conhecedor do mundo, sabendo os antecedentes de Roma e Florença e a parecença de Esther com a mulher, tomaria isso por uma grave offensa e o assumpto não teria ficado assim. Talvez um duello, e, por conseguinte, o escandalo que segue casos d'esta natureza, teria augmentado as difficuldades a Ernesto para chegar até Amparo, para ser talvez amado por ella com a vertiginosa paixão do adultério. {161}

Com a conducta prudente, digna e sabia do conde, evitou todos os perigos que ameaçavam o marido, a mulher e o amante, cortando com um só golpe a cabeça á repugnante maledicencia, que já começava a levantar-se, sorrindo-se de uma maneira satanica.

Por isso, Amparo e Ernesto admiravam o procedimento do conde de Loreto, e este por seu lado, podia dormir tranquillo, com a segurança de que sua mulher não o trahiria. E emquanto a Ernesto, sabia que de rival intransigente se convertêra em amigo leal.

Amparo, comtudo, passou mal algumas noites. Amava com delirio o marido, mas convencida de que ella era a causadora da doença de Ernesto, temia o momento em que uma carta participasse a sua morte, isto é, que em seu peito entrasse o remorso, que tira o somno, que entristece a alma, que põe uma nuvem no coração.

.....
Mauricio chegou ao monte ao amanhecer do dia seguinte; Petra acabava de se levantar, e ouvindo assobiar correu a abrir a porta.

O caçador não vinha só. Acompanhava-o um homem com tres burros carregados com os objectos que o conde enviára a Ernesto.

—Tudo isto é para nos? perguntou Petra, depois de abraçar o marido.

—É para o senhor Ernesto, que lh'o manda um amigo de Madrid. Mas tambem trago um presente para ti.

—Isso já eu esperava porque os bons maridos não se esquecem das mulheres quando vão ás grandes cidades.

O homem começou a descarregar as caixas e o caixote, deixando tudo junto da porta.

Mauricio entretanto metteu dois dedos da mão direita no bolso do collete e tirou a *onza* que o conde lhe dera, dizendo em voz baixa: {162}

Pega: isto offereceu-me aquelle senhor a quem levei o javali e os quadros como gorgeta. É para comprares o que quizeres.

—Uma *onza*! Fizeste bem em a não trocares, porque a mulher cuidadosa pensa sempre no dia de amanhã, e, quando apanha á mão uma moeda d'estas, guarda-a como um remedio contra as necessidades da vida.

—E o senhor Ernesto? perguntou Mauricio.

—Ainda dorme.

—Hontem sahiu?

—Sim, um boccadito de manhã. Voltou muito cançado e comeu pouco. Coitado! está cada vez mais triste. Esta noite entrei no quarto para vêr se queria tomar alguma coisa, e encontrei-o com os olhos inchados, enegrecidos, como se tivesse chorado. Muito grande deve ser o seu desgosto.

Mauricio guardou silencio; e como o homem já tinha descarregado todos os objectos pagou-lhe, dizendo:

—Petra, dá a este homem alguma coisa de comer e de beber.

Mauricio entrou em casa, dirigindo-se ao quarto de Ernesto, e, como reinava o mais profundo silencio, pensou que se não respondesse, chamando baixinho, seria melhor deixal-o dormir.

Chamou, pois, á porta suavemente, mas a voz do hospede respondeu:

—Quem é?

—Sou, eu, senhor Ernesto.

—Ah! Mauricio! Espera que vou abrir.

Ernesto saltou da cama, abriu a porta e tornou a deitar-se.

—Bem vindo sejam, Mauricio. Não te esperava tão cedo. Abre a janella e dá-me conta da tua missão.

—O conde de Loreto é um sujeito muito generoso, disse Mauricio. Depois de me receber muito bem e de me dar de almoçar como a um príncipe, deu-me uma *onza* em ouro.

{163}

Mauricio continuou contando tudo quanto se passára em casa do conde e terminou:

—Emquanto a senhora condessa entregou-me esta carta para si e perguntando-me se era casado, disse-me: Pois dê este anel da minha parte a sua mulher para que tratem com muito cuidado o senhor Ernesto.

O pintor sentiu-se commovido até ao fundo d'alma. Mauricio comprehendeu o effeito das suas palavras, e, tirando a carta e o anel, entregou tudo ao hospede.

—Mas este anel é para tua mulher, disse Ernesto, fixando-o com um olhar penetrante.

Mauricio sorriu-se e disse:

—Isso é uma joia bôa de mais para quem está todo o dia a trabalhar. Póde guardal-a. E de mais, Petra não sabe de nada, e olhos que não vêem coração que não sente.

Ernesto não pôde conter a sua alegria e lançou-se nos braços de Mauricio, cujo procedimento delicado lhe causou profunda admiração.

—Ah! já me esquecia, disse Mauricio. Tambem os seus amigos da rua do Prado me deram esta carta para si.

E, entregando a carta, sahiu do quarto afim de deixar só o seu hospede, de quem começava a descobrir o segredo.

Ernesto, ao vêr-se só, beijou repetidas vezes o anel, apertando-o depois com delirio de encontro ao peito.

Leu a carta do conde e o post-scriptum da condessa, guardou-a juntamente com o anel n'uma gaveta da commoda, e, procurando serenar, disse:

—Ella não me esqueceu; isto sempre serve de consolação para o meu peito. Vejamos o que me dizem Marcial e André, os meus bons amigos.

Ernesto então leu:

{164}

«Illustre Robinson dos montes de Toledo

«Recebemos a *tua cabeça* e o *teu lombo*. e ámanhã brindaremos á tua saude no restaurant do *Armiño*.

«Não deves admirar-te de que te tenhamos na conta de um animal feroz, pois que outro nome não merece o homem que deixa as delicias de Madrid pelos selvagens barrancos dos montes de Toledo.

«Agora outro assumpto. Tens todas as probabilidades que te concedam o primeiro premio ao teu celebre quadro de Esther. Se assim fôr, iremos entregar-te a medalha de ouro, e beber comtigo uma duzia de garrafas de Champagne.

«Procura, comtudo, restabelecer-te rapidamente e voltares, porque nós preferimos comer sentados em volta de uma mesa, pisando alcatifas, recebendo o calor de fogões e a luz do gaz, do que comer no campo sobre o duro chão, acariciado pelas formigas e outros animaes importunos.

«Estimando-te sempre e admirando como nunca.

«Somos teus amigos

«*Marcial e André.*»

Ernesto sorriu-se tristemente quando acabou a leitura da carta.

—Ah! exclamou. Que feliz que é o mortal que encontra uma mulher que o ama e dois amigos leaes e carinhosos! Mas a felicidade nunca é completa para o homem. Só encontrei os amigos. Onde acharei a mulher?

E deixando cair a cabeça sobre o peito melancolicamente, ficou imovel como uma estatueta. {165}

CAPITULO XXVI

Uma caçada ás raposas

Se nos entretivessemos detalhando dia a dia a vida de Ernesto desde que chegou a casa de Mauricio até ao dia em que deixou de existir, fariamos um livro interminavel. Procuraremos, pois, tocar sómente nos pontos que julgamos mais importantes.

Ernesto, como dissémos, cançava-se muito a subir as encostas, e o ponto que escolhera para caçar não era dos mais commodos.

Um doente de peito pode caçar sem perigo, mas em terrenos planos que não cansem os pulmões; porém os montes de Toledo, os de Almenara e outros não têm nada de hygienicos para um caçador de pouca saude.

Poder-se-ha matar muita caça, respirar-se ar puro mas são fatigantes em demasia! Ernesto, pois, escolhêra mau sitio para se restabelecer, mas, como a vida lhe importava pouco, era o mais apropriado para lhe dar cabo dos seus arruinados pulmões.

Ernesto tratava-se pouco. Quando sentia a mente cheia de ideias tristes, pegava na espingarda, chamava os cães e sahia. Se tropeçava com um bando de perdizes, segui-as até que, cançado, se deixava cair no chão, permanecendo ás vezes mais de uma hora soffrendo angustias de morte.

Muitas vezes a noite surprehendeu-o nos barrancos, e Mauricio, sobresaltado, sahia em sua procura; e então o honrado caçador trazia-o ás costas até casa. Petra e Mauricio lamentavam em voz baixa a teimosia de Ernesto em não querer que se chamasse o medico do povoado proximo. {166}

—Está claro, dizia Mauricio. A dôr que o afflige é tal que deseja acabar depressa com a vida, e quando menos pensarmos encontramol-o morto no monte.

Demais Ernesto, cuja fraqueza era em extremo, ia perdendo as forças e o appetite, e tinha caprichos extraordinarios que faziam estremecer Mauricio.

Certa manhã do mez de março (nevára muito durante a noite anterior e o sol que começava a elevar-se no horisonte convertia o gelo em brando rócio que tornava difficil o transito pelas ladeiras dos barrancos). Mauricio e Ernesto estavam no cume de um monte, quando se aperceberam de que andava uma raposa n'um monte proximo. Ernesto disparou, e o arisco animal soltou um grunhido.

O tiro ferira a raposa nas patas trazeiras; mas com o instincto da conservação arrastou-se até a borda de um barranco, deixando-se cair para a frente.

Ernesto correu até chegar á mesma borda do precipicio.

Mauricio gritou-lhe:

—Cuidado, cuidado, senhor Ernesto. Por ahi não ha passagem.

Ernesto dirigiu um olhar para o abysmo, viu a raposa que fazia esforços desesperados para chegar a uma toca, onde por fim se metteu.

—Indubitavelmente tem alli a femea e os filhos. Se pudessemos descer... disse Mauricio.

—E porque não? respondeu Ernesto, avançando intrepidamente até a abertura do abysmo.

—O terreno está escorregadio; é uma temeridade descer por este despenhadeiro. Um pé em falso, uma tontura, precipital-o-hia a quinhentas varas de profundidade, sobre um leito de pedras.

Ernesto inclinou-se, e, agarrando-se a uma matta que vegetava na borda do abysmo, começara descendo, procurando apoio para os pés nas saliencias da rocha e nos arbustos que cresciam entre as fendas.

Mauricio advertiu segunda vez do perigo imminente que o seu hospede corria, mas Ernesto, detendo-se na sua descida e levantando a cabeça, disse sorrindo-se: {167}

—Não receies, meu bom Mauricio, ninguém morre sem que Deus queira; e se succeder faltarme o apoio que procuro tranquillamente, e precipitar-me no abysmo, previno-te de que na minha carteira acharás um testamento que te livra de toda a responsabilidade.

E continuou descendo.

Mauricio sustinha com trabalho os cães, olhando com admiração para Ernesto.

Não faltava valor ao caçador para descer por aquelle difficil e perigoso caminho; mas isto teria sido uma imprudencia, pois, descendo atraz, augmentava muito o perigo do pintor.

Mauricio era um bom christão, acreditava nos destinos da Providencia, e, calculando que d'aquelle perigo só Deus podia salvar Ernesto, encommendou-o com fervor ao Altissimo.

A descida de Ernesto até chegar ao penedo onde se havia refugiado a raposa ferida, durou quatro minutos.

O pintor dirigiu um olhar sereno para o abysmo, murmurando em voz baixa:

—Mais profunda é a soledade da minha alma.

Mauricio fechou os olhos muitas vezes, julgando que o seu amigo ia despenhar-se, quando ao pôr o pé ou a mão em algum apoio este cedia.

Por fim Ernesto chegou a uma especie de plataforma. Alli estava seguro, mas era extremamente difficil subir, visto necessitar para isso de muita força nos pulsos.

De repente Mauricio, que se dispunha a descer, viu que as pernas de Ernesto se dobravam e que caía desamparado sobre as rochas que o sustentavam, dando com a cabeça n'um soveiro, que providencialmente o salvou de uma queda fatal.

Mauricio soltou um grito. Ao principio julgou que o seu hospede rolasse para o abysmo, e então era indubitavel que o seu corpo, feito em mil pedaços, não pararia senão quando chegasse ao fundo. Com grande surpresa sua, viu que o mesmo soveiro que crescia na fenda da rocha deteve o corpo da queda mortal, mas observou tambem que o corpo estava immovel e como morto e que da bôcca sahia algum sangue. {168}

Mauricio, deixando-se levar pelo seu generoso coração, confiado nas suas herculeas forças desceu rapidamente até onde estava Ernesto, completamente desmaiado.

Durante dez minutos fez todos os esforços imaginaveis para o tornar a si; ora lhe chegava a garrafa do rum ao nariz, ora lhe banhava as fontes com agua fria. Nada: Ernesto parecia um cadaver.

Então, desprezando o perigo que o cercava, tirou a cinta, atou Ernesto a ella, prendendo-o pela cintura, e, com o desespero do naufrago, começou a trepar pela ladeira levando suspenso á cintura o inanimado corpo do seu hospede, que oscillava sobre o abysmo como a pendula de um relógio.

Se a bôa Petra tivesse chegado n'aquella occasião e visto o perigo que o marido corria, certamente morreria de susto. Deus, evidentemente, que vê e premeia as bôas-acções, deu n'aquelle momento forças a Mauricio para chegar ao cume, salvando o hospede e salvando-se elle proprio.

Quando se viu fóra do abysmo, soltou um d'esses suspiros que dilatam o peito e, ajoelhando-se junto ao corpo inanimado do seu companheiro, deu graças á Providencia, que os salvara de tão imminente perigo.

O pintor continuava sem voltar a si.

Mauricio pôz depois as duas espingardas ao hombro, levantou com os seus robustos braços Ernesto e encaminhou-se precipitadamente para casa, que não ficava muito longe.

Petra ao vê-o entrar pallido, coberto de suor, a respiração offegante e com Ernesto desmaiado nos braços, cujo rosto estava manchado de sangue, soltou um grito de espanto e disse:

—Que foi, Mauricio? Que succedeu? Morreu o senhor Ernesto? {169}

—Não, não morreu, respondeu Mauricio, está apenas desmaiado. Não te assustes e ajuda-me a mettê-lo na cama.

Um quarto de hora depois Ernesto abriu os olhos, dirigiu um olhar vago em redor, e vendo Mauricio e Petra juntos de si, estendeu-lhes as mãos e disse com difficuldade:

—Obrigado, meus amigos, devo-lhes a vida e agradeço-lhes de toda a minha alma, porque não quero morrer emquanto não concluir os tres retratos que prometti ao conde de Loreto.

—Mau! mau! disse o caçador. É verdade que o perigo foi grande, mas já lá vae. Que maldita

raposa.

Ernesto não respondeu, mas, pegando na mão de Mauricio, apertou-a de encontro ao peito com fraternal carinho.

CAPITULO XXVII

O anjo da morte

Durante quinze dias, Ernesto não saíu de casa; pintava de manhã e de tarde. Só alguns curtos momentos deixava a sua tarefa, para dar um passeio em frente de casa.

Vendo pintar aquelle joven febril com os olhos encovados e a respiração fatigante, dir-se-hia que tinha esse afan do homem de genio que presente a morte e que quer concluir a obra que o deve immortalizar.

Estavam concluidos os retratos do conde, e de D. Ventura e tinha entre mãos o de Amparo.

Ás vezes chamava Mauricio e perguntava-lhe:

—Conhécel-os? Parecem-se?

—Oh! Muito! São elles por uma penna.

{170}

Depois dava um charuto a Mauricio, accendia outro, apesar da tosse que o fumo lhe causava, e continuava pintando.

No quarto do pintor, graças ás offertas do conde de Loreto, encontravam-se todas as commodidades apetecidas. Quatro pelles de leão almofadavam o sobrado; duas commodas cadeiras de braços forradas de marroquim recebiam o pintor quando se sentia fatigado.

Muitas vezes dizia o pintor, sentado junto do fogão e tomando uma chavena de café:

—Isto não é viver n'um monte: é ter um oasis no meio d'um deserto.

Certa manhã recebeu uma carta dos seus amigos Marcial e André, dizendo-lhe que lhe haviam conferido o primeiro premio e que lhe iam levar a medalha: que mandasse um homem á estação de Toledo para os acompanhar ao monte.

Ernesto chamou Mauricio e disse-lhe:

—Ámanhã devem chegar a Toledo uns amigos de Madrid que veem passar alguns dias commigo. É preciso que os vás esperar á estação, que arranjes cavallos para o que fôr preciso e que os tragas para aqui. Tambem seria bom que trouxesses da cidade o que tua mulher precisar.

Ernesto guardou os retratos para que os seus amigos não vissem. Era avaro do seu thesouro, não queria que o profanasse a publicidade.

Marcial e André não eram caçadores; mas a caça é agradável a todos os homens, sem duvida porque os coelhos não usam revólver para se defenderem, nem as perdizes disparam dardos contra os seus perseguidores.

Dizem que a caça é a imagem da guerra, sem duvida porque se queima polvora e se derrama sangue; mas a mim parece-me que da guerra á caça vae muita differença e bem crente estou de que o governo não passaria todos os annos trinta e seis mil licenças de caça se o caçador corresse tanto perigo como o soldado deante do inimigo.

{171}

Mas se todos gostam de disparar contra os inoffensivos coelhos, as ladinas perdizes e as ligeiras lebres, não é para admirar que qualquer habitante da cidade, ao encontrar-se n'um monte, povoado de caça e tendo á sua disposição uma espingarda, não tente derramar sangue, ainda que não seja senão para se baptisar com a cruz de Santo Eustachio.

Chegaram os amigos de Ernesto e depois dos abraços e das exclamações ante o selvagem panorama, falou-se do quadro de Esther; almoçaram, tomaram café, beberam tres garrafas de Champagne e pensaram em caçar visto haver espingardas e caça.

Mauricio propoz uma batida e se bem que os caçadores não fossem muito felizes, em compensação viram correr e voar muita caça.

Á noite, Petra serviu uma ceia, senão muito variada, pelo menos muito abundante.

A mocidade tem bom estomago. Comeram bem e beberam muito melhor. Falou-se de Ernesto chegar a Madrid e este disse:

—Não penso por enquanto em abandonar estes montes, porque estou aqui perfeitamente. Convenci-me de que a solidão do campo e o ar saudavel d'estas serras me são muito mais proveitosas do que a vida agitada da cidade.

Todas as reflexões de Marcial, todos os conselhos de André não conseguiram demover Ernesto. Os amigos convenceram-se de que seria inutil falar em semelhante assumpto.

Os amigos do pintor ficaram com elle mais tres dias. Chegou a hora da partida. Marcial tinha em ensaios uma comedia e não podia retardar o seu regresso a Madrid. Despediram-se promettendo fazer outra visita no mez de maio, se Ernesto até então não tivesse abandonado os montes.

Ernesto, n'um ponto elevado, viu-os afastarem-se montados nos cavallos e cantando o côro das bruxas de Macbeth.

—Aquelles são felizes, disse com tristeza, porque em seus corações vive a alegria da juventude, a esperança da gloria. Ide em paz, meus amigos, a quem nunca mais verei, a não ser que exista alguma cousa da vida occulta ao olhar do homem para lá d'esse céu azul que se estende sobre a minha cabeça. {172}

Ernesto sentou-se. Uma volta do caminho tinha occultado os amigos, a quem, como acabava de dizer, não tornaria a vêr.

Durante uma hora ficou immovel como o penedo que lhe servia de apoio.

Depois levantou-se, vagarosa e tristemente, dirigiu-se para casa, tirou o retrato de Amparo, collocou-o no cavallete e pôz-se a pintar.

Quando algum conhecido de Mauricio ia caçar aos montes, Ernesto fechava-se no seu quarto e poucas vezes sahia. Pintava, lia, e bebia rum.

Estava muito doente, mas continuava regeitando os conselhos dos amigos e os auxilios da sciencia.

Durante os mezes da primavera, pareceu fortalecer-se alguma cousa. Passou o verão um tanto alliviado, trabalhava pouco, e ainda por duas vezes mandára Mauricio a Madrid levar quadros de caça ao conde, ficando em seu poder os retratos completamente concluidos, dizendo:

—Isto será a minha despedida, o meu testamento. Chegou o mez de outubro, e Ernesto com os primeiros frios, apanhou uma recahida e perdeu por completo o appetite; apenas se levantava para se sentar na cadeira e d'esta para se metter na cama. Mauricio e Petra insistiram varias vezes com elle para o convencer a que chamasse o medico.

—É inutil, meus amigos, dizia-lhes, talvez que em breve me faça mais falta um sacerdote.

Uma noite, Ernesto peorou a tal ponto, que Mauricio, sem o consultar, montou a cavallo, foi ao povoado de Orgaz e trouxe um medico.

Ernesto, ao vê-lo entrar, ao perceber a que vinha, encolheu os hombros, dirigiu um olhar de gratidão a Mauricio, e disse: {173}

—Tudo isso é inutil. O que preciso ámanhã é de um sacerdote.

O medico viu effectivamente que a doença de Ernesto era incuravel, receitou por simples formalidade e disse que o chamassem se houvesse mais alguma novidade.

Ao sahir, disse a Petra:

—Chamem o padre com urgencia, porque este homem apenas tem tres dias de vida.

Petra chorou, e contou ao marido o que o medico lhe dissera.

Estavam verdadeiramente impressionados.

Quando Mauricio á noite entrou com a luz no quarto de Ernesto este estava sentado n'uma cadeira proximo da mesa.

Ardia um bom fogo no fogão e, apesar do frio não ser muito, Ernesto queixava-se de que se sentia gelado; era a morte, que avançava a passos gigantescos para se apoderar do coração, para extinguir a vida n'aquelle corpo, para separar a alma da materia.

—Mauricio, poe ahi a luz, aproxima uma cadeira, senta-te aqui a meu lado, disse o pintor, porque temos muito que conversar e não temos tempo a perder.

Mauricio obedeceu sem dizer uma palavra. Só de quando em quando olhava para o cadaverico semblante do seu hospede, pensando que já tinha visto defuntos com muito melhor parecer.

—Tudo n'este mundo tem o seu fim, meu amigo, ajuntou Ernesto com voz fraca e pausadamente. O dia nasce e morre como a planta e o homem. A vida, como o canto do passaro, como as folhas das arvores, está sujeita á vontade do Creador. Rebellarmo-nos contra tal, é uma loucura, uma temeridade ou uma cobardia. Ninguem se salva da morte, ainda que diga com toda a força do seu desespero: «Não quero morrer.» Assim, pois, é preciso resignarmo-nos. Toda a sabedoria, toda a sciencia, toda a grandeza do homem não é sufficiente para prolongar um segundo sequer a sua vida. Alexandre como Cesar, Aristoteles como Cicero, morreram quando soaram as suas horas, apesar de serem quem foram. A minha aproxima-se e é preciso preparar tudo para a minha ultima viagem.

{174}

Ernesto deteve-se, respirou, levou a mão ao peito e fixou os olhos em Mauricio, cujo semblante compungido, manifestava a profunda magua da sua alma, porque as palavras sentenciosas e tristes do seu hospede, a quem estimava como a um pae, o affligiam.

—Quero, pois, meu bom Mauricio, inteirar-te do que tens a fazer no dia seguinte ao da minha morte, que não está longe. Por isso, te pedi para te sentares e que me prestasses attenção. Dei grandes incommodos tanto a ti como a tua mulher; têm sido bons amigos para mim, devo-lhes muitos favores, e é por conseguinte meu dever não os esquecer na hora da minha morte. Quizera ser rico como um nababo para lhes deixar toda a minha fortuna, pois bem sabes que não tenho herdeiros forçados; mas, apesar de ser muito pobre, farei tudo quanto possa para os recompensar em parte de todos os beneficios que recebi.

—Mas, senhor Ernesto, nós é que devemos estar agradecidos ao senhor, disse Mauricio, porque desde que tivemos a fortuna de o vêr entrar para nossa casa, têm sido muito maiores as recompensas que temos recebido do que os insignificantes serviços que lhe temos prestado. Por isso não temos que falar sobre esse assumpto.

—O interesse e o carinho que têm dispensado a este pobre doente, nunca o pagarei sufficientemente. Mas deixemos esse assumpto, e ouve.

Ernesto fez uma pausa, pegou n'um rolo de papeis e n'uma carta, e disse:

—Quando eu morrer, e depois do meu enterro, vaes a Madrid onde tens duas commissões a desempenhar da maior importancia. Esta carta para os meus amigos da rua do Prado, e os tres retratos e esta outra carta para o senhor conde de Loreto. Indubitavelmente todos, ao saberem que deixei de existir, querem saber pormenores da minha morte. Dize-lhes o que vires, a verdade. E agora só me falta dizer-te que encontrarás escripto e assignado n'esta folha de papel, que te deixo como herança, como livre senhor que sou de tudo, que me pertence; isto é, tudo isto que nos rodeia, inclusivamente o pouco dinheiro que eu tiver na gaveta da commoda, é teu e de tua mulher.

{175}

Mauricio que havia já um bocado luctava para suster as lagrimas, levou as mãos aos olhos.

—Vamos, não te afflijas; da-me um abraço e vae-te deitar. Só tenho ainda a pedir-te para que amanhã cedo me tragas um padre, porque é bom pensar em Deus alguns minutos antes de morrer, quem esteve tantos annos occupando-se sómente dos pygmeus da terra.

Mauricio precisava sahir d'aquelle quarto para chorar desafogadamente; entrou na cosinha, contou a Petra tudo quanto se passára e acabaram por desatar em amargo pranto.

N'aquella noite nem Petra nem Mauricio puderam dormir.

De quando em quando vinham em bicos de pés até a porta do quarto de Ernesto, e espreitavam pelo buraco da fechadura.

Ernesto continuava sentado na cadeira, ora escrevendo, ora com os cotovellos encostados na borda da meza, e a cabeça apoiada nas mãos.

Pouco antes de amanhecer, Mauricio montou a cavallo e foi chamar o padre.

Ás sete da manhã, Ernesto viu entrar um velho de rosto bondoso e cabellos brancos. A batina preta, a sobrepele, e sobretudo a doce expressão d'aquelle rosto, fel-o comprehender que tinha na sua presença o pastor das almas d'algum povoado proximo.

O sacerdote e o pintor estiveram fechados tres horas. O que disseram pertence ao segredo inviolavel da confissão.

Quando o padre sahiu, entrou Mauricio.

{176}

Ernesto disse-lhe:

—Faze favor de pôr uma tela no cavallette e de o levares bem como esta cadeira para proximo da janella. Vou fazer o meu ultimo trabalho.

Ernesto pegou na paleta, nos pinceis e sentou-se porque não podia trabalhar de pé, principiando a esboçar uma Nossa Senhora das Dôres.

Apezar do seu estado, pintava com incrivel ligeireza.

A febre da morte guiava-lhe a mão.

Em dia e meio pintou uma formosa mãe do Nazareno, de corpo inteiro; mas aquella virgem, apezar da doce melancholia do seu semblante, era um perfeito retrato da condessa de Loreto.

Evidentemente aquella obra feita de momento, aquelle trabalho feito ás portas da morte, era uma das melhores obras de Ernesto.

Mauricio e Petra ficaram assombrados ao verem-no concluido.

—Ah! Que pena um homem assim morrer tão novo! exclamou o rude caçador n'um arranco de sublime entusiasmo.

—Mauricio, disse Ernesto, quando eu morrer entregarás este quadro ao sacerdote que me ouviu em confissão, e diras que, já que os francezes roubaram de uma capella da sua modesta igreja uma formosa Senhora das Dôres, eu offereço-lhe esta para que a ponha no seu logar, apezar de não valer, estou certo, nem a quinta parte do que valia a outra.

No dia seguinte, Ernesto conheceu que lhe restava poucos minutos de vida.

O sol entrava pela janella.

O enfermo permaneceu cêrca de meia hora com o olhar fito no céu e as mãos postas em religioso recolhimento.

Petra e Mauricio, que estavam a seu lado, não se atreviam a interrompê-lo d'aquelle doce extasis.

—Meus amigos, disse Ernesto, extendendo os braços e, pegando nas mãos de Petra e de Mauricio, vêem aquella nuvensinha branca que está suspensa no espaço? {177}

Os dois olharam para o céu, mas não viram nuvem nenhuma, contudo Petra respondeu com voz fraca:

—Sim.

—Pois bem, no meio d'essa nuvem vem o anjo da morte buscar-me. Oh! É mais bello do que eu o suppunha. Os seus trajes são brancos como o disco da lua, brilhante como a prata polida. Os seus olhos são negros e de um brilho raro. O seu rosto, pallido e cheio de bondade, sorri-se com um sorriso frio que penetra até a medulla dos ossos. Sobre a fronte lê-se a palavra *Perdão*, e os seus braços extendem-se até mim como para me receber. Ah! Se eu pudesse retratá-lo!... Mas experimentemos. Dá-me a paleta e os pinceis! Põe uma tela no cavallette!

Ernesto apertava as mãos de Petra e Mauricio; mas subitamente soltou-os e dando um debil gemido, levou-as aos olhos e disse:

—Não posso!... Não posso!... Perdi a luz dos olhos!... Estou cego!... Amparo!... Amparo!... Amote como sempre!... Meu Deus!... Recebei-me!...

Os braços do pintor caíram sem forças, estremeceu todo o corpo, abriram-se-lhe e fecharam-se-lhe tres vezes as palpebras, e um debil suspiro se lhe escapou do peito.

Depois ficou immovel na cadeira e reinou o silencio frio da morte.

A alma do pintor abandonára a materia.

Ernesto já não existia.

Pobre filho do genio! Pobre sonhador que trocou a sua gloria, o seu futuro, por um beijo.

Mauricio e Petra ajoelharam junto da cadeira onde jazia o seu hospede, e com os olhos cheios de lagrimas, resaram pelo eterno descanso d'aquelle desventurado moço que tinha deixado de existir, e em cujos pallidos e entreabertos labios julgavam ver um sorriso triste, lamentoso, como a morte que lh'o produzira. {178}

CAPITULO XXVIII

Conclusão

O sacerdote, que ouvira o pintor em confissão, em signal de agradecimento pela bellissima Senhora das Dôres que elle offerecera á sua igreja, resou uma missa cantada pelo descanso da alma do artista.

Mauricio deu sepultura ao corpo de Ernesto no cemiterio da villa de Orgaz.

Depois de cumpridos estes tristes deveres, Mauricio dispôz-se a cumprir as ultimas vontades do seu hospede.

Preparou tudo para a viagem e disse á mulher:

—Ámanhã vou a Madrid desempenhar-me das commissões de que me encarregou o senhor Ernesto. Durante a minha ausencia se não queres ficar só levar-te-hei até Toledo. Calculo não me demorar mais de tres dias.

—Vae socegado e sem pressa; eu não deixo a casa onde estão os nossos haveres. Demais, os pastores têm as choças aqui perto, e se tivesse necessidade, bem sabes que me prestariam qualquer auxilio.

Mauricio partiu.

A carta que Ernesto escrevêra aos seus amigos da rua do Prado, resumia-se a uma terna despedida.

Sigamos, pois, Mauricio, a casa do conde de Loreto.

Fernando del Villar, por quem uma carruagem esperava á porta, descia a escada do seu palacio quando viu entrar Mauricio com os tres quadros perfeitamente empacotados.

O conde parou ao reconhecer o caçador dos montes de Toledo.

{179}

—Ah! É o senhor? lhe disse. Como está Ernesto?

—Morreu! respondeu Mauricio.

—Como? Morreu?

—Ha quatro dias, senhor conde.

—Pobre rapaz! Mas suba, suba.

O conde começou a subir precipitadamente, seguido de Mauricio, atravessou varias casas e por fim entrou n'um elegante e luxuoso escriptorio.

—Morreu!... repetiu o conde deixando-se cair n'uma cadeira. Pobre Ernesto! Não esperava semelhante noticia. Sente-se, sente-se, meu amigo, e diga-me qual o fim da sua vinda, porque creio que ha mais alguma cousa do que annunciar-me tão irreparavel desgraça.

—O senhor Ernesto encarregou-me na vespera da sua morte de trazer ao senhor conde estes tres retratos e esta carta.

O conde levantou-se, desatou o cordão que prendia os quadros, e, collocando cada um em sua cadeira, levantou o estore da janella para que entrasse mais luz.

Quando os olhos se fixaram nos retratos, e em especial no da condessa, não poude conter uma exclamação, um grito de assombro.

—Isto é admiravel! Isto é admiravel! Que pena que homens assim vivam tão pouco!

E ficou immovel como que extasiado deante do retrato da mulher.

O conde era um conhecedor de pintura. Viajára muito e vira muitissimo; conhecia toda essa collecção de retratos celebres, que honram os seus auctores, pendurados em exposição nas paredes dos museus; mas nenhum ainda lhe produzira tanta admiração como a tela que tinha ante si.

O retrato de Amparo era uma obra-prima, pelo desenho, pelo colorido e sobretudo pela parecença.

Demais a bôcca d'aquella mulher, perfeitamente modelada, tinha uma expressão tal que parecia ter vida. Dir-se-hia que aquelles labios humidos, de uma côr bella, um pouco entreabertos, palpitantes de amor e de ternura, iam dar um d'esses beijos que inflammam para sempre a alma do homem que o recebe.

{180}

Os olhos, de belleza irresistivel, meio velados pelas compridas pestanas exprimiam tambem amor e melancholia.

Ao conde de Loreto nunca parecêra tão formosa a mulher como n'aquelle momento em que comparava o original com o retrato; mas aquelle retrato, onde a mão do pintor, sem se servir da adulação, possuia alguma cousa mais do que a frialdade immovel da pintura, tinha por assim dizer a alma do artista occulta atraz dos olhos e atravez aquella bôcca encantadora.

Ninguem, ao vêr o retrato, duvidaria de que estava um beijo suspenso dos divinos labios

d'aquella mulher, e, comtudo, o pintor não violára nem uma só linha, nem na mais delicada sombra, a posição natural d'aquella incomparavel bôcca.

O conde, que assim o comprehendeu, teve o retrato por uma obra-prima, e, amante da arte que immortalizou Raphael, não podia desviar os olhos do quadro.

Durante um quarto de hora Fernando permaneceu como um extasiado. Mauricio estava triste e silencioso a seu lado.

Quando se cançou de contemplal-o, viu que tinha uma carta na mão. Era a que pouco antes lhe entregára o honrado Mauricio.

Rasgou o envelope e leu:

«Senhor conde de Loreto.

«Prestes a entregar a alma a Deus e o corpo á terra, pego na penna com mão fraca para lhe enviar as minhas despedidas.

«Quando receber a minha carta já terei deixado de existir. Um sêr a menos na terra, uma particula de pó a mais em algum ignorado cemiterio d'estas regiões; mas em compensação, outros seres nascem, emquanto o vento levanta o pó dos que morrem. O mundo segue o seu caminho: esta é a cadeia da humanidade. {181}

«Remetto-lhe os tres retratos offerecidos. São as minhas ultimas obras; depois d'ellas os meus pobres pinceis não offenderão mais a arte inutilizando telas, estragando tintas. O unico merito que se lhe poderá attribuir será a parecença, e isso, sem duvida por que eu, durante o meu voluntario e penoso desterro, me não esqueci nem um só instante dos meus amigos.

«Vou concluir pedindo-lhe, senhor conde, um favor. Mauricio e Petra, isto é, o portador d'esta e sua mulher, foram durante a minha doença dois irmãos carinhosos. Se eu fosse tão rico como Salomão, deixar-lhes-hia toda a minha fortuna e creio que assim mesmo não lhes pagaria quanto lhes devo; mas sou pobre, e só posso pagar-lhes com amor e agradecimento os beneficios recebidos.

«Assim, pois, senhor conde, peço-lhe que entregue a Mauricio o valor que der aos tres retratos para que tenham com essa importancia uma recompensa do muito que lhes devo.

«Mauricio é um honrado caçador de profissão que me serviu com desinteresse e sem esperanza de recompensa: não sabe portanto que me occupo d'elle n'esta carta.

«Desculpe-me, senhor conde, a liberdade que tomo, e não se esqueça de que ao soltar o meu ultimo suspiro bemdirei os meus amigos.

«Apresente os meus respeitos á senhora condessa e dê um abraço de eterna despedida ao meu bom amigo D. Ventura.

Ernesto.»

O conde acabou a leitura da carta commovido, dobrou-a e guardou-a na algibeira. {182}

Nos olhos havia uma certa humidade, devida ás lagrimas.

Mauricio, vendo que o conde guardava silencio, e desejando acabar com aquella visita, disse:

—Se o senhor conde m'o permite, retiro-me, pois preciso ainda esta noite regressar a Toledo.

O conde dirigiu-se para o cofre, abriu-o, e, depois de pensar um momento, começou a contar notas de banco.

—Mauricio, disse Fernando, ignora sem duvida qual a missão de que o meu amigo Ernesto me encarrega n'esta carta.

—Só me disse para a entregar ao senhor conde juntamente com os retratos.

—Pois bem; Ernesto encarrega-me de lhe entregar seis mil duros que lhe devo.

—A mim? disse admirado o caçador.

—Sim, a si.

—Mas que devo fazer a esse dinheiro? Porque elle nada me disse ao morrer.

—Guardál-os para si.

—É impossível! Seis mil duros é uma fortuna para um pobre como eu.

O conde, admirado da honradez d'aquelle homem, teve um nobre pensamento, e ajuntou:

—Desculpe-me; enganei-me.

—Eu logo vi que não podia ser, disse Mauricio quasi contente.

—Enganei-me na importancia, continuou o conde: em lugar de seis mil duros são dez mil.

Mauricio empallideceu. Era uma fortuna.

O conde entretanto contou dez mil duros em notas do banco de quatro mil *reales*, e, collocando-os depois n'uma bandeja, aproximou-se de Mauricio, dizendo:

—Isto é o que Ernesto Alvarez deixa como herança a Mauricio e Petra pelo seu generoso comportamento, pelos seus bellos sentimentos. Agora eu, o conde de Loreto, offereço a Mauricio, quando se faltar de ser caçador, o lugar de administrador em um monte nas Asturias, com vinte e cinco reales por dia, casa, lenha e mais vantagens que me não recordam agora. {183}

E o conde, apertando a mão ao honrado montanhez, ajuntou:

—Vá a Toledo, diga a sua mulher o que o senhor Ernesto dispôz na sua ultima carta, pense socegradamente o que mais lhe convêm, que aqui me encontrará sempre disposto a cumprir a minha palavra.

Mauricio pegou com a mão trémula nos dez mil reales, apertou depois de encontro ao peito a mão do conde e, com olhos marejados de lagrimas e o parecer bastante commovido, disse:

—Mas que fiz eu para merecer tantos favores?

—Foi um homem de bem, um homem justo, respondeu o conde.

—Ah! a minha pobre Petra vae enlouquecer de alegria. Ella que dentro em pouco vae ser mãe! Ella, que nunca viu cem mil reales! Ella que é tão boa! Todos os nossos filhos aprenderão a bem dizerem os nomes do senhor Ernesto e do senhor conde de Loreto.

Fernando acompanhou Mauricio até á porta, depois voltou para o escriptorio e, sentando-se em frente do retrato da mulher, disse:

—Ernesto não existe, mas nos labios d'este retrato, n'aquella bôcca doce, apaixonada, amorosa como um beijo, deixou escripta a historia da sua morte.

FIM

{184}

[1] Um duro corresponde a 900 réis e um real a 50 réis, approximadamente.

[2] Moeda de ouro, que vale approximadamente 14\$500 réis.

N. do T.

INDICE

- CAPITULO I—Uma chavena de café
- CAPITULO II—Uma noite no Colyseu
- CAPITULO III—Sonhos côr-de-rosa
- CAPITULO IV—O pintor e o judeu
- CAPITULO V—O grupo de Niobe
- CAPITULO VI—Um beijo
- CAPITULO VII—Separação
- CAPITULO VIII—Caminho de Hespanha
- CAPITULO IX—De Florença a Paris
- CAPITULO X—A rosa de brilhantes
- CAPITULO XI—Mais um

- CAPITULO XII—Como se pede
- CAPITULO XIII—Os tres amigos
- CAPITULO XIV—Curiosidade não satisfeita
- CAPITULO XV—Carta interrompida
- CAPITULO XVI—Propostas
- CAPITULO XVII—Confiança
- CAPITULO XVIII—A golfada de sangue
- CAPITULO XIX—Pagar a hospitalidade
- CAPITULO XX—Abnegação
- CAPITULO XXI—Abandonando Madrid
- CAPITULO XXII—Vida de recordações
- CAPITULO XXIII—Uma caçada
- CAPITULO XXIV—Uma carta e um anel
- CAPITULO XXV—O regresso de Mauricio
- CAPITULO XXVI—Uma caçada ás raposas
- CAPITULO XXVII—O anjo da morte
- CAPITULO XXVIII—Conclusão

Livraria Editora Guimarães & C.^a

68—RUA DO MUNDO—70

LISBOA

CONDESSA DE GENCÉ

Guia mundano das meninas casadoiras, 1 vol. br. 500, enc. 700

D. JOÃO DA CAMARA

Meia noite, drama. 500

Contos, 1 vol. 600

A cidade, versos, 1 vol. 300

DELFIN GUIMARÃES

Outonaes, 1 vol. 500

Aldeia na Corte, 1 vol. 500

O Rosquedo, 1 vol. 200

Juramento Sagrado, 1 vol. 200

Ares do Minho, 1 vol. 200

Flores do mal, interpretação em versos portugueses, de poesias de Baudelaire, 1 vol. 700

Bernardim Ribeiro, (o poeta Crisfal), 1 vol. 800

Theofilo Braga e a lenda do Crisfal, 1 vol. 500

DR. A. DA SILVA GAYO

Mario, romance historico, 1 vol. ill. br. 1\$700, enc. 2\$200

CARLOS BENTO DA MAIA

Tratado completo de cosinha e de copa. 1 vol., br. 2\$000, enc. 2\$500

Tratado de risco e côrte de roupa, 1 vol. 600

JOSÉ VALDEZ

O cão, raças, hygiene, ensino, e tratamento, 1 vol. 500

ANDRÉ ANGIULI

A pedagogia, o estado e a familia, 1 vol. 300

JULIO PAYOT

A moral na escola, 1 vol. 400

A educação da vontade, 1 vol. 500

DR. MAURICIO DE FLEURI

Para prolongar a vida, 1 vol. 400

MIGUEL CERVANTES

D. Quixote de la Mancha, ed. ill. com 200 grav. 2 vol. br. 2\$400, enc. 3\$200

FRANCISCO D'ALMEIDA

Thesouro domestico, receitas e processos uteis, 1 vol. 800

JOÃO CHAGAS

O Crime da Sociedade, 2 vol. in-4.º, ill. 1 vol. 3\$600

LEÃO TOLSTOI

A escravidão moderna, 1 vol. 200

A Sonata de Kreutzer, 1 vol. 200

O canto do cysne, 1 vol. 200

Ana Karenine, 3 vol. 600

CAROLUS E LADOUCETE

Os amores de Napoleão, romance historico. 1 vol. de 1000 pag. profusamente ill. br. 2\$000, enc. 2\$600

OCTAVIO MIRBEAU

Memorias de uma criada de quarto, 1 vol. 600

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK HISTORIA DE UM BEIJO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format

with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™’s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational

corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.